

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS**

BÓRIS RIBEIRO DE MAGALHÃES

**PARA ALÉM DA FORMA: IMPACTOS DAS PRÁTICAS DOS VIGILANTES DO
PESO NO CORPO E NA AUTO-IMAGEM DOS OBESOS, MARÍLIA SP.**

**Marília
2008**

BÓRIS RIBEIRO DE MAGALHÃES

PARA ALÉM DA FORMA: IMPACTOS DAS PRÁTICAS DOS VIGILANTES DO PESO NO CORPO E NA AUTO-IMAGEM DOS OBESOS, MARÍLIA SP.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP - Campus de Marília para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de Concentração: Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Luís Antônio Francisco de Souza

Marília
2008

Magalhães, Bóris Ribeiro.

M188p Para além da forma: impactos das práticas dos Vigilantes do Peso no corpo e na auto-imagem dos obesos, Marília, SP / Bóris Ribeiro Magalhães. – Marília, 2008.
153 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2008.

Bibliografia: f. 149-153

Orientador: Dr. Luís Antônio Francisco de Souza

1. Corpo. 2 Vigilantes do Peso. 3. Obesidade. 4. Disciplina. 5. Subjetivação. I. Autor. II. Título.

CDD 306.4613

BÓRIS RIBEIRO DE MAGALHÃES

PARA ALÉM DA FORMA: IMPACTOS DAS PRÁTICAS DOS VIGILANTES DO PESO NO CORPO E NA AUTO-IMAGEM DOS OBESOS, MARÍLIA SP.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília – UNESP – Universidade Estadual Paulista para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Dr. Luís Antônio Francisco de Souza (Orientador)

Departamento de Sociologia e Antropologia - Faculdade de Filosofia e Ciências
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Dr. José Luiz Guimarães

Departamento de Psicologia Experimental e do Trabalho - Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

D^a. Lídia Viana Possas

Departamento de Ciências Políticas e Econômicas - Faculdade de Filosofia e Ciências
Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho

Marília
2008

A Minha mãe, *in memoriam*.

AGRADECIMENTOS

A CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio através da concessão de bolsa de mestrado e pelo auxílio da reserva técnica para participação de congressos.

Ao meu orientador Luís Antônio Francisco de Souza, pelo apoio, pela amizade e competência, que foram fundamentais para execução desse trabalho.

Aos debatedores da Qualificação Marcos César Alvarez e Pedro Ângelo Pagni, pelas observações que deram norte para a conclusão da pesquisa.

Aos professores: Fátima Cabral, José Carlos Bruni, Claude Lépine, Paulo Cunha, Sueli Mendonça e Marcelo Fernandes Oliveira que de alguma forma contribuíram me ouvindo e me incentivando em momentos que pareciam insuperáveis.

Aos Funcionários da UNESP (Campus de Marília/ SP) pela atenção sempre dedicada e carinhosa. Ao pessoal da Seção de Pós-graduação, as Meninas da biblioteca e do departamento de Sociologia e Política.

Aos amigos do GESP – Grupo de Estudos em Segurança Pública – pelas acaloradas discussões que sempre contribuíram com o meu crescimento intelectual.

Aos amigos da Cantina que com paciência e muito amabilidade ajudaram para que eu construísse mais uma etapa da vida e a Silvana Guijo pela presteza.

RESUMO

A presente dissertação busca em seus objetivos compreender as representações sociais do corpo, com ênfase na construção do corpo obeso através das práticas corretivas que visam agir sobre o controle do peso. A pesquisa pretende observar as práticas, os discursos e os métodos de normalização do corpo na instituição dos “Vigilantes do Peso” (VP), entidade voltada à correção dos hábitos alimentares considerados irregulares. Ao mesmo tempo, a pesquisa pretende compreender a maneira com que os obesos representam seu corpo e como justificam a sua adesão às práticas do VP. A reflexão baseia-se nas leituras de Michel Foucault sobre disciplina e norma, bem como sobre bio-política. O que está em jogo no debate são as diferentes maneiras de como, na modernidade, o corpo passou a ser objeto de intervenção de poderes e de investimento subjetivo. A pesquisa pretende adicionalmente descrever e analisar as práticas cotidianas dos usuários do VP. Para tanto, foram realizadas observações diretas dessas práticas com o intuito de descrever as confissões realizadas durante as reuniões da instituição. Os VP representam um novo tipo de instituição na modernidade tardia. Em sua prática corretiva, apontam para processos mais sutis de institucionalização da norma. A dissertação, por último, pode contribuir para a compreensão dos temas relacionados ao corpo e à obesidade no âmbito das Ciências Sociais.

Palavras chave: Corpo; Vigilantes do Peso; Obesidade; Disciplina; Subjetivação.

ABSTRACT

The present work seeks in its objectives to understand the social representations of body, stressing the correctives practices that underlies the weight control and the construction of the overweight body. The research intends to observe the practices, the speeches and the methods of normalization of the body within the “Weight Watchers” (VP), entity devoted above all to the correction of alimentary habits considered not regular. At the same time, the research intends to understand the way in which somebody with overweight represents its body and justifies its adhesion to the practices of weight control. The purpose is to discuss these problems using the Michel Foucault’s thought on discipline, normalization and bio-politics. The main concern is to grasp the different ways in late modernity the body became object of powers interventions and subjective investment. The research also intends to describe and to analyze the VP daily practices. To accomplish that, will be made direct observations of VP daily practices and the confessions emerged within the VP meetings as well. VP is a type of institution that encompasses the emergency of new modernity configuration in the body corrections practices. The dissertation intends lastly to understand the studies related to body and obesity, in the knowledge realm of Social Sciences.

Key Word: Body; Weight Watchers; Obesity; Discipline; Subjectivizing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. UM CORPO, MÚLTIPLAS RELAÇÕES.....	15
1.1 O Corpo-Realidade.....	15
1.2 A Verdade como Medida.....	21
1.3 O Corpo-História.....	27
1.4 Os Corpos-Dóceis.....	30
2. O CORPO DOS CONTROLES E DAS SUBJETIVAÇÕES.....	38
2.1 O Corpo Supliciado.....	39
2.2 Anatomia Política do Corpo.....	41
2.3 Corpo e Vida Nua.....	46
2.4 O Corpo (re)descoberto na Modernidade	50
3. NOVOS ESPAÇOS DE OBJETIVAÇÃO DO CORPO.....	62
3.1 Corpo Obeso e Sociedade Global.....	62
3.2 O Corpo em busca de Reconhecimento.....	67
3.3 A Doença do Corpo.....	71
3.4 O Corpo da Raça e da Cultura.....	74
3.5 O Corpo Incerto.....	80
4. VIGILANTES DO PESO: CORPO FÍSICO E CORPO MORAL.....	84
4.1 VP: Fachada e Bastidores, Segundo Goffman.....	84
4.2 O Contato.....	91
4.3 A chegada ao VP: a Fachada.....	92
4.4 A Dietética do VP.....	98
4.5 A Obesidade como Compulsão.....	108
4.6 Os Bastidores do VP.....	116
4.7 Opção Descritiva.....	122
4.8 Subjetivações do Corpo.....	124
CONSIDERAÇÕES FINAIS.. ..	144
REFERÊNCIAS.....	148

INTRODUÇÃO

Michel Foucault constata que o corpo é local onde se manifestam os efeitos do poder assim como território para a resistência às injunções discursivas. Após suas considerações relacionadas ao poder, foi possível verificar o modo como sair do maquinismo que tornou o corpo adestrado e apto às exigências do mercado e do consumo diário.

Desde os modelos que fazem o espetáculo efêmero do corpo nas passarelas, sob a direção de ícones da alta costura, ao corpo siliconado, projetado e assinado por elites da cirurgia plástica, bem como os corpos sarados, modelados por *personal trainers*, percebe-se as novas tendências em relação aos cuidados com o corpo. Observamos as figurações das estratégias que subordinam o corpo dentro de estilos cuidadosamente elaborados para consumo social e suas prerrogativas normalizadoras.

Para essa finalidade, um exército de técnicos é treinado (maquiadores, cabeleireiros, manicuras, massagistas, cirurgiões plásticos, médicos e fisicultores) para formar o novo cenário da asséptica nosologia da aparência física. Os novos critérios da condução da vida elegem o cuidado com o corpo o novo meio de controle das anormalidades físicas.

Como os manequins de gesso nas vitrines dos *shoppings* ou em ruas destinadas aos mais variados níveis de consumidores, o corpo se destaca como cabide, sustentáculo do belo e sobretudo como símbolo de saúde. Fábricas se globalizam e, da Chanel a Louis Vuitton, tudo pode ser encontrado e consumido. A lógica do consumo encontra seu avatar nos excessos do consumo de alimentos. Na variedade viva do capitalismo de consumo, as desigualdades econômicas não desestimulam a ânsia pelas mercadorias. Afinal, produtos copiados, disponíveis nos camelôs, e os originais, das grandes grifes internacionais, tudo enfim contribui para a espetacularização do corpo. O consumo dita a produção dos artefatos que serão objeto de sonhos, devaneios e desejos naqueles corpos magérrimos, que balançam desajeitadamente nas passarelas.

Nas vitrines das academias, corpos malhados espalham vigor e ação normalizada, e no entra e sai das lojas de suplementos alimentares, revelam-se as adaptações ao estilo da vida saudável. Através das novas tecnologias terapêuticas, o corpo pode ser desfigurado e recolocado dentro das perspectivas que o desenham. Nada no corpo fica imune aos processos de intervenção e transformação.

E no dia a dia das atitudes sociais relacionadas ao corpo há sempre a constante preocupação em apresentá-lo bem. Longe das passarelas e das propagandas da mídia, os corpos se comprimem em busca da sua cota cotidiana de *glamour*, no tumulto dos centros de

consumo. Longe das imagens e dos *flashes* das passarelas, os corpos ficam entregues à vigilância ininterrupta das ruas e dos *shoppings*: são visibilidades corporais expostas, com seus suores, cheiros, excitações e doenças que colocam o corpo na mira das relações de poder.

Em locais privilegiados, clínicas médicas enunciam o cuidado e o bem-estar do corpo. Dietas, cirurgias, remédios, médicos são propagados como bens a serem consumidos. Os discursos do bem-estar, do consumo e da saúde confundem-se. Para melhorar o corpo, para dominar os males que atingem o corpo e para ter um corpo saudável basta consumir. A saúde como estilo, o corpo como objeto de intervenção.

Diante da confusão e da profusão de modos hedonistas e narcisistas, o corpo é passível de experimentações. Rompe-se a linha entre o certo e o incerto: anorexias, vigorexias, obesidade, defeitos físicos são as afecções que atormentam os corpos modernos. Parece que o corpo-físico deixou de ser local de inscrição das identidades, deixou de ser o limite entre o externo e o interno, deixou de ser aquele invólucro que nos define como pessoas. O que está em jogo agora se apresenta como a luta pela construção de um corpo-máquina, ou de um corpo-virtual, ou uma nova forma de transcendência? O corpo que na modernidade sempre foi muito flexível encontra-se agora à beira de sua própria dissolução?

A presente dissertação de mestrado pretende analisar as modernas formas de construção do corpo, partindo do estudo das práticas de emagrecimento dos Vigilantes do Peso (VP). O que está em foco na pesquisa é o corpo do obeso e as formas de subjetivação e normalização dos corpos que operam dentro de espaços disciplinares diferenciados. Para fazer essa análise, a presente dissertação procura dialogar com o pensamento de Michel Foucault e de Erving Goffman.

O corpo foi objeto de controle disciplinar nas instituições tradicionais da modernidade. Entretanto, um dispositivo específico que captura o corpo obeso somente emergiu no contexto da segunda metade do século XX. E o que surgiu não apenas refere-se ao poder exercido nas instituições tradicionais de seqüestro, mas sim às novas instituições e novas práticas de normalização voluntária, presentes nas franquias de auto-ajuda, comuns na atual fase da modernidade.

As práticas dos VP correspondem às instituições líquidas, no sentido de Zygmunt Bauman, e assinalam o surgimento de relações de poder e de uma sociedade pós-disciplinares? Os VP destinam-se à orientação e eventual correção dos hábitos alimentares e, a partir de uma dietética e de um cuidado alimentar, procuram interferir sobre os corpos dos obesos, por meio do governo dos corpos em sobrepeso.

Uma breve história dos VP pode ser ilustrativa. No início dos anos 1960, em Nova Iorque, nos Estados Unidos, Jean Nidetch recebia em sua casa um grupo de mulheres interessadas em perder peso. Após aquela primeira reunião no bairro do Queens, os *Weight Watchers* espalharam-se pelo mundo na esteira da expansão do *American Way of Life*. O funcionamento dos VP, com sessões de auto-ajuda e com um custo relativamente reduzido se comparado a outras formas de terapia ou psicoterapia, expande-se de forma inquietante.

Toda semana, os membros do VP discutem seus dilemas e angustias e seguem um programa de regime alimentar controlado. Buscam, nas reuniões e orientações, apoio emocional, motivação mútua e conforto para contornar a compulsão alimentar e os hábitos sedentários. A ênfase recai sobre o sucesso do regime de emagrecimento e o controle da compulsão alimentar.

No mundo, os VP atingem milhões de pessoas, em sua maioria mulheres. No Brasil, o programa completou trinta anos de existência, sendo talvez um dos primeiros e mais disseminados programas de emagrecimento. Hoje conta com mais de 380 grupos, difundidos em cerca de doze Estados da Federação.

Esses novos modelos de tratamento, sem confinamento, interferem nas expectativas das pessoas em relação a seus corpos “anormais”. Os VP apresentam aos obesos a oportunidade, sem cirurgia, de transformarem seus corpos e de aderirem aos modelos culturalmente hegemônicos, que associam corpo magro à saúde física e mental. Os VP agem como programas de Terapia Comportamental o que na crítica de Foucault corresponde a formas de adestramento mental. Eles pretendem normalizar o corpo, ajustando-o às especificações sócio-culturais que se estabeleceram no contexto da moderna sociedade de consumo.

As mesmas sanções relativas ao disciplinamento, evidenciadas por Foucault (2002), que tornaram patológicas as crianças que se masturbavam, as mulheres que desejavam e os homens que buscaram em outros homens satisfação afetiva e sexual, podem ter colocado o sobrepeso fora dos critérios de aceitação social. Enquanto diversas instituições foram construídas para encarcerar os anormais indisciplinados, a obesidade e a intemperança escaparam dessas artimanhas do poder; mas hoje, novos mecanismos recolocam os corpos não-saudáveis no cerne de suas preocupações terapêuticas. As academias, as cirurgias plásticas ou corretivas, o apelo insistente à ginástica, as terapias de grupo são utilizados como terapêuticas que visam dar forma e equilíbrio ao corpo. Para a obesidade, mecanismos novos foram gestados na contramão do encarceramento tradicional, agindo em consonância com vários discursos sociais e (pseudo) científicos.

A cardiologia, a nutrição e a psicologia fazem parte das disciplinas cujos discursos estão vinculados ao programa na busca de um emagrecimento com saúde. Mas ao seguir a metodologia corretiva proveniente dos Alcoólicos Anônimos (AA), os VP não utilizam especialistas provenientes daquelas áreas do conhecimento. São os próprios associados, cujos corpos foram disciplinados, que viabilizam o desempenho do programa. É um mundo em que os especialistas parecem perder sua função tradicional.

Dentro desta acepção, os VP podem ser observados como dispositivos que se organizam em torno de uma *auto-atuação* do sujeito sobre o controle de seus impulsos e compulsões, sem no entanto, penetrar em suas causas profundas. Eles são espelho inquietante dos modernos santuários pentecostais, que proliferam em busca de novos fiéis. Com suas portas sempre abertas, os VP oferecem meios de transformação corporal, permitindo ao associado gerenciar seu próprio tempo, suas atividades, seu peso, sua alimentação e todos os cuidados com o seu corpo.

São como as academias de ginásticas que lapidam o corpo, embora não usem exercícios repetitivos e exaustivos, mas sim com uma reforma nos hábitos. O mecanismo por excelência da conversão corporal do obeso é a confissão. Por meio da confissão, o obeso pode ver-se no espelho e ver a razão e a dimensão de sua falta. As prescrições do programa compõem um conjunto de pequenas cartilhas que reforçam um fervor pela comunhão controlada e asséptica com o alimento.

Seguimos as reflexões de Foucault, para explorar as peripécias do poder sobre o corpo e a sugestiva presença da ação sobre o comportamento subjetivo como o modo corretivo moderno. O corpo para Foucault (2000c) é o local de incidência do poder, local onde as resistências acontecem, onde o desejo é subjugado, onde a vontade de poder se inscreve profundamente. O corpo é ao mesmo tempo sujeito e objeto de relações, campo em que o poder e o saber travam uma luta rumorosa pela sujeição e pela liberdade. Luta incessante que se revela em singularidades corporais. Nas histórias de indivíduos que se manifestaram contra o poder e inverteram as tentativas de compreensão do saber ao anular as posições estabelecidas pelo critério do mecanismo saber-poder, encontram-se as expressões corporais “transgressivas” que dizem não ao poder. Nos relatos da vida, nas confissões produzidas, nos exames, nas disciplinas, nas normalizações, nos prontuários, nos registros médicos, no cuidado de si, nas contagens bio-políticas o corpo é vetor, foco e estratégia. Na corporalidade, passam as estratégias de submissão e as esperanças da liberdade. O corpo é o *ponto arquimediano* dos desejos, é a contra-face perigosa do poder. Nossas verdades, nossa

história, nossa dor, nossa identidade estão para o corpo como a soberania está para o corpo do soberano.

Foucault (2000c) lembra que o corpo não é objeto para estabelecer premissas para o conhecimento do sujeito. Com esta observação, averiguamos a amplitude dos impactos gerados através do desenvolvimento das novas tecnologias do poder, que conectado ao contexto histórico, atuam na organização e no gerenciamento das massas. A utopia panóptica, os mecanismos disciplinares, os dispositivos de contenção das massas colocam o corpo dentro de regras estritas. Com Foucault encontramos as diferentes modalidades corretivas que se firmaram com a abertura para a modernidade. Desde o fim dos suplícios, expressão do poder soberano que investe violentamente sobre o corpo do condenado, verificamos a paulatina emergência das tecnologias corretivas que se manifestaram no decorrer da modernização, criando a moderna subjetividade controlada. A correção, na modernidade, atua sobre o corpo, mas de forma agora construtiva. Não deixar morrer, mas dizer como viver. Ao buscar saber sobre esta nova mecânica punitiva compreendemos a produção a regulação dos corpos na modernidade. Constrói-se o corpo dos reis, dos soldados, dos trabalhadores, das mães, em sua singularidade. Corrigem-se seus desvios ou suas propensões ao delito, alocando no corpo um onipresente “eu vigio” que regula a vida e rege as populações. E em um jogo interativo entre duas instâncias normalizadoras – disciplina e bio-política – ocorre a regulação das massas e a disciplina do corpo, em sua unidade fisiológica. Através da unidade corporal, os “casos” expressos em relatórios e prontuários, atuam os meios para o exame das aptidões e reconhecimento do sujeito pela sociedade.

Para compreender a transformação corporal nos VP, buscamos investigar a obesidade como produto da sociedade e da cultura modernas. Através dos estudos de Gilman (2004) foi possível reconhecer a obesidade enquanto reconhecimento corporal de sujeitos inadaptados às novas tendências da cultura pós-tradicional como também afirma Giddens (1997). Construídos culturalmente, os corpos obesos contêm em sua história os mais variados discursos que os conectam às regras de risco à saúde. Ao seguir os passos da obesidade no século XX, verificamos que a sua nomeação está vinculada aos discursos da hereditariedade e da religião. Neste sentido, esses discursos assumem critérios normativos, como meio de segregação e manipulação das identidades corporais.

O discurso (pseudo) científico sugerido através da atual noção de deficiência em relação à obesidade é visto com cuidado, pois não esclarece o sentido profundo da cisão entre diferentes estados das deficiências físicas, sobretudo aquelas que são consideradas permanentes. Da mesma forma, toma-se cuidado em relação ao critério para identificação do

sobrepeso sugerido pela Organização Mundial de Saúde (OMS), ancorado no Índice de Massa Corporal (IMC), adotado como critério médico para indicação da doença, pois não dá a devida importância às diferenças culturais e às idiosincrasias corporais. Quando se pensa a escala de variação humana, é introduzida no debate a dificuldade com que as instituições sociais lidam com os deficientes. Mesmo a deficiência deve ser vista como construção social, o que não pode ser desprezado na discussão sobre critérios fisio-biológicos de definição de conceitos.

As maneiras de viver no mundo moderno, presentes nas compulsões que interferem nas formas corporais, comportam sérios riscos à saúde. Embora não se possa ficar desatento ao fato de que existem várias formas de ajustamento do corpo aos padrões socialmente aceitos, o corpo é emblema de desajuste social, de estigma, mas é também por onde passam os símbolos da vida saudável e da beleza, do vínculo social e das identidades.

Para conhecer os novos processos de construção do corpo em novos espaços institucionais para correção utilizamos a alternativa da vivência conjunta sugerida por Goffman (1974), em seus estudos institucionais. Sem nos afastarmos dos princípios éticos que devem nortear as especificações científicas. Desse modo nos inserimos dentro do programa, e em suas reuniões semanais observamos as identidades dos atores sociais em sua narrativa. Encenando em seus contos sobre o cotidiano a “luta” diária que fazem para resistir às crises compulsivas a que são expostos.

De acordo com Goffman (1999), a vida efetiva pode ser observada através da perspectiva da representação teatral e, seguindo os princípios da dramaturgia, podemos evidenciar os aspectos que geram o cotidiano dentro de qualquer instituição. Com essa dinâmica metodológica pautada sobre a representação, levamos em consideração que o personagem é apenas uma encenação de múltiplas identidades.

São nestas apresentações de si que os sujeitos narram, através da oralidade do seu discurso, as referências ao poder que circunda seu meio social. São apresentações auto-reguladas que manifestam padrões sociais que são por sua vez construídos socialmente. O que se manifesta em padrões culturais, para Goffman, pode ser entendido como padrões de normatividade do poder, para Foucault. Se para um a arte de manipular as expressões, funciona como meio de condução social, para o outro esta é uma arte de auto-condução da vida. Para apreender os discursos que evidenciam o poder nos VP, utilizamos as noções de fachada e bastidores referidas por Goffman (1999). O local pesquisado pode ser abordado como meio para uma etnografia dos acontecimentos discursivos durante a monitoração do peso (fachada) e como etnografia das confissões, durante as reuniões (bastidores). Para

Goffman, a fachada é o local onde as identidades se expressam dentro dos padrões sugeridos culturalmente. Nos acontecimentos discursivos da região da fachada nota-se que a relação da apresentação de si e o discurso que regula esta representação estão em consonância, emitindo ordens sobre os comportamentos expressos em padrões culturais. Os bastidores são o local onde se manifesta a contradição da região de fachada, o lugar onde se reafirmam a excelência dos padrões culturais representados na fachada. Na região conhecida como bastidores descansam os personagens de suas identidades representadas e se idealizam novas formas de aparições na fachada. Nos bastidores os atores sociais reforçam os valores comuns expressos socialmente. É este uso da expressividade, por meios da confissão que permite aos bastidores ser o local onde é possível reconhecer os efeitos do poder no cotidiano.

No caso dos VP, verifica-se que as formas de normalização dos corpos atuam como transformações corporais idealizadas e confessas. O que está em jogo nesta regulação social é a aposta de um poder que se exerce sobre a vida, regulando-a através da produção discursiva reconhecível em confissões de condutas. São meios de corrigir vidas que não condizem com os valores e padrões comportamentais expressos discursivamente como normativos e, portanto, toleráveis ao social dentro dos critérios impostos pela modernidade. Há também uma presença marcante no que se relaciona ao sexo são as mulheres que em consonância com a injunção marcada pela dominação masculina que povoam as salas de reunião dos VP.

No primeiro capítulo, através da verdade como medida, observamos a emergência de novos saberes corretivos, que atuam sobre a mentalidade na contenção e produção dos corpos. No segundo capítulo exploramos o controle dos corpos através da desenvoltura da tecnologia moderna, pautada pela anatomia política da construção dos corpos pelas disciplinas e a contenção das massas pela mecânica da bio-política. No terceiro capítulo, averiguamos as injunções discursivas acerca do conceito de obesidade dentro da sociedade global. Indagamos como se encaminhou o reconhecimento do sobrepeso como uma nova forma de doença, dentro de critérios (pseudo) científicos. No quarto capítulo, o espaço institucional dos Vigilantes do Peso emerge como objeto de investigação e reflexão. Nele descrevemos as formas de subjetivação e de objetivação realizadas pelo discurso social. Através da descrição da confissão no programa, ilustramos os valores sócio-culturais que circulam ao redor do corpo e que tem o potencial de colocar o corpo, lugar comum na história da humanidade, em situação de perigo.

1. UM CORPO, MÚLTIPLAS RELAÇÕES

1.1 O corpo-realidade

Os cuidados com o corpo estão na ordem do dia, desde o início do processo de modernização engendrado pela transformação das tecnologias de produção fabril observamos que concomitantemente novas configurações da realidade política surgiram como recurso na regulação das novas massas populacionais que se agrupavam dentro das cidades e ao redor desses núcleos de produção.

O intuito dessa nova tecnologia das relações políticas e sociais que emergiram em consonância ao desenvolvimento da economia capitalista industrial teve como objetivos uma paulatina insistência sobre a produção do *animal laborans* moderno. Com a nova tecnologia de produção no trabalho estavam colocados os cuidados na produção do corpo trabalhador.

Um corpo que deveria ser cuidado de modo asséptico, pois envolvia antes do trabalho investimento em sua produção enquanto força produtiva. E por isso o corpo deveria ser salvaguardado das possibilidades de morte, pois enquanto um elemento biológico comporta doenças que o afetam e podendo colocar em risco todo um contingente populacional.

Neste ritmo calçado pelos cuidados políticos para com o corpo somos levados a todos os dias do acordar ao dormir desde a infância, através dos cuidados familiares, a nos preocuparmos com o corpo. E repetidamente desde o ato da ablução matinal ao que comemos nas refeições tomamos medidas que envolvem diretamente o zelo com o corpo.

Em sua encenação pública o corpo deve conter na atualidade aspectos que sugerem ação sobre a condução em seus cuidados. Nesta apropriação do corpo, pelo sujeito moderno certas injunções que o circundam passam despercebidas ao seu redor, mas as sutilezas dessas ordenações são apenas aparentes, pois sua força atua prendendo o corpo com mecanismos que o transformam tornando cada vez mais difícil reconhecer o que realmente é o corpo.

No corpo os vestígios da prática da saúde corporal revelam o nível social, a adesão aos grupos religiosos, de esportes ou de um outro segmento qualquer, nele esta a expressão do seu modo vivente. Ao redor do corpo uma ampla rede de serviços foi tecida e discretamente nos caminhamos em direção a suas práticas.

Dos jornais às revistas o corpo expressa as suas marcas que, longe de serem permanentes, se modificam encobrendo seus vestígios com o tênue matiz epitelial. Nas dicas sobre higiene pessoal como, o uso de creme dental, absorventes, cremes faciais ou os perfumes estão algumas das aparências de consumo e cuidado com o corpo.

Neste universo de atenção os cuidados relativos à alimentação e os exercícios físicos perfazem as páginas de cadernos especiais ou os horários nobres dos canais de televisão. A finalidade dessa atenção é referente aos aspectos que buscam normalizar a saúde e adequar o corpo as formas de vivências sem riscos.

Essas maneiras para viver o corpo se fazem em uma infinidade de dispositivos que se conecta quando o colocamos no centro do debate e, revelam seus usos e maneiras adotadas no cotidiano. São mecanismos que produzem sociabilidade. E desde a água encanada da limpeza matinal, ao uso do creme dental e do sabonete um voluptuoso mercado se assenhoreia do corpo.

Use isto dita a revista *Vogue* faça aquilo ecoa a revista *Contigo*. Desde os cardápios de receitas para a semana, ao que usar em festas ou no trabalho, dicas de comportamento com o chefe, o amigo, no bar e no restaurante há sempre a orientação de como agir em nossa representação. Basta abrir as páginas seja dos jornais ou das revistas, ou ligar a televisão ou se conectar a Internet que diariamente ouvimos o discurso de como apresentar o corpo no cotidiano.

Durante a formação histórica da modernidade a vivência física e os cuidados com o corpo se tornaram um ato que visa cuidar da energia contida em sua singularidade, mas com finalidades direcionadas para fins sociais. Cada corpo é um elemento que produz, é um bem a ser administrado para que melhor seja aproveitado enquanto recurso social.

A produção do corpo em massa e a preocupação em manter o investimento dessa produção foi o desafio para a modernidade. A necessidade de organizar a vida em grandes estados populacionais propiciou para que tecnologias no cuidado com o corpo fossem desenvolvidas e disseminadas para o uso e prática em larga escala social.

Desde a produção alimentícia aos cuidados médicos e, sanitários o corpo é o objetivo da preocupação social e, objeto da política em relação ao uso e controle das suas energias. Sejam nos dispositivos que os circundam em seus discursos como medida correta para o bem estar ou, através da condução efetivada por amigos ou desconhecidos.

O corpo é preso e luta diariamente para se liberar. Esses mecanismos que agem de maneira astuta sobre as energias do corpo e que se assenhoreou dele visam conter as suas

forças e direcioná-las para um fim proposto. Apontam também para a sua normalização dentro dos critérios que esses mecanismos disciplinares sugerem como útil para a sociedade.

Frente à infinidade de injunções que circundam o corpo em sua construção observamos que ele é transformado diariamente através de cortes nos cabelos, das maquiagens, das cirurgias plásticas, das dietas de emagrecimento, transplantam-lhe novos órgãos, ou implantam-lhe novas aptidões.

Esta observação, entre outras, demonstrou a inviabilidade do uso do corpo, enquanto suporte para o reconhecimento do próprio homem. E assim, seguindo as considerações de Foucault (2000c), buscamos a confissão como forma de verificar o discurso do bem estar em relação ao corpo no cotidiano. Tendo em vista que a confissão revela a subjetivação de valores que agem sobre o corpo e operacionalizam a sua transformação.

E se nas suas transformações o corpo não deixa rastros do que foi, a sua história passada pode confessar o que ele era e como os efeitos do poder o dobraram para que seguisse adaptando-se as medidas regulamentadas pelo poder. Na confissão se descrevem os modos de vida e se observa o resultado através das subjetividades como cálculo transformador (FOUCAULT, 2000c).

A descrição da vontade de verdade e da vontade de saber realizada por Foucault (2000a), nos permitiu observar a constituição da medida como norma e, a realidade do discurso como meio para a construção da verdade. A exposição dos caminhos adotados pelo autor permitiu delinear uma abertura para observação do corpo em sua história diária levando em consideração os seus processos de transformações.

Como resultante do poder o corpo pode ser observado, por meios, da sua docilização política. E com a disciplina e as modernas tecnologias políticas verificadas por Foucault, através da bio-política vislumbramos a tática do poder sobre o corpo dentro dos mecanismos disciplinares que visam o controle de suas vontades de poder.

As práticas de vivências corporais do cotidiano em nossa contemporaneidade têm possibilitado inúmeras pesquisas acerca do corpo como objeto de estudos. Segundo Le Breton (2006, p. 7), o corpo “é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...] o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”.

É importante essa observação de Le Breton, pois esta em sintonia com as formas de ordenamento sugeridas pelos meios de comunicação social, sejam através da mídia ou da oralidade. O corpo aparece como mediador da cultura e da natureza. E como vetor semântico é objeto da cultura passível de construção em sua fisionomia.

Desde o final de 1960, a preocupação com o corpo tem se ampliado através do desenvolvimento de mecanismos que buscam dar forma à relação do homem com o mundo social. As contribuições relativas a esses mecanismos são inúmeras: o feminismo, a revolução sexual, a expressão corporal, a *body-art*, entre outras, como as emergências de novas terapias que atuam na transformação do corpo. São maneiras de ajustar o corpo as exigências da vida diária.

Essas modalidades trazem uma nova inventiva na busca de dar cabo à clássica separação entre corpo e alma, e vislumbra uma nova etapa em busca de associação entre homem e seu corpo. Em um mundo acelerado pelo processo de globalização, a gestão da vida e as vivências do corpo aparecem como possibilidade de re-territorialização para inúmeros sujeitos.

A configuração do corpo como espaço social de reconhecimento confirma as novas maneiras na construção das identidades e estilos de vida, ou os modos de ser dos atores sociais que se fazem reconhecer no cotidiano. Novas atitudes, que antes de ser expressivas no que se refere à ruptura entre corpo e espírito, podem também demonstrar um desgaste do próprio corpo.

Segundo Le Breton (2006, p. 32): o “corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos, mesmo em suas manifestações aparentes de insurreição, quando provisoriamente uma ruptura se instala na transparência da relação física com o mundo do ator (dor, doença, comportamento não habitual, etc.)”. O corpo está sob permanentemente a ação dos simbolismos sociais.

Essas ações simbólicas que se apresentam nas mais diversificadas formas atuam como meio para ajustar o corpo as necessidades criadas para a sua vivência. Nas especificidades simbólicas desses dispositivos as ações discursivas dirigem o corpo, para que sejam reconhecidos como normal e sem risco ao social. Nos discursos estão presentes as mais diversificadas formas em que o poder se manifesta.

Na atenção voltada ao corpo é possível verificar dentro destes dispositivos a maneira como ocorre o efeito do poder através da sua discursividade. Neste sentido os Vigilantes do Peso, através das suas práticas terapêuticas em relação aos cuidados alimentares e a construção do corpo, se tornam um mecanismo para a verificação da eficácia do poder na condução do comportamento cotidiano.

Segundo Michel Foucault, o corpo durante a modernidade¹ foi objeto de constante atuação e intervenção do poder que através do desenvolvimento de tecnologias gestoras atuaram em sua contenção. Vários mecanismos de poder e diversas estratégias se voltaram para o corpo no sentido de extrair dele a força necessária para a configuração da atual sociedade. De acordo com Foucault, não devemos ter uma visão tradicional do poder, pois ele

é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidade onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações (FOUCAULT, 1995, p. 243).

Segundo o autor, o poder age sobre a conduta dos sujeitos, antevendo sua resistência e suas transgressões. A conduta é ao mesmo tempo ato de conduzir os outros e de se comportar atuando dentro de um campo mais ou menos aberto de possibilidades:

O exercício do poder consiste em ‘conduzir condutas’ e em ordenar a probabilidade”. O seu núcleo enunciativo esta em diversas localidades e seu objetivo esta na propensão a regência da ação do outro e, não no afrontamento entre dois adversários, não é um bloco maciço que pesa sobre as pessoas, mas algo que age com sutileza sobre ações na busca de conduzi-las (FOUCAULT, 1995, p. 243 - 244).

Para Foucault (2000c, p. 146), o esquadramento da população a partir do século XVIII, articulado à emergência do poder disciplinar, permitiu o domínio político sobre o corpo e a consciência individual do corpo. Isso foi possível graças ao investimento do poder exercido sobre o corpo, através da estimulação de mecanismos discursivos como a ginástica e os exercícios físicos; o desenvolvimento muscular; a nudez; a exaltação do corpo belo. Essa descoberta do corpo conduziu à invenção do desejo pelo próprio corpo.

Mas essa irrupção do desejo é produto da insistência meticulosa do trabalho realizado pelo poder sobre os corpos sejam em relação aos soldados, as crianças e as mulheres. Com o controle da sexualidade a partir do século XIX, emerge um pânico que envolve o corpo e o sexo das crianças: meninos e meninas não podem mais conviver junto. O desejo passa a ser fonte de atuação do poder e, ao incitá-lo se desdobram às instâncias de controle.

¹ Seguiremos a periodização em Foucault como: “Renascença” os Séculos XV E XVI; por “Idade Clássica” os séculos XVII E XVIII; e por “Época Moderna” os séculos XIX e XX. Tal qual observadas: In: FONSECA, M. A. da. Michel Foucault e o Direito. Ed. Max Limonad. SP, 2002. (p. 43)

Com o dispositivo da sexualidade a modernidade se alicerça sobre a pudicícia, toda a sua energia deve estar em consonância ao crescimento industrial. A família é eleita à guardiã dos corpos. E o pai o retentor do poder sobre os filhos. E neste sentido a liberação do corpo se torna uma forma de evidenciar o papel estratégico da luta que ocorre entre o corpo e o poder.

O corpo se tornou aquilo que esta em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre as crianças e as instâncias de controle. A revolta do corpo sexual é o contra efeito desta ofensiva. Como é que o poder responde? Através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos para bronzear até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas controle estimulação: ‘fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!’(FOUCAULT, 2000c, p. 147).

Em suas pesquisas Foucault revelou as investidas do poder sobre o corpo e a luta que se trava entre ambos. E que, a cada momento, surgem novos artifícios seja de revolta ou de sujeição. É dentro deste contexto que o autor desenvolve a sua investigação e seus deslocamentos, uma vez que busca saber como o poder agiu sobre o corpo durante a modernidade².

Dessa forma, Foucault sugere novas perspectivas para observar o corpo como objeto de estudos, através da valorização dos discursos que pretendem dizer a verdade sobre o corpo e sobre o sexo. É evidente que a relação entre as estratégias de poder e o corpo não são necessariamente externas. As medidas de controle do corpo não apenas imprimem as manifestações negativas sobre o corpo, mas permitem também sua objetivação, e sua constituição como objeto de poder, e como objeto de libertação.

Ao fazer as histórias do corpo Foucault (2000c. p. 146) verifica a evolução das modalidades políticas modernas que atuaram sobre a normalização mental, seja em instituições psiquiátricas, penais ou de saúde, assim realça a singularidade dessas práticas que, relacionadas a essas engrenagens institucionais, expõem que, “o poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”.

Segundo Foucault, o corpo durante a formação da modernidade se transforma em um recurso do saber-poder discursivo ao buscar a normalização da multiplicidade de modos de vivências em singularidades corporais para a efetivação da sociedade que emerge. Deste modo o corpo pode ser observado como instrumento e vetor do poder.

² Há um certo “consenso”, entre os estudiosos dos trabalhos realizados pelo historiador francês, quando se trata de evidenciar as suas pesquisas, através dos seus deslocamentos metodológicos compreendidos como: *Arqueologia, Genealogia, e Ética*.

Foucault busca revelar os processos meticulosos de normalização do corpo que atuam na sociedade ocidental. Nas autobiografias, nos relatos jornalísticos, nas peças judiciárias, nos prontuários médicos e nas confissões emergem verdades que pontuam os elementos que compõem nossas subjetividades e nossa existência enquanto corpo-sujeito.

Das análises de Foucault, emergem corpos fragmentados pelas estratégias do poder, surgem corpos artificiais, moldados por tecnologias desenvolvidas para a normalização das condutas. Estas preocupações nortearam os primeiros tópicos do nosso trabalho, cujo intuito foi apreender as expectativas contemporâneas sobre o corpo-objeto.

1.2 A verdade como medida

Para seguirmos as pistas deixadas por Foucault, vamos estudar as práticas cotidianas dos Vigilantes do Peso, levando em consideração as suas observações em relação às práticas e os discursos que definem critérios para a condução da vida, tanto na perspectiva dos representantes da instituição, quanto na dos indivíduos que buscam o VP para controlar seu peso.

As práticas disciplinares e as técnicas de cuidado de si estão no cerne da sociedade ocidental. Elas se fundamentam no desenvolvimento da ciência e podem ser traçadas na cultura grega clássica, por meio dos relatos autobiográficos. As autobiografias são tecnologias do eu que permitem um exercício de governo de si entre os gregos. Nas descrições do cotidiano expressos nas antigas práticas das autobiografias, onde o ator moral se fazia reconhecido, estavam as suas escolhas como meio de produzir-se.

Na Idade Média, ao contrário, emerge um mecanismo poderoso de normalização das condutas, a confissão, que permite ao confessor governar os fiéis. A confissão é onipresente na cultura religiosa ocidental e produz efeitos de poder indelével: viver o sexo, viver o corpo, viver as emoções são processos que remetem constantemente a mecanismos da confissão. No desenvolvimento de nossa vida psíquica, dependemos dos confidentes e, necessariamente, do mecanismo da culpa e da expiação.

A técnica moderna da confissão subjuga a todos, pois devemos falar e revelar a verdade que contemos para que possamos nos liberar, essa máxima do poder moderno sobre o dever de dizer quem somos, oculta que a verdade confessada não é exterior ao poder, mas um elemento intrínseco da relação de poder para com o sujeito.

No ritual da confissão o sujeito que fala coincide com o sujeito do enunciado, denunciando os efeitos do poder, “pois não se confessa sem a presença ao menos virtual de um parceiro, que não é simplesmente o interlocutor, mas a instância que requer a confissão, impõem-na, avalia-a, e intervém para julgar, punir, perdoar, consolar, reconciliar”. No ritual da confissão moderna, a verdade confessada garante uma verdade produzida pela instância de dominação externa representada por quem em silêncio escuta (FOUCAULT, 2001, p. 61).

Ao iniciar a sua aula inaugural no *Collège de France*, Michel Foucault (2000) faz uma sutil brincadeira entre o autor e o discurso; em uma espécie de jogo revela que “gostaria” de ser levado através da “palavra”, em uma voz sem nome, para um antes do discurso, além do seu limiar; mas se assim fosse não haveria começo e ele – autor – não seria o ponto de onde parte a casualidade do desenvolvimento do seu discurso; e sim uma lacuna onde se dá o seu fim. Que essa voz anônima dissesse, incessantemente atrás de si – em suas orelhas - as palavras: é preciso continuar, é preciso pronunciar palavras continuamente até que o encontrem e digam: é preciso continuar. Mas, talvez já fora encontrado, talvez já lhe tenham dito, talvez o levaram ao limiar de sua história e, em frente à porta de sua própria história, não ficaria surpreso se ela não abrisse.

Esse texto de caráter “autobiográfico”, por assim dizer, expressa a confirmação do discurso e do autor ambos em movimento uníssono e demonstra a ação que está sendo realizada, entre a busca da ordem normativa na origem do discurso (arqueologia) e as práticas sociais e discursivas expressas no cotidiano (genealogia). A anedota serve para ilustrar certa hesitação do autor: entre aquilo que se institui e aquilo que não deve ser instituído.

Muita gente, diz o autor, tem essas aspirações, esse desejo de não começar e se encontrar do outro lado - no fim do - do discurso onde não precisaria se deparar com as considerações do “exterior” em relação a si em sua “singularidade” e nas possibilidades terríveis ou maléficas que possa desejar³.

Entre o autor e a ordem do discurso há o desejo como possibilidade de escapar das regras do jogo da submissão proposta pela injunção discursiva do saber. O desejo assume seus contornos no pensamento do autor. É evidente que já nestas primeiras palavras proferidas há uma referência entre as instâncias que discursam o saber, expostas na arqueologia e as instâncias que “aspiram” estar do outro lado desse saber, neste sentido a referência ao “desejo” em sua exposição pode ser observada como uma das passagens para o plano da

³ Dentro deste contexto devemos observar que Foucault está exaltando as autobiografias dos marginalizados, dos que estão além das medidas estabelecidas pelo julgamento racional que na modernidade é evidenciado pelas instituições dos discursos propagados pelos critérios científicos.

genealogia com o realce da crítica efetuada à psicanálise como agente libertador dos corpos (FOUCAULT, 2000a.- 2000c, p.150).

Ao dialogar com a instituição-discurso, o desejo-autor busca elaborar uma espécie de indicação acerca de sua própria verdade e que, por sua vez, colide com as ordens dos discursos institucionalizados, o autor-desejo não quer “se haver” com os processos de categorizações decisivas; mas sim ser rodeado da mais diáfana transparência, onde as pessoas - os outros - respondam às suas expectativas, e as verdades flutuarem, uma a uma, e com a transparência do discurso poderiam seus “felizes destroços” ser movimentados⁴.

“Não tema!” responde a instituição: existem muitos caminhos para indicar que o discurso é a ordem da lei; e há muito tempo geram a sua aparição; e elaboram o seu lugar em meio a honras, mas que também há forças que podem desarmá-lo, e seu poder se realmente o possui advêm de nós. São nos corpos que o poder se encontra.

Não seria esse desejo e essa instituição “réplicas opostas” da mesma inquietação frente à pergunta sobre o que “é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita”; destinado em sua efêmera existência a diluir-se sem no entanto nos pertencer; inquietação frente a essa “atividade” diária, e sem cores alegres, que pulsa em poderes e ameaças, que supõe batalhas, “vitórias”, “ferimentos”, dominações e sujeições produzidas através de tantas palavras que o tempo de uso restringiu às asperidades (FOUCAULT, 2000a., p. 8).

Ao expormos estas especificações de Foucault, sobre o autor e o discurso buscamos aprender as perspectivas que se enunciam através dos efeitos do poder discursivo dentro da instituição dos Vigilantes do Peso, onde o enunciador do discurso corretivo está em consonância com as normas evidenciadas culturalmente que se revelam, por meios, das técnicas de correção – a exemplo da confissão - que agem em nossa realidade cotidiana ditando normas em busca da justa medida: o corpo saudável, o corpo ideal, o corpo belo!

Dentro da perspectiva dos discursos como realidades proferidas podem ser observadas as inserções prescritivas do programa dos VP. Na ação sobre a prática cotidiana dos seus usuários o programa sugere, através de seus métodos de correção dos hábitos alimentares, a revisão biográfica por meio da caderneta dos alimentos: a qualidade e a quantidade da ingestão alimentar, a escrita ou a confissão pronunciada das medidas das porções a serem degustadas e, na verificação obsessiva do peso corporal.

⁴ Nesta referência em que o autor sugere que seu “feliz destroços” sejam levados a esmo está a alusão ao corpo moderno que, tal qual o exemplo do suplício de Damians em Vigiar e Punir, com o corpo despedaçado indica o que se tornará o corpo com as tecnologias que surgirão ao seu redor na modernidade.

Para Foucault (2000, p.160) os relatos autobiográficos e as confissões fazem parte dos mecanismos de sujeição disciplinar que produzem indivíduos como efeito e objeto do poder e, como efeito e objeto de saber. As identidades são multiplicidades, pois Foucault, assim como Nietzsche, evidencia que o homem não “abriga em si uma alma imortal, mas muitas almas mortais”⁵.

As biografias ou os relatos confessionais são passíveis de evidenciar os discursos como, práticas sociais pois antes de conter a verdade da vida expõem a constituição dos sujeitos em sua função através da complexidade discursiva.

A sociedade moderna caracteriza-se por discursos de “interdição”; “separação e rejeição”; e de “oposição entre o verdadeiro e falso”⁶. Neste aspecto a “interdição” possui para nos modernos uma feição familiar em relação ao critério de exclusão, pois sabemos de antemão que não se deve falar a respeito de tudo; existem circunstâncias consideradas adequadas para que determinados discursos sejam proferidos. A interdição se manifesta em três diferentes aspectos que estruturam as formas de exclusão: do “tabu do objeto”; do “ritual da circunstância”; e do “direito exclusivo de quem fala”.

O discurso em sua representação, seja ele o mais infame, logo que pronunciado, é prontamente colocado sobre uma espécie de grade de interdições identificando nele as suas proximidades com o desejo ou com o poder. O desejo de emagrecer, expresso pelos membros dos VP, não ocultaria uma ordem e relações de força voltadas para emagrecer?

O princípio de “separação e interdição” é analisado por Foucault dentro dos critérios de razão e loucura. Basta reparar, diz Foucault, que na alta idade média o discurso do louco não circula com os demais, é sempre colocado de lado, não possui importância pois, não

⁵ FOUCAULT, M. Nietzsche, a Genealogia e a História. In: _____.Microfísica do Poder. 15ª ed. Rio de Janeiro. Graal, 2000. (p. 34). As discussões realizadas por Foucault neste contexto coincidem com a exposição em “Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro”, onde Nietzsche repassa a condição do homem frente às imposições do poder-querer onde o: “Livres arbítrio” é a expressão para o multiforme estado de prazer do querente, que ordena e ao mesmo tempo se identifica com o executor da ordem – que, como tal, goza também do triunfo sobre as resistências, mas pensa consigo que foi sua vontade que superou. Desse modo o querente junta as sensações de prazer dos instrumentos executivos bem sucedidos, as “sub-vontades” ou sub almas – pois nosso corpo é apenas uma estrutura social de muitas almas – à sua sensação de prazer como que ordena. *L’effet c’est moi* [O efeito sou eu]: ocorre aqui o mesmo que em toda comunidade bem construída e feliz, a classe regente se identifica com os êxitos da comunidade”. In: Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: companhia das Letras, 2004. 2ª edição. Aforismo 19. (p.25)

⁶ Sobre os aspectos da “exclusão” seja através da: “interdição”; “separação e rejeição”; e ainda “a oposição entre o verdadeiro e falso” do discurso Foucault diz apontando para suas pesquisas futuras: “Notaria apenas que, em nossos dias, as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da *sexualidade* e as da *política*: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica, fosse um desses lugares onde elas exercem, de modo privilegiado, alguns de seus mais temíveis poderes”. In: *A ordem do discurso*. 6 ed. SP: Loyola, 2000. (a) (p. 9-10) Grifos nosso.

contém em si a verdade, seu testemunho não serve para a justiça, não pode autenticar contratos, ou freqüentar missas, não tem valor institucional.

Mas dentro dos critérios científicos modernos quando a louco é ouvido pela instância médica é sempre através, da cesura que se dará à audição: no caso da psiquiatria é o insano que fala o seu desejo, e o médico ouvinte quem detêm a investida do poder curativo⁷.

Em relação ao critério científico o exemplo tirado da medicina como fator para verificar a verdade é a noção de “crise”. Esta deve ser observada em conjunção com outros fatores. O médico deve investir em uma ação terapêutica que seja própria ao tipo de conhecimento da crise que possui⁸.

Ao buscar saber acerca de como se efetua o desenho da separação entre o verdadeiro e o falso, nos espaços da nossa trama histórica Foucault busca fazer uma espécie de denominação entre aquilo que chama “vontade de verdade” e “vontade de saber”. Aparentemente Foucault faz uma distinção entre essas duas noções “vontade de verdade” e “vontade de saber”.

Desde os gregos, no século VI ac., a busca pelo que era o discurso verdadeiro que impunha respeito e temor e submetia era aquele que por direito adquirido pronunciava a justiça e impunha a cada um a sua parte. Esse, temido discurso que proferia o futuro ajudava, também na sua execução, ao incitar a adesão dos homens para juntos tecerem com o destino.

Um século depois ocorreu um deslocamento na história do discurso, e a verdade ritualizada não tinha mais no discurso o seu lugar de pronunciamento, não se buscava mais saber o que “era” o discurso ou que ele “fazia”, mas sim o que ele “dizia” (Foucault, 2000a).

Essa “vontade de verdade” localizada entre os séculos VI e V ac., serve como ponto para a reflexão ao autor acerca das mutações sociais ocorridas em diferentes momentos históricos. Temos, assim, a emergência do sujeito do conhecimento, que a renascença trouxe com, as especificidades próprias da, sua “vontade de saber”; da mesma forma os séculos XIX e XX, com as mutações ocorridas nas tecnologias de condução da vida, também demonstra a variações da sua “vontade de saber” adequada à modernidade através da confissão como meio de regulação das massas expressas com a bio-política.

⁷ “Se necessário o silêncio da razão para curar os monstros, basta que o silêncio esteja alerta, e eis que a separação permanece”. In: *A ordem do discurso*. 6 ed. SP: Loyola, 2000. (a) (p. 10 - 13). Em “Vontade de Saber” Foucault ao criticar a hipótese repressiva diz que somos a única civilização que aloca as orelhas para ouvir sobre o sexo do outro. In: *A história da sexualidade*. V. I. 14 ed. RJ: Graal, 2001. (p.13)

⁸ FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. In: *Microfísica do Poder*. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.,(p. 113-128). Nos VP quem enuncia a verdade da crise é o sujeito que institucionalizou as regras do programa e transformou seu corpo sobrepeso em um corpo reconhecido dentro dos critérios científicos como um corpo saudável.

Segundo Foucault (2000a, p. 15/6) em decorrência desse deslocamento na antiguidade clássica, a verdade que se abrigava no ato ritualizado da enunciação do discurso desliza do “enunciado para seu sentido, sua forma, seu objeto, sua relação a sua referência”. Passa de uma forma de exercício de poder desejável para, a separação entre o discurso verdadeiro e o discurso do falso, e a partir desse movimento, localizado em seu referido espaço histórico, o discurso da verdade deixa de se preocupar com o que *era* e o que *fazia* e assim perde a sua função no exercício do poder. Esse deslocamento é para o autor uma espécie de marco divisor que deu “a forma geral” para a nossa “vontade de saber” atual.

Assim, esse deslocamento entre a “vontade de verdade” à “vontade de saber” apareceram sob diferentes formas nas grandes mutações científicas onde a vontade de verdade também se revelam em dissonância com o falso. Na Inglaterra do século XVI e XVII, a exemplo, aparecerá uma vontade de saber que em razão do iluminismo possibilitou as mais possíveis classificações e mensuração com a intenção de anteceder as inconveniências dos projetos empreendidos fazendo uma espécie de a priori histórico.

Essa vontade de saber é de cunho essencialmente impositivo diz Foucault (2000a, p. 15/16) ao indicar para o “sujeito cognoscente”, antes de qualquer outra experiência o que é correto em relação a sua posição, ao seu olhar e aos seus experimentos futuros, uma vontade de saber prescritiva que tecnicamente investe em um o plano acerca dos conhecimentos consideráveis úteis ou não. Essa passagem da Renascença ao Iluminismo entre os séculos XVI e XVII, projeta um deslocamento que se difere ao ocorrido na cultura clássica, e se esboça em uma outra vontade de verdade.

No século XIX, em pleno vapor industrial, a vontade de verdade assume contornos bem diferentes da vontade de saber da cultura clássica, suas formas seus domínios seus objetos e técnicas são de outra envergadura. Desde Platão e a divisão entre o verdadeiro e o falso a vontade de verdade esboçou sua própria história, mas não nos revelou a verdade dos seus constrangimentos, que predominam em nossa vontade de saber, mas sim as dos projetos e objetos do conhecimento, as histórias das suas funções e dos seus investimentos, técnicos e instrumentais.

Esses paradigmas organizaram populações em busca de controle ao estabelecer medidas de separação corporal, controles de doenças, natalidades e organização da família tendo como núcleo o pai enquanto referência do poder, alicerçado no princípio romano do *patria potestas*, indicando quem deve viver ou quem deve morrer através dos critérios da eugenia ou das alianças de casamento, onde o sangue puro é visto como um sinalizador de poder e de direito na modernidade.

1.3 O corpo-história

Ao verificar o programa dos Vigilantes do Peso, através da perspectiva de Foucault, estamos diante da colonização diária da história efetiva de cada usuário, pois cada associado ao programa tem em sua individualidade a multiplicidade das regras discursivas que o ordenaram para o tratamento, cada um tem dentro da pluralidade social a singularidade de seu próprio “caso”, como medida para a sua classificação.

Ao fazer uma discussão sobre os empreendimentos da genealogia em suas pesquisas Foucault (2000c, p. 27) tem na “história efetiva” o seu ponto de partida para a reflexão sobre o corpo. Essa perspectiva permite observar as potencialidades dessa posição em relação à história enquanto “vontade de saber”, contudo a história “será ‘efetiva’ na medida em que ela reintroduz o descontínuo em nosso próprio ser” dividindo nossos sentimentos e instintos assim como multiplicando nossos corpos opondo-os a si mesmos⁹.

Segundo Foucault (2000), o “Sentido Histórico” como Nietzsche entende ou a “História Efetiva” como ele próprio denomina, se distingue da “Historia Metafísica”, observada através da “vontade de verdade”, da seguinte maneira: enquanto a história metafísica busca diluir o caráter único do acontecimento em uma continuidade ideal; a história efetiva o faz surgir como um acontecimento justamente naquilo que lhe revela como característica de ser único e agudo.

O acontecimento, por sua vez, é visto como relação de forças que opõem uma história a outra, a sua história se faz com o acaso da luta. Acaso aqui não deve ser visto como um sorteio, mas sim “como o risco sempre renovado da vontade de potência que em todo surgimento do acaso opõe, para controlá-lo, o risco de um acaso ainda maior”. Os acontecimentos se mostram entrelaçados e em profunda confusão, mas cheios de sentido se vistos através da perspectiva histórica efetivada no presente (FOUCAULT, 2000c, p. 28).

A história efetiva busca o que é próximo, para dele se apoderar à distância. Retira o final que impregna o começo nas análises da história convencional. Seus olhares perspectivos, próprios do sentido histórico, não temem dizer de onde olha, em que momento olha. “O sentimento histórico dá ao saber a possibilidade de fazer, no movimento de seu conhecimento, sua genealogia” (FOUCAULT, 2000c, p. 30).

A história efetiva busca o que está próximo como, por exemplo: “o corpo, o sistema nervoso, os alimentos e a digestão, as energias; ela perscruta as decadências...”, observa do

⁹ Ver também: MISKOLCI, R. Corpos elétricos: do assujeitamento a estética da existência. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 14 (3): 272, Setembro–Dezembro 2006. p. 681 - 693.

alto “mergulhando para apreender as perspectivas, desdobrar as dispersões e as diferenças, deixar a cada coisa sua medida e sua intensidade” (FOUCAULT, 2000c, p. 29). Nisto reside o caráter da história do presente, ou seja, em sua proximidade com o corpo.

Enfim a história efetiva permite a Foucault (2000c, p. 27) observar que nada, no homem nem mesmo seu corpo, é suficientemente fixo enquanto objeto para compreensão de outros homens ou como referência de reconhecimento, uma vez que, o corpo: “é formado por uma série de regimes, que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por veneno – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências”¹⁰.

O que não quer dizer que Foucault negue a existência de sujeitos concretos o que ele “recusa é uma universalidade, uma autonomia de consciência e reflexão e uma liberdade de ação abstrata, tais como são problematizadas habitualmente no pensamento moderno”, daí a busca pela constituição históricas das subjetividades em suas múltiplas formas (ANDRADE, 2005, p. 12).

O corpo não escapa à história, mas não contém em si apenas a lei fisiológica, ele também “cria resistências”, seja em relação às injunções culturais ou políticas. A sugestão indicada por suas pesquisas em relação ao corpo como objeto para o reconhecimento do sujeito, se deve ao fato de que em sua materialização há os resquícios de inúmeras transformações cotidianas e as resistências corporais servem como objetos para verificação da luta.

Na incoerência do corpo para o reconhecimento do sujeito moderno, as resistências demonstram o desejo que se investe sobre o corpo e a sua luta contra ou a favor da assimilação desse desejo enquanto poder que busca regêncialo. Nas resistências ao poder as configurações podem ser visualizadas na transformação do corpo. Que se expressam de maneira positiva normalizando ou negativa anormalizando.

No caso do VP a resistência é em relação a assimilação do discurso sobre a obesidade. A mesma resistência pode ser observada entre os corpos que não aceitam o discurso sobre a doença. São duas maneiras de resistir uma inclui a submissão a norma a outra a insubmissão e ambas se verificam em corpos transformados pelo desejo de poder ser corpo.

¹⁰ Segundo Foucault: “A história efetiva se distingue daquela dos historiadores pelo fato de que ela não se apóia em nenhuma constância: nada no homem – nem mesmo a seu corpo é bastante fixo para compreender outros homens e se reconhecer neles”.

É dentro dessa perspectiva que Foucault (2000c) anuncia a discussão acerca do corpo inviabilizando-o enquanto parâmetro para sustentação de análises sobre o homem. E como matéria utilizada pelos investimentos de poder que o transforma e o domina dentro dos critérios sugeridos, por meios dos mecanismos de normalização que na modernidade se pautaram em critérios científicos.

No entanto, serve como meio de resistência viável ao dar vazão aos desejos. Esta resistência enquanto meio de luta diária dentro dos contextos discursivos cotidianos sugerem a oposição às experiências efetivadas pelo poder sobre a vida. Nestas resistências é possível observar os fragmentos da gesticulação da vida enquanto, relatos de uma experiência singular, seja em direção ao poder normalizador, ou contra ele.

Ao apresentar suas inquietações em seu projeto enunciado na “Ordem do Discurso”, Foucault (2000a, p. 63) diz que: tomaria como propósito responder “sob um ângulo bem diferente” o “conjunto de práticas e de discursos prescritivos que o *sistema penal* constitui. É o estudo das *perícias psiquiátricas* e de seu *papel* na penalidade que servirá de ponto de partida e de material básico para esta análise”.

Esta informação dos parâmetros das pesquisas permite a Foucault evidenciar as regularidades expostas nos exames dos “casos” confessos como critério de verificação da verdade sobre o indivíduo, e marginalização das condutas como fora da regra. Ao utilizar as perícias psiquiátricas como ponto de partida para o estudo do sistema penal moderno, o autor traz tona a evidência normalizante dos discursos científicos da modernidade. E demonstra como fazer a história do corpo sem apoiar-se nele.

Nesta perspectivas estão sugeridos os relevos do sujeito em sua especificidade, enquanto um “caso”, a ser objeto de reconhecimento para os sistemas de normatividade. Ao identificar nos conjuntos das práticas punitivas da modernidade uma mesma base de reconhecimento do Outro, estamos junto com o autor, observando o que serve de suporte aos seus sistemas de interdição ao prescreverem as suas sentenças. No caso do VP a disciplina é a base para efetivação do preceito.

Se a fisiologia mutável do corpo o torna incapaz de suprir as exigências para as bases de análise dos novos campos científicos, as práticas que o levaram a anormalidade são reveladas através da realização dos seus movimentos monitorados pelo seu “laudo pericial”. Esta perspectiva adotada por Foucault abre a possibilidade de revelar as inúmeras identidades corporais que se movimentam em nosso cotidiano contemporâneo.

E se, a maleabilidade do corpo em reação as inventivas da história em sua vontade de saber que ora manda emagrecer ora engordar, cortar cabelos de acordo com a moda, usar

tênis, roupas e uma enormidade de aspectos que fazem do corpo território de luta e de controle. È a mesma maleabilidade corporal que, por conseguinte suporta em sua materialidade as inventivas desse poder que é agente portador de violências e de volições.

Desde o surgimento dos mecanismos disciplinares no século XVIII, sobretudo através de técnicas como o exame, ocorre uma inversão na direção do uso do poder. O que servia de suporte para reconhecer o ritual da conduta dos poderosos se disseminam e, no meio da massa atua como mecanismos de individualização.

A crônica de um homem, o relato de sua vida, sua historiografia redigida no desenrolar de sua existência faziam parte dos rituais do poderio. Os procedimentos disciplinares reviram essa relação, abaixando o limite da individualidade descritível e fazem dessa relação, um meio de controle e um método de dominação ¹¹(FOUCAULT, 2000, p. 159).

No regime disciplinar da modernidade, a autobiografia cuja referencia é diretamente ligada à verdade absoluta por estar próxima de quem a escreveu, difere da biografia que será ligada ao conhecimento do caso do anormal: a ênfase não é mais no crime enquanto tipo penal, mas no criminoso enquanto tipo individual e passível de normalização. Neste aparato a inserção da confissão também terá o seu lugar como, medida para o reconhecimento pois em sua oralidade esta próxima a todos em qualquer meio social.

O exercício do poder deixa de ser visível e na quietude da sua ação toma como alvo o sujeito em sua vivência corporal. Os relatos biográficos escritos ou orais passam a ser objetos de reconhecimento e intervenção do poder que, regulado pela norma ressalta a reincidência dos desvios.

1.4 Os corpos dóceis

O emprego no uso dos poderes normalizantes não é concomitante durante a formação dos dispositivos disciplinares que agiriam sobre o sujeito na modernidade. São tecnologias diferentes que se introduzem com certa discrepância de tempo e de nível, embora ambas incidam sobre o corpo e se articulem em certos aspectos, não tem os mesmos objetivos sobre ele.

A primeira tecnologia é a disciplinar e se localiza sobre o corpo individualizado. Ela tem como objetivo a máxima extração econômica e a minimização da atuação política. Ela

¹¹ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (p.159)

surgiu entre o século XVII e início do XVIII. São conjuntos de técnicas dispersas que foram utilizadas em instituições como, os quartéis, oficinas, fábricas, hospitais, asilos, escolas e conventos, entre outras.

A segunda tecnologia é a bio-política e surge no final do século XVIII. Ela centra-se na vida, “agrupa os efeitos de massas próprios de uma população, que procura controlar a série de eventos fortuitos que podem ocorrer numa massa viva; uma tecnologia que procura controlar e eventualmente modificar a probabilidade desses eventos, em todo caso em compensar seus efeitos” (FOUCAULT, 2000d, p 297).

O biopoder busca o controle das massas populacionais, e não apenas o controle minucioso do corpo, equilibra a população em nascimentos, mortes, em sua saúde e doença. Através da preocupação do conjunto o corpo é alvo das intenções do poder que, mesmo atuando de modo disperso e em instituições sub-estatais como as instituições médicas, caixas de auxílio, ou seguros é amplamente centrada no Estado.

No entanto, o elemento que circula entre a tecnologia disciplinar e a bio-regulamentadora é a norma, ela irá ser aplicada da mesma forma no corpo individualizado e na população e permitirá ser utilizada a um só tempo para “controlar a ordem disciplinar do corpo e os acontecimentos aleatórios de uma multiplicidade biológica” (FOUCAULT, 2000d, p. 302).

Ao estudar a punição do sistema carcerário através das “estruturas judiciárias” em “Vigiar e Punir” são as práticas dos processos de subjetividade, que estão sendo examinadas através das formas de julgamento, não é apenas as “circunstâncias” que envolvem o ato que vai a julgamento, segundo Foucault, o “conhecimento do criminoso” que é colocado em julgamento:

[...] a apreciação que dele se faz, o que se pode saber sobre suas relações entre ele, seu passado e o crime, e que se pode esperar dele no futuro. Julgadas também por todas essas noções veiculadas entre medicina e jurisprudência desde o século XIX (os “monstros” da época de Georget, as anomalias psíquicas da circular de Chaumier, os “pervertidos” e os “inadaptado” dos laudos periciais contemporâneo) e que, pretendendo explicar um ato, não passam de maneiras de qualificar um indivíduo (FOUCAULT, 2002, p. 19).

Essa passagem em Vigiar e Punir demonstra as maneiras como o sujeito foi singularizado em seu próprio corpo e, exposto às diversas práticas normativas, que se engendram, através de discursos científicos como modo experimentado de viver bem. O “exame” pericial acerca da conduta do sujeito faz dele um “caso” que se constitui em objeto para seu reconhecimento e para o conhecimento da sua exceção.

O corpo não será mais o lócus da punição e do julgamento e a correção não incidirá sobre ele como nos suplícios, na modernidade a arte de punir se localizará na correção da inclinação ao incorreto, buscará alinhar o intelecto na proximidade do justo e dentro da medida, o efeito normalizante do poder atua em direção à subjetividade. A ela que se dirigem as atenções na correção das possíveis propensões às anormalidades.

Ao descrever o suplício de Damiens, em 1757, Foucault busca a veracidade sobre as emergências das tecnologias de normalização utilizando-se das mais variadas formas documentais onde inesgotáveis fontes de verdades arquivadas pululam como informações descritivas das práticas sociais.

Verdades, que querem ser ouvidas e descritas habitam os jornais; as peças de processos; textos teóricos e filosóficos; as monografias esquecidas e empoeiradas que habitam as estantes das bibliotecas esperando serem descobertas diz Foucault ao apontar para sua perspectiva genealógica.

Essa informação, que à primeira vista pode passar despercebida, revela a posição de Foucault, em relação à descrição da cena visualizada pela perspectiva de um dos participantes do suplício do corpo condenado. Através do *olhar do narrador* que se situa como parte integrante da experiência social do suplício, se descreve o cotidiano e a verificação da imposição do poder sobre o corpo do súdito.

Ao usar a descrição da cena através da notícia de um jornal e de partes das peças do processo que compunham o veredicto Foucault esta revolvendo os arquivos em busca da verdade esquecida. Nestes fragmentos a verdade sobre o sacrifício não é descrita apenas como um fenômeno cotidiano costumeiro, mas como dor que se salta da objetividade e transgride em verdades simbólicas o corpo sacrificado alojando-se dentro das subjetividades que a registra¹².

O Historiador utiliza-se da perspectiva do narrador da cena para descrever o cotidiano do mesmo e ao inserir-se dentro desse cotidiano passa a ressaltar as formas como o corpo é tratado no início do curto espaço de tempo que conhecemos como modernidade industrial. O que seria do corpo a partir desse fragmento? Foucault (2002, p. 28) descreverá naquilo que chama de uma história do corpo através dos investimentos do poder dentro da arquitetura prisional.

¹² Sobre os aspectos da “dor” nos escritos de Foucault veja o artigo de Sérgio Adorno: “*Dor e sofrimento: presenças ou ausências na obra de Foucault*”. In: BIROLI, F; ALVAREZ, M.C. Michel Foucault: *Histórias e destinos de um pensamento*. CADERNOS DA F.F.C 2000. v.9, n.1. (p. 11 – 33)

Na sociedade industrial pautada no *exame* como modelo de verdade, encontra-se a *vigilância*, caracterizada pelo modelo do panóptico, o seu maior instrumento de normalização. Os usos desses instrumentos pelas técnicas do exame têm por objetivo, a organização do espaço, *o controle do tempo*, e o registro da conduta dos sujeitos (FOUCAULT, 2002, p. 117, 192).

Através de um ininterrupto regime de informação sobre o indivíduo as ciências em concomitância a emergência das injunções corretivas se articulam instaurando uma espécie de poder não repressivo, cujo objetivo é a normalização do social através do adestramento da subjetividade em sua individualidade corporal.

Esta explicitação de Foucault revela que, não é mais cabível à sociedade moderna com seus traços humanitários pautar-se pela a crueza dos suplícios como modo corretivo para o funcionamento das engrenagens do poder, daí a normalização mental, seja através da difusão dos discursos científicos ou da prática do internamento em hospitais ou instituições penais, entre outras, na busca de disciplinar as condutas inadequadas.

A partir do exame das condutas aliadas sobretudo a novas modalidades tecnológicas possibilitadas pela arquitetura, sobretudo com a formalização de Bentham no século XIX, e a utopia do panóptico: o olho que tudo vê, tem-se a pré-configuração da atual sociedade de controle.

A moderna estrutura em que se montou o edifício político do panóptico foi, segundo Foucault, discurso e realidade prática. O discurso humanista fazia eco desde o início do século XIX, e demonstra que outros sujeitos também pensaram seus impactos no processo de edificação da sociedade, e em consonância ao pensamento de Bentham, contribuíram na construção do discurso sobre a arquitetura pautada na vigilância.

Segundo Foucault (2002), Guilius ao pensar sobre as prisões coloca a preocupação da arquitetura moderna em ocultar um olho no espaço prisional inverte dessa forma o princípio da arquitetura grega, cuja preocupação era de possibilitar ao maior número possível de pessoas o acesso sensorial ao mais ínfimo gesto de alguém durante os espetáculos teatrais, os sacrifícios religiosos ou os discursos políticos.

Esses acontecimentos favoreciam a unidade da comunidade grega, pois todos participavam do espetáculo presenciando-os com seu ângulo de visão. Essas mesmas preocupações dos arquitetos gregos serão evidenciadas na sociedade moderna – diz Guilius – é o caso das igrejas onde os fiéis presenciam o ato da missa, centrados na figura do padre. Mas a modernidade inverte o problema grego – já não é mais uma multidão que se reúne para observar até o mais ínfimo gesto do ator, do sacrifício ou do pastor.

Na sociedade moderna o problema que se coloca à arquitetura é de como uma pessoa pode da sua perspectiva observar e ser observado. Segundo Foucault, Giulius pensa, as prisões, exatamente no protótipo de Bentham, ou seja, é o panóptico que ele prescreve para a sociedade moderna.

Já não é mais a estrutura arquitetural grega onde o público participa socialmente, mas a possibilidade da correção pela vigilância que se expressa através da nova função expandida pela arquitetura. Diferente da arquitetura grega que se revelava com seu modo quase esquecido de vida comunitária, espiritual e religiosa a sociedade moderna com seus olhares que não são vistos revela o aparecimento da “sociedade estatal” - moderna - cuja característica é a vigilância¹³.

E se, para os gregos o espetáculo é sinal de realização em comunidade, na sociedade moderna, o espetáculo é individualizado e o olhar que vê não traz a sociabilidade pública, mas a individualização.

Em sua inversão, o olhar solitário onipresente disciplina a ação e aumenta a probabilidade de verificar desvios na condução da prática. Seu exercício recai sobre o corpo que, reduzido à escala microscópica tem em seus hábitos, a configuração da sua propensão para o viver bem ou o mal viver interiorizada.

Menos dispendioso que os espetáculos públicos expressados no suplício, o olho que vigia e auxilia o imperador no topo da pirâmide é o mesmo que guarda, com chaves forjadas na descrição dos hábitos, toda a sociedade moderna basta iluminar que as silhuetas aparecem e os gestos são revelados.

Através da eficácia do olhar efetiva-se a organização da sociedade moderna. A vigilância global e individualizante que se exercita sobre visibilidades corporais docilizadas com a regulamentação das disciplinas modernas singulariza o corpo, mas para exercer sobre ele a sua força transformadora. Essa incidência disciplinar que é observada na modernidade tem sua fundamentação no deslocamento do exercício da punição do corpo para a alma.

Inspirada no projeto da “Escola Militar de Paris (1751)” o projeto seria responsável por uma transformação na forma do exercício do poder. Segundo Foucault, além das vantagens políticas há também as que se realizam no nível econômico é bem menos dispendioso que o suplício em praça pública; ao mesmo tempo opera como uma crítica ao funcionamento do poder monárquico.

¹³ FOUCAULT, M. As verdades e as formas jurídicas. R.J. ed. Nau.1999. (p. 105 – 107) em Vigiar e Punir (2002) Foucault descreve o Panóptico. (p. 165 – 166)

Para Foucault (2002) a eficácia do olhar que Giulios se referia como “um acontecimento ‘na história do espírito humano”, trás em sua utopia, um olho que interioriza a arquitetura como meio de correção. Um olhar “sobre e contra si mesmo” tem por objetivo a implantação do sistema óptico de controle cujo eixo tem ao seu redor os mais variados instrumentos para o aperfeiçoamento do sujeito.

Na famosa jaula transparente e circular, com sua torre alta, potente e sábia, será talvez o caso para Bentham de projetar uma instituição disciplinar perfeita; mas também importa mostrar como se pode ‘destrancar’ as disciplinas e fazê-las funcionar de maneira difusa, múltipla, polivalente no corpo social inteiro. Essas disciplinas que a era clássica elabora em locais precisos e relativamente fechados – casernas, colégios, grandes oficinas – e cuja utilização global só fora imaginada na escala limitada e provisória de uma cidade em estado de peste, Bentham sonha fazer delas uma rede de dispositivos que estariam em toda parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção. O arranjo panóptico da fórmula dessa generalização. Ele programa, ao nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 2002, p. 172).

Liberados na sociedade esses dispositivos disciplinares se estendem a todos os corpos que em sua visibilidade se projetam como elemento produtor, passível de regulação em seu tempo para se transformar em trabalho. O controle social do tempo gastos em festas, prazeres e ócio se dá efetivamente em forma da organização do tempo da vida do sujeito.

Segundo Foucault (2002), cada instituição tem em seus mecanismos as suas funções específicas dentro da estrutura produtora – o hospital cura, as fábricas produzem, as escolas ensinam e, assim por diante. Ao controlar os corpos através da administração do tempo reduz se por meios da perversa implantação do exame a garantia de uma sociedade não degenerada.

E se o corpo do rei era a garantia de funcionamento da monarquia e por isso intocável, na sociedade moderna o corpo social através de suas individualidades é que deverá ser higienizado e protegido para que se assegure a normalidade social: o suplício é eliminado e substituído por métodos de correção disciplinar assépticos como a criminologia ou a eugenia (FOUCAULT, 2002).

São as maneiras de disciplinar engendradas por esses dispositivos de controle corporal que propiciaram o aparecimento dos saberes fisiológico, demonstrando o corpo em seu modo polimorfo se conectando as especificidades dos discursos econômicos, políticos e judiciários e outros que se desdobram em conhecimento.

Não há muitas diferenças entre os programas de correção, seus sistemas são correlatos; punições; avaliações e classificações fazem parte desse aparato que tem por

objetivos corrigir almas e disciplinar os corpos, dupla função do poder avalia as aptidões e manipula os corpos.

A produção dos corpos pelo poder é duplamente engendrada na modernidade fabril, extrai saberes sobre os indivíduos, assim como, elabora saberes sobre eles, através de um ininterrupto sistema de anotações, prontuários, cartão de ponto, ou as classificações das diferenças disciplina e organiza o sujeito.

O que não significa para Foucault que esses saberes sejam pontos de produção de poder localizados em um lugar único e específico que ordena e mantêm o sujeito sob restrita ordem centralizada. Ao contrário o poder não se verifica em um único núcleo, ele é difuso, espalha-se na sociedade de maneira capilar, são micro-poderes.

E se Foucault, em sua genealogia da subjetividade moderna, se coloca em perspectivas que lhe possibilita através dos sujeitos históricos, a observação dessas emergências, podemos buscar na sua preocupação e nas três décadas que nos separam das suas pesquisas em *Vigiar e Punir* e outros escritos, a reflexão crítica sobre o tema do corpo na atualidade.

Foucault enquanto filósofo e, sujeito histórico não é diferente, uma vez que de sua perspectiva evoca a cena a atual reflexão social do crime e do castigo, da liberdade e da prisão inscritas na ordenação e na luta dos corpos na atualidade¹⁴.

Nesta rede de mapeamento que se verifica, o homem moderno nas pesquisas de Foucault, pode se averiguar a localização das estruturas que engendraram os VP como instituição corretiva. Não mais a dor como nos suplícios, mas a ininterrupta auto-vigilância sobre si como técnica de correção subjetiva que, por sua vez, modifica os hábitos e transforma os corpos.

Dentro deste contexto, observamos como o corpo foi utilizado na modernidade pelos aparelhos de condução da vida. Ao focar a realidade do corpo, como mecanismo de luta e resistência, tivemos com o intuito de trazer a tona o debate atual sobre o uso do corpo nas pesquisas sociais.

Ao fazer a discussão da verdade como medida, o objetivo foi o de introduzir o elemento discursivo como caminho para a observação da entrada de novos meios para o

¹⁴ Para exemplificar a efetividade cotidiana que autor esta inserido é interessante a sua crítica sobre os rituais modernos de execução em busca da morte indolor diz Foucault: “Ao se aproximar o momento da execução, aplicam-se aos pacientes injeções de tranqüilizantes. Utopia do pudor judiciário: tirar a vida evitando de deixar que o condenado sinta o mal, de privar todos os direitos sem fazer sofrer, impor pena isentas de dor. O emprego da psicofarmacologia e de diversos desligadores, fisiológicos, ainda que provisório, corresponde perfeitamente ao sentido dessa penalidade incorporada”. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (p. 15)

reconhecimento do corpo. E nesta averiguação apontar para o uso da confissão como meio de apontar para os efeitos do poder.

Através da história efetiva descobrimos a impossibilidade de nos reconhecermos através do corpo. E assim, vislumbramos na particularidade que percorre a modernidade, com seus desafios impostos ao corpo em sua materialidade. Ao apresentar o corpo cotidiano em suas possibilidades de transformação pelo poder, destacamos a escolha teórica pela descrição da confissão.

E assim abrimos uma possibilidade de diálogo com a escolha metodológica pautada no paradigma de Goffman. Ao fazer a discussão sobre a docilização dos corpos buscamos esclarecer na escolha teórica, pautada nos mecanismos de condução política, as novas formas de reconhecimento do homem através da subjetividade.

Somos o - olhar do narrador - a platéia que vê a cena social ser construída como verdade assentada sobre os critérios normativos que se verificam com as confissões. Em relação aos VP, a visibilidade dos efeitos do poder que se verificam com discursos e práticas sociais têm em sua ação corretiva a obesidade como direção para os processos normativos.

2 O CORPO DOS CONTROLES E DAS SUBJETIVAÇÕES

Ao verificar os mecanismos de poder que atuaram sobre o corpo em busca de subjetivar as medidas elaboradas para o controle social. A modernidade coloca em desuso a utilização dos suplícios como meio de correção, adotado como finalidade de ordenar a população e mantê-la sob controle.

Mas a utilização da subjetividade como forma de instituição das normas não significou que a violência sobre o corpo tenha desaparecido. O corpo ao ser aprisionado pela subjetividade se tornou refém das mais diversificadas maneiras de violência.

O que buscamos expor neste capítulo foi às formas de atuação do corpo frente a essa tecnologia de poder que se originou na modernidade. Fora das grandes encenações supliciantes o corpo através da punição subjetiva não deixou de sofrer. Apenas não foi necessário tocá-lo e esquartejá-lo tirando de vez a sua vida.

Com a emergência da subjetividade como meio para a correção, basta apenas introduzir-lhe um dispositivo qualquer que, o corpo responde de acordo com a necessidade punitiva manifestando dor e sofrimento.

Através das observações realizadas por Agambem, pode-se verificar que dentro das especificações da vida contemporânea o corpo é experimentado pelo poder e sujeitado a ele ao assumir as suas impressões. Neste sentido o corpo soberano em estado de exceção é colocado constantemente a violências oriundas das práticas que punem diariamente.

Com as práticas discursivas que o envolvem diariamente o corpo é levado a se habituar ao sofrimento. Sem perceber as investidas da prática midiática o sujeito é alijado da sua singularidade corporal para se adequar às novidades que se constroem com discursos normalizantes.

Com as especificidades da bioinformática a violência se revela em mercado formador de desejos e traduz aos corpos a sua forma de viver. As novas modalidades do controle ressaltadas nos estudos de Segurado que, ao seguir as especificações de Deleuze, permiti enfatizar o uso do corpo como artefato do desejo e demonstrar o âmbito da resingularização enquanto meio de objetivação desse desejo.

Neste sentido a produção de novas aptidões e o discurso sobre a necessidade de potencializar as habilidades físicas, com o aprimoramento do desempenho do corpo para a vida na contemporaneidade aparece como manipulação do desejo e como violência sobre o corpo a ser modificado.

Entre a luta diária que se trava, seja através do estado de exceção ou da reprodução do desejo a violência se faz presente como necessidade de normalização. Nos VP a luta diária em busca de re-significação do corpo também expressa a dor que, em sua diferença em relação ao suplício, causa em sua forma de correção agressão sobre a vontade de ser em sua singularidade corporal diferente das silhuetas sugeridas.

2.1 O corpo supliciado

Com a mudança ocorrida nos mecanismos de punição no século XIX, o uso do corpo supliciado como meio de correção moral em espetáculos públicos desaparecem. O espetáculo punitivo deixa de fazer parte da percepção cotidiana para se alojar no vasto campo da consciência abstrata (FOUCAULT, 2002, p. 15).

As mudanças que o corpo deve se submeter para realizar o trabalho fabril se faz de maneira que ocupe os espaços entre as máquinas que fundamentarão o capital no começo da era industrial. Novas maneiras de interpretação do mundo começam a surgir Marx expõe seu pensamento ao mundo nesse mesmo século e, adverti a submissão das forças físicas assenhoreada pelo poder da alienação intelectual ao modelo da indústria fabril.

O castigo-espetáculo traz em si o perigo da infâmia verificada tanto na figura do infrator como na do executor legal da pena. Ambos tornam-se infames perante a população. Não é mais a punição espetacular do corpo que ordenará a conduta do homem, para o futuro ela passa a vigorar sobre o escândalo moral que “marcará o delinqüente como um sinal negativo” e único, seu corpo passa a ter um sinal que lhe evidenciará a sua alma (FOUCAULT, 2002).

Para Foucault, não apenas a cena do suplício desaparece do cenário social, mas também o uso público do corpo em espetáculos de encenação e representação do poder. O corpo é colocado longe da cena principal e em um aparente silêncio, é alojado nos bastidores, longe das percepções cotidianas públicas e habituais. Mas no meio à aparente tranquilidade dos escondidos pululam saberes que se dissolvem em meio a práticas de existências cotidianas que, mudam hábitos e reconstroem subjetividades.

O grande aparato da justiça corretiva se estende para todas as áreas e não mais interessa tocar o corpo, mas sim algo que “não é o corpo propriamente” nos diz Foucault (2002), uma pena incorpórea que submeterá o corpo sem tocar nele. Em relação à prisão, a

própria “reclusão” os trabalhos forçados, entre outros são “penas físicas” que se realizam sobre o corpo.

A diferença entre o uso do corpo supliciado e as novas modalidades de coação penal é que um incide diretamente sobre o corpo privando-o da vida; na reforma penal que ocorre entre 1750 e 1850 tem-se em vista privar o corpo da liberdade. A liberdade dentro do contexto da emergência das novas tecnologias políticas em detrimento ao regime monárquico se torna o novo lócus para a referencia da punição.

Não será mais a morte o objeto de manutenção para a correção, na modernidade a prisão do corpo será o novo meio de obter a correção. Esse modo de penalizar coloca o corpo em um sistema de coações e privações que suspendem os seus direitos. Essas mudanças nas engrenagens do direito penal vieram a formar uma gama de novos técnicos para auxiliar no tratamento da alma e da disciplina do corpo detido.

A penalidade do incorporal é a alteração de objetivo que o abrandamento do sistema corretivo no decorrer dos últimos dois séculos nos deixou como legado. O que entrou em cena, e que continuará atuando até os nossos dias, é a alma.

Essa é a novidade que apareceu no decênio de 1780 com a máxima: o castigo deve ferir a alma e não o corpo, e estabelece o princípio decisivo que destaca a oscilação do lócus punitivo entre o corpo e a subjetividade na passagem à moderna sociedade industrial.

É justamente o conceito de “penalidade do incorporal” que possibilita a Foucault (2002, p. 20) observar a fratura e no “continuum” da história e revelar através das práticas discursivas cotidianas a emergência da subjetividade do homem moderno. As inovações da tecnologia do poder normativo criaram dispositivos que legitimaram o julgamento não mais do crime e, sim da “alma” dos criminosos.

Do espetáculo das mil mortes que o suplício realizava ao fazer viver da bio-política atual. As implicações do poder sobre o corpo têm novamente sua dinâmica modificada. Da disciplina docilizante, com o efeito do poder sobre o corpo pela subjetividade, aos cuidados com a vida realizada pela bio-política, com os investimentos no fazer viver o corpo, o autor registra a história da construção do corpo e das relações de poder.

Igualmente, os processos de normalização são processos de individualização, seja, dentro do dispositivo disciplinar, ou de totalização, dentro da lógica da razão de Estado, ou seja, da bio-política. Em ambas as vertentes, o corpo é objeto de relações de poder e é construído historicamente, por meio, de discursos que procuram dizer a sua verdade. Ao fazer isso, os discursos constituem os corpos mas também retira dos indivíduos o direito de governar seus corpos.

2.2 Anatomia política do corpo

Dentro do contexto da penalidade incorporal as tecnologias do poder que se manifestaram durante a modernidade para atuar sobre a propensão à conduta incorreta, os mais variados dispositivos foram desenvolvidos para agir na transformação dos hábitos e colonizar os corpos.

Nesta mesma direção caminham juntos certamente os comprimidos, os Vigilantes do Peso, os Alcoólicos Anônimos, os programas de tevês, a Internet, o uso de câmeras, os cartões de crédito, o cinema, entre outras infinidades de dispositivos, enquanto formas de controle, são maneiras de produção de subjetividades e de normalização das condutas expressas em corpos cuja história é unida a submissão através dos efeitos de poder discursivo¹⁵.

Os mecanismos utilizados para a correção que atuam diretamente dentro do corpo alterando o metabolismo, como os comprimidos no combate a dor, ou os que buscam prescrever, em sua composição química, a atenuação dos perigos provocados por tipos de crises compulsivas dos que, aptos à loucura ou a obesidade, ferem o estatuto do aceitável socialmente. São formas de manipular os desejos e ministrar formas de vida. Da mesma forma, os mecanismos de disciplina que atuam de maneira extracorporal como os “Vigilantes do Peso”, são agenciadores de subjetividades disciplinadas e controladas para o consumo do corpo socialmente, ou seja, através da subjetividade o corpo controlado é objetivado como parte do efetivo social.

Essa objetivação corporal se observa com a manipulação dos gestos, das confissões engendradas pelo dispositivo psiquiátrico, entre outros, que se implicam através de códigos

¹⁵ Ao refletir sobre os processos de assujeitamento na atualidade Miskolci diz: “Tudo aponta para uma tendência a igualar a forma física modelar à saúde e conseqüentemente à beleza. Um corpo belo nunca esteve tão exposto a formas desgastantes de exercícios, o consumo de drogas e dietas duvidosas. Nesse processo de assujeitamento psíquico-corporal a palavra-chave é adequação. Fazer parte de um grupo ideal (e idealizado) é o principal objetivo dos praticantes de ginástica, musculação, dos consumidores de suplementos alimentares, esteróides anabolizantes e hormônios diversos. Como se alguém que se adequasse passasse a ser um dos privilegiados que exibem seus corpos modelares nas varias mídias”. In: MISKOLCI, R. *Do assujeitamento à estética da existência*. Estudos Feministas, Florianópolis, 14 [3]: 272, setembro-dezembro /2006 (p. 684)

interativos expressos em “sistemas de espera e de reciprocidade aos quais os atores se sujeitam”¹⁶ as regras sociais.

Se a disciplina organiza os corpos em sua individualidade material normalizando-os em seus reflexos anatômicos tornando-o autômatos em seus gestos e partes que o constituem como: mãos, pernas, olhos, enfim todo o corpo, essa mesma anatomia política disciplinar economiza as manifestações gestuais, pois prende o corpo em espaços apertados para extrair o máximo de sua utilidade e inteligibilidade.

O exemplo dado por Foucault, na produção do soldado demonstra como na modernidade aumentaram as forças do corpo em termos utilitários, e diminuíram em termos políticos. Este investimento coloca o corpo em uma “anatomia política” ou “mecânica do poder” que passa a existir a partir das disciplinas no decorrer dos séculos XVII e XVIII, como novas formulas gerais de dominação.

Na segunda metade do século XVIII: o soldado tornou-se algo que se fabrica; de uma massa uniforme, de um corpo inapto, fez-se a máquina de que se precisa; corrigiram-se aos poucos as posturas; lentamente uma coação calculada percorre cada parte do corpo, se assenhoreia dele, dobra o conjunto, torna-o perpetuamente disponível, e se prolonga em silêncio, no automatismo os hábitos; em resumo, foi “expulso o camponês” e lhe foi dada a “fisionomia de soldado”¹⁷.

Esse exemplo é ilustrativo as idéias que permitiram Foucault em sua pesquisa observar o corpo como efeito das práticas do poder e recusá-lo como objeto para sustentação da análise para o social, dentro dos parâmetros da sociedade burguesa, ele foi destroçado em unidades, braços, pernas, pés, e por meios, de suas funções “reflexivas” corrigidos desde os seus mais ínfimos movimentos.

¹⁶ LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. (p. 47). Ao formular um campo de pesquisa para o corpo com o intuito de dar conta das diversas abordagens da corporalidade Le Breton, dentro das “Lógicas sociais e culturais do corpo” esboça dentro desta perspectiva “a etiqueta corporal da gestualidade ou da expressão das emoções”. Neste espaço situado dentro das lógicas sociais e culturais o corpo em sua expressão representativa enquanto ator que se empenha em controlar a sua imagem é representado através da Sociologia de Goffman. Dessa forma pode-se traçar uma diagonal entre as paralelas que compõem o pensamento de Goffman e Foucault.

¹⁷ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. Segundo Foucault “Os recrutas são habituados a: ‘manter a cabeça ereta e alta; a se manter direito sem curvar as costas, a fazer avançar o ventre, a salientar o peito, e encolher o dorso; e a fim de que se habituem, essa posição lhes será dada apoiando-os contra um muro, de maneira que os calcanhares, a batata da perna, os ombros e a cintura encostem nele, assim como as costas das mãos, virando os braços para fora, sem afastá-los do corpo... ser-lhes-á igualmente ensinado a nunca fixar os olhos na terra, mas a olhar com ousadia aqueles diante de quem eles passam... a ficar imóveis esperando o comando, sem mexer a cabeça, as mãos nem os pés... enfim a marchar com passo firme, com joelho e a perna esticados, a ponta baixa e para fora...’”. (p. 117)

Enquanto a punição soberana era exercida sobre o corpo com o açoitamento e morte. A tecnologia do poder moderno reforma as almas mudando o lócus da punição. O anormal deve ter sobre si todo o poder da punição e, em relação à possibilidade dos crimes a idéia do castigo deve:

[...] se suceder sem intervalo... quando tiverdes conseguido tornar assim a cadeia das idéias na cabeça de vossos cidadãos, poderei então vos gabar de conduzi-los e de ser senhores. Um déspota imbecil pode coagir escravos com correntes de ferro; mas um verdadeiro político os amarra bem mais fortemente com a corrente de suas próprias idéias; é no plano fixo da razão que ele ata a primeira ponta; laço tanto mais forte quanto ignoramos sua tessitura e pensamos que é obra nossa; o desespero e o tempo roem os laços de ferro e de aço, mas são impotentes contra a união habitual das idéias, apenas conseguem estreitá-las ainda mais; e sobre as fibras moles do cérebro funda-se a base inabalável dos mais sólidos impérios¹⁸.

A anatomia política do corpo desenvolvida a partir do século XVII, com as técnicas de adestramento e docilização do corpo-máquina e a ampliação das suas forças regidas pelo aumento de suas aptidões e de “integração em sistemas de controle eficazes e econômicos” foi possível certificar os procedimentos de poder sobre o corpo (FOUCAULT, 2001, p. 131).

A bio-política, que se formou um pouco mais tarde, na metade do século XVIII, e se uniu a esse feixe de relações interligando-se as “*disciplinas: anátomo-política do corpo humano*”, teve a sua preocupação centrada na regulação da população e da vida do indivíduo. Entre as tecnologias disciplinares e a bio-política Foucault, operacionaliza um outro deslocamento para dar conta da mecânica do poder que se localizou no corpo-espécie como meio de normalizar as massas populacionais.

no corpo transpassado pela mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida a longevidade, com todas as condições que podem fazê-los variar; tais processos são assumidos mediante toda uma série de intervenções e *controles reguladores: uma bio-política da população*. As disciplinas do corpo e as regulações da população constituem dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida (FOUCAULT, 2001).

Com o domínio da vida através da bio-política e seus processos de “normalização em sentido estrito” formará o que Foucault chamara de governamentalidade indicando uma nova perspectiva em seus interesses sobre o poder que, não mais se especificará sobre o corpo

¹⁸ FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (p. 86) Há neste comentário de Foucault um aparente diálogo com Marx com sua teoria da alienação, pois em varias ocasiões Foucault esta fazendo referencias ao autor. Em relação a apropriação do corpo pela mente.

como nas disciplinas individualizante, mas sobre o corpo coletivo atuando como uma tecnologia de segurança da população, indicando usos distintos para a tecnologia disciplinar, pois não se trata mais de disciplinar o corpo, mas sim conduzir a vida¹⁹.

Segundo Fonseca (2002) há no pensamento de Foucault três menções em relação a governamentalidade e o gerenciamento das populações, a primeira esta relacionada ao mercantilismo do século XVII, a segunda noção de população surge a partir da metade do século XVIII, com o liberalismo e implicava gerir a naturalidade da população.

Essa naturalidade existe, por meios, de variáveis como: “o clima, as riquezas, os hábitos, os valores reconhecidos. São essas variáveis que fazem com que a relação entre população e o soberano não se esgote na esfera da ordem e da obediência” (FONSECA, 2002, p. 216).

A terceira esta vinculada ao neoliberalismo do século XX, expressos no pensamento econômico alemão e americano do pós-guerra. Assim o trabalhador moderno é visto como um gerenciador de seu próprio recurso natural, ou seja o corpo como meio para autoconduzir-se dentro das perspectivas encontradas entre os dispositivos do governo da conduta realçado pelo livre mercado.

Deste modo, as disciplinas são uma primeira “face” da normalização descrita por Foucault e os mecanismos de regulação da vida às artes de governar só representam uma outra “face” dos dispositivos de normalização que atuam nas sociedades modernas. O domínio da normalização disciplinar é aquele constituído pela materialidade dos corpos e pela organicidade das instituições. O domínio constituído pela normalização como mecanismo do biopoder é formado pelos processos da vida e pelo governo das condutas (FONSECA, 2002, p. 233).

Dentro deste contexto o pensamento foucaultiano, descrito para a verificação do poder sobre a materialidade física indicam as bases da analítica do autor sobre as injunções do poder que, na efetividade cotidiana nos envolve e faz do nosso corpo o que somos.

Assim, em todos os cantos o corpo aparece enquanto fonte de saber e poder. Apreendê-lo em sua produção pode significar a constatação dos efeitos de poder desenvolvidos na modernidade, por meios, da experimentação do corpo. Locais como os

¹⁹ “Quanto à normalização operada pelos dispositivos de segurança, Foucault exemplifica sua forma fazendo referência aos procedimentos envolvidos nas práticas de valorização e de vacinação que aconteceram no século XVIII. Em tais procedimentos aparece o reconhecimento da doença como um fenômeno ao mesmo tempo individual e coletivo. E será como fenômeno coletivo que ela se atuará, implicando por exemplo o cálculo do seu crescimento no interior de uma população, na previsão dos riscos de contágio, na comparação entre uma taxa de incidência considerada “normal” para o grupo em questão com as taxas especificadas a cada momento”. In: FONSECA, M. Alves da. Michel Foucault e o Direito. Ed. Max Limonad. SP, 2002. (p. 213) Aspas do autor.

Vigilantes do peso trazem a experiência da transformação corporal, sem a necessidade de tocá-lo como acontece nas cirurgias plásticas convencionais.

A instituição escolhida levou a pesquisa a fazer conexões dentro da referência teórica, e para balizar teoria e prática buscou-se trabalhar com os conceitos de bio-política e governamentalidade. Uma vez que eles podem ser observados e descritos em sua atuação no microfísico espaço institucional, através do interesse do Estado em usar estes mecanismos para reduzir gastos e promover o discurso sobre a saúde, assim como demonstra possíveis relações de gerenciamento bio-político estatal e individual.

Sobre a governamentalidade as conexões podem ser vistas através dos critérios de autogoverno do corpo dentro dos parâmetros disciplinares do programa, cuja regra é tratamento sem aprisionamento. Indicando que o corpo já disciplinado pode ser expresso como um experimento dentro do dispositivo.

Entender o surgimento das políticas públicas que atuam em relação à saúde pode ser de certa relevância na busca de interpretações da realidade social em relação aos discursos produtores de subjetividades e de corpos.

Ainda que não se trate aqui de entrar na polêmica noção de liberdade no pensamento do autor, mas sim de expor perspectivas que melhor ilumine o debate atual em relação ao corpo e as suas possibilidades frente o emaranhado novelo em que se encontra atado.

Mas, se o autor é envolvido com questões de poder durante as suas reflexões elas podem apontar de maneira não sistemática para uma importante revelação na sua produção intelectual, ou seja, para a construção do homem moderno em suas origens e em suas possibilidades de vir a ser um corpo, uma família ou uma sociedade onde a existência tenha em seu modo natural e social capacidade para se reconhecer e, através de suas experiências vividas o seu adequado produzir-se revelando com isso o cuidado de si mesmo e da sua própria condução²⁰.

Outras pesquisas, ao seguir a trilha aberta por Foucault, evidenciam os efeitos da bio-política na vida contemporânea em sua submissão aos efeitos das produções de identidades corporais, como o caso dos judeus dentro das especificações do campo de concentração.

Identidades corporais que vinculadas aos discursos científicos ou políticos, disseminam-se através da mídia, à exemplo: a manipulação dos genes, demonstrando seus

²⁰ Foucault, M. "A Governamentalidade". In: *A microfísica do poder*. 5 ed. RJ: Graal, 2000. (c) (p. 277 -293) e *A história da sexualidade*. V. III. 13 ed. RJ: Graal, 1999 (b). (p. 45 – 73)

efeitos objetivantes na busca de uma saúde para o futuro. Assim, promovem subjetividades efêmeras para o consumo de “vidas” como mercadorias transitórias.

2.3 Corpo e vida nua

Na efetivação dos processos de normalização que atuam em nosso cotidiano e no embate entre o corpo e os efeitos do poder que objetivam os modos de ser, as novas maneiras de instituir as normas como as observadas nos VP, demonstram que é cada vez maior o espaço entre o sujeito e aquilo que lhe evidencia como o “senhor de si” fora das intervenções do poder normalizante. Há entre o sujeito e a sua posse, a expectativa de mercado que atuante produz meios de subjetivação das identidades corpóreas, mas também um descarte rápido que atua como uma espécie de des-sujtivação dessas mesmas referências corpóreas.

Em nosso regime sócio cultural a resistência corporal quando aparece esta subordinada a lógica do consentimento que, por sua vez, tem na adequação dentro da ordem do discurso a possibilidade de rejeitá-lo. Há um exemplo interessante quando se pensa os homossexuais que ao buscar a estabilidade conjugal reivindicam tratamento de heterossexuais perante a lei (MISKOLCI, 2006). Essas expectativas de resistência às investidas do poder podem ser de relevância em relação as experiências corporais.

Somente ao experimentar o múltiplo o sujeito poderá dentro dessa lógica normalizante que nos constituiu em efêmeros sujeitos do poder assenhorear-se da sua própria condução. Ora mais isso é pura contradição, sim poderia dizer o discurso que normaliza, mas essa é a condição política que se encontra o homem dentro da democracia ocidental.

Em *Homo Sacer*, Agambem (2002) lança luz aos caminhos abertos por pensadores que historicizaram o século XX. Hannah Arendt e Foucault são chamados para a tarefa de ajudar a responder acerca da problemática noção de democracia ocidental.

Ao indagar sobre o “bio-político” preenche as lacunas que ambos os autores passam ao largo, e nos ajuda a compreender o duplo: viver-morrer que o conceito contém, assim como o insistente apelo de Foucault para o abandono da prática política moderna vinculada ao direito soberano²¹.

²¹ Agambem, G. *Homo Sacer: O poder soberano e a vida nua*. Ed. UMFG, 2002. *Homo Sacer*: “Homem sacro é, portanto, aquele que o povo julgou por um delito; e não é lícito sacrificá-lo, mas quem o mata não será condenado por homicídio; na verdade, na primeira lei tribunícia se adverte que “se alguém matar aquele que por plebiscito é sacro, não será considerado homicida”. Disso advém que um homem malvado ou impuro costuma ser chamado sacro. (p. 196, nota: 18)

Segundo Agambem, Hannah Arendt, no fim da década de cinquenta analisou o processo que induziu ao *animal laborans*, junto com a vida biológica, a ocupar o cenário político moderno. Pautada na relevância cada vez maior da vida natural sobre a ação política, a autora buscava iluminar a alteração e o declínio do espaço público na sociedade moderna.

Mas tanto Hannah Arendt, quanto Foucault não estabeleceram vínculos entre as suas pesquisas e o fato de que Arendt, no texto em que introduz a vida natural na cena política não faz referências a suas surpreendentes análises sobre o poder totalitário, assim como, não faz nenhuma menção a bio-política. Da mesma forma que Foucault não “desloca a sua investigação para as áreas por excelência da bio-política moderna: o campo de concentração e a estrutura dos grandes Estados totalitários do novecentos”(AGAMBEM, 2002, p. 12).

Através da busca ao conceito de bio-política Agambem – traz ao debate moderno o sugerido corpo como lócus de verificação dos efeitos do poder na atual sociedade de direitos. Do soberano ao comatoso quem decide pela vida, e qual vida deve e pode ser vivida e de acordo com qual governo?

Diferente de Foucault, e justificado por uma concisa delimitação metodológica, verifica o “*nomos*” (campo) como meio de atuação da bio-política. Por meio do campo faz a mediação entre bio-política e as tecnologias do eu sugeridas por Foucault.

Essas indagações possibilitam a Agambem uma melhor compreensão do fluxo entre esses dois pólos e a justificativa do uso do corpo como um agente duplo do poder que ao se manifestar, enquanto ator social através dos controles de si (tecnologias do eu) revela os efeitos do poder através de si (bio-política).

Ao refletir sobre a vida Agambem faz a análise do direito de matar soberano evidenciado no século XX, através do ininterrupto genocídio que a espécie humana contempla na agonizante passagem pelos séculos que compõem a vida moderna, mesmo apesar de todo apelo institucional de uma sociedade de direito a vida.

Essa contradição vinculada à idéia de soberania possui em si o duplo: pertencimento e não pertencimento ao ordenamento da lei, ou seja: “eu, o soberano, que estou fora da lei, declaro que não há um fora da lei” (AGAMBEM, 2002, p. 23).

Com Foucault, na espiral do tempo segue atrás da bio-política – a moderna forma política de gerenciar a vida – e se depara com Platão e Aristóteles e no “já dito” do mestre e do aprendiz revela a *zoé* como uma vida que se mostra sem atrativos e sem qualidade de ser vivida.

Na polis do mundo grego clássico a “simples vida natural” é excluída do âmbito da vida reprodutiva, ou seja, confinada ao oikos. Os gregos ao referirem-se ao “oikonomos (o

chefe de um empreendimento) e o *despótes* (o chefe de família) que se ocupam da reprodução da vida e da sua subsistência” faziam lhes distinção política entre a vida reprodutiva e a bios informando que a diferença entre a vida nua e a bios era de “quantidade e não na espécie” (AGAMBEM, 2002).

Tanto Aristóteles quanto Platão ao definirem a comunidade perfeita contrapõem “o simples fato de viver (*tó zên*) à vida politicamente qualificada (*tó eû zên*)”. Mesmo que defina o “homem como *politikon zôn*” objeta que a política não é atributo do vivente como tal, e sim a diferença que determina o gênero *zôn* dos outros viventes porque se difunde na linguagem do bem e do mal, justo ou injusto relegando o prazeroso e o doloroso que por sua vez vincula-se diretamente ao corpo.

Este tipo de vivência não é pensado pelos gregos por não fazer parte daquilo que para a polis era concebido como vida, pois o que estava em questão era o viver bem na polis e em sua individualidade, porém, mesmo que a vida seja desqualificada em seu *modus* vivente – *zoé* – e se não houver um excesso de sofrimento no viver haverá decerto um forte apego a ela.

Com o objetivo de desvendar a intersecção que existe entre o “modelo jurídico-institucional e o modelo bio-político do poder” Agambem (2002) mostra que essas duas formas de análises não podem ser separadas, pois trazem em si as implicações da vida nua – *zoé* - em seu encoberto núcleo genético constituído pelo poder soberano.

Ao registrar a trama entre os modelos analíticos da jurisprudência e da bio-política aponta que a introdução da vida nua no espaço político moderno reconstitui a encoberta essência do núcleo que origina o poder.

Dessa forma a produção do corpo bio-político é em sua base o que da origem ao poder soberano; assim, a bio-política é tão antiga quanto a exceção soberana. E ao vincular a vida biológica em seus cálculos o Estado moderno corresponde à antiga tradição que “une o poder a vida nua”.

Essa configuração do poder soberano segundo Agambem pode ser a contribuição originária para a produção do corpo bio-político contemporâneo, uma vez que, evidência a bio-política como tão antiga quanto o poder soberano.

Quanto ao Estado moderno ao trazer ao centro das suas preocupações a vida biológica reconduz o vínculo entre o poder e a vida nua e nos reata ao mais antigo dos segredos da política, a exceção soberana configurada pela figura do *Homo Sacer*, aquele que traz consigo a *zoé*, em sua vida matável, sacrificável.

Agambem (2002) traz à vivência atual, com o estado de exceção política a demonstração de que a “democracia moderna em relação à clássica, é que ela se apresenta

desde o início como uma reivindicação e uma liberação da *zoé* que ela procura constantemente transformar a mesma vida nua em forma de vida e de encontrar, por assim dizer, o *bíos* da *zoé*”.

O que o autor está chamando atenção é para a complexidade da democracia moderna onde o estado de exceção vigora como uma espécie de luta entre o poder bio-político e a vida nua. O soberano é quem decide a exceção através da regionalização entre o que está fora ou dentro do espaço de ordenação incluindo aquilo que é expulso.

Nesta acepção quem governa é a pergunta que Agambem faz a democracia moderna ao colocar as questões sobre a eugenia e as experiências com humanos em campos de concentração, onde a vida se torna sem valor e o corpo sem as especificações do *nomos*, transforma em atributo de ser seu próprio soberano.

As demonstrações de Agambem, acerca da bio-política e das configurações do campo como paradigma da compreensão da vida nua demonstra, em seus interstícios a apropriação do corpo como elemento do estado e, em concomitância a suas possibilidades de ser um corpo que se governa em sua fragilidade enquanto um ser vivente.

Nesta acepção temos no soberano a figura do *homo sacer*, que na luta pela vida se mantém dentro e fora da normalidade em puro estado de exceção. O campo em Agambem é ao mesmo tempo território de exclusão e de inclusão e se estendermos ao corpo, individualizado em sua vivência, se torna o *nomos* de seu próprio Ser.

Entre o ordenamento bio-político e as suas formas de adestramento como disse Foucault, o corpo luta resistindo, dentro do campo regido através da normalidade, em seus espaços de intersecção ou fora de seus sustentáculos, mas sem no entanto, abandoná-lo.

Agambem (2002, p. 191) conta o exemplo do “mulçumano” no campo de concentração como lócus de resistência do *homo sacer*:

O que é a vida o mulçumano? Pode-se dizer que ela seja pura *zoé*? Mas nele não existe nada de “natural” e de “comum”, nada de instintivo ou animal. Juntamente com sua razão, também os seus instintos foram cancelados. (...) o habitante do campo não era mais capaz de distinguir entre os agulhões do frio e a ferocidade da SS. Se lhe aplicamos literalmente esta afirmação (“o frio, SS”), podemos dizer que o mulçumano se move em uma absoluta indistinção de fato e direito, de vida e de norma, de natureza e política. Justamente por isto, às vezes, diante dele, o guardião parece repentinamente impotente, como se duvidasse por um momento se aquela, do mulçumano – que não distingue uma ordem do frio -, não seria por acaso uma forma inaudita de resistência. Uma lei que pretende fazer-se integralmente vida encontra-se aqui diante de uma vida que se confundiu em todos os pontos com a norma, e justamente esta indiscernibilidade ameaça a *lex animata* do campo.

Dentro das investigações de Agambem observamos que após as descobertas de Foucault acerca das tecnologias de poder desenvolvidas durante a modernidade emergiram em nossa história efetiva a fomentação das mais variadas possibilidades para observar o imenso conjunto de “aparelhos” criados com o intuito de “preservar a vida”.

No seguimento destas pesquisas, podemos constatar que empresas, em todos os setores comerciais, se transformam em atrativos mundiais no discurso da “geração da vida”, ditando valores e incitando normas para o corpo produzindo a vida desde o nascimento até a morte.

São campos de produção de subjetividades que atuam como dispositivos sobre o corpo de acordo com as normas que estabelecem para sua direção e produção, em todos os aspectos, e com diversas maneiras que envolvem a vida e o corpo como um artefato a ser produzido.

Nesta acepção o VP não foge a regra é campo de experimentação e de consumo de vivências corporais, pois demonstra que seus usuários ao fugir de um discurso coercitivo, no caso a advertência contra o sobrepeso, revela os efeitos do poder sobre o corpo em sua transformação ao experimentar a normalização discursiva.

2.4 O corpo (re)descoberto da modernidade

Tendo em vista as configurações do poder em nosso cotidiano, e o notável desenvolvimento tecnológico dentro do setor industrial, podemos ressaltar que através do uso de câmeras, seja na órbita da terra ou, em locais privilegiados ao expor os ínfimos espaços de qualquer cidade, podem ser visto como uma ampliação da arquitetura vigilante.

São espaços de controle e de normalização corporal que ultrapassam as fronteiras dos campos de concentração, e neste aspecto as sugestões de Agambem em relação às pesquisas científica com seres humanos são pertinentes, pois ao se expandir os espaços de controle envolve toda sociedade dentro da experimentação vigilante.

Nestes espaços onde a disciplina bio-reguladora estende seus tentáculos e lança seus olhares disciplinadores, o corpo é a exceção, uma vez que em sua unidade orgânica é espaço

para a resistência ao poder²². No interior das grandes e pequenas cidades o limite é o corpo em sua verdade moldada através da carne viva com as ordenações sociais.

Neste contexto ainda podemos nos perguntar: quais as conseqüências dessas tecnologias quando vinculadas aos sensores do corpo como: a ótica, a audição, o tato, e a pele nas realizações psicossomáticas que se expressam e se moldam enquanto subjetividades em nosso cotidiano? Como diz Souza (2000), o projeto genoma nada mais é do que o olho que tudo vê do panóptico rastreando “o infinitamente pequeno do corpo humano” atrás dos desvios hereditários ou psico-sociais²³.

As inovações tecnológicas na área da informática ao auxiliar, com as descobertas aliadas à biociência ampliam as possibilidades do funcionamento dos sensores corporais dentro das novas especificações da vida contemporânea, mas indicam os novos processos de controle e marginalização e que ainda muito pouco se conhece.

Escutas telefônicas ou rastreamentos das comunicações através da Internet, não reduzem as possibilidades de comunicação, mas demonstram que o desenvolvimento desses sensores, ampliado através dos mais variados domínios tecnológicos, opera em via dupla, ou seja, no controle dos corpos a partir do domínio da palavra, do oral.

São novas maneiras de interceptar as confissões, e ampliar os espaços sociais de disciplinamento. Foucault (2001) ao averiguar as tecnologias de condução da vida faz um alerta sobre a evolução das técnicas de confissão que nos rodeiam sem que nos percebamos. Falamos sobre tudo e de tudo, e mais para todas as pessoas, sejam conhecidas ou não. E desde o confessoriano cristão aos ouvidos atentos dos psiquiatras a fomos habituados falar de tudo e sobre tudo.

²² Decerto que Foucault, havia formulado esta questão da sentinela além dos muros institucionais, através da vigilância móvel, e a difusão do poder nos interstícios da cidade. E assim, controlar e salvaguardar a riqueza entesourada longe das desprezíveis classes alijadas de recursos financeiros que, em busca de poder viver buscavam se apoderarem das posses da burguesia. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002

²³ No caso da Criminologia em relação a proteção e segurança do corpo, Souza, pergunta: “Sociedade de controle e digital rule?” e acerca da sociedade disciplinar e da sociedade de controle diz: “Talvez não mais a disciplina, mas sua virtualidade, seu rastro na teia eletrônica dos controles. (...) A particularidade do controle digital seria o “monitoramento à distancia” este monitoramento não somente amplia a capacidade do sistema em controlar um maior número de indivíduos (ou melhor, informações digitais) como também de produzir conhecimento sobre eles (saber-poder) sem que haja mais nenhum rastro da centralidade do controle, dentro de uma estratégia política de longa duração sobre a massa. (...) Não seria mais o caso de entender a complexa relação entre policia e direito, entre vigiar e punir, pois na sociedade do controle digital, o controle e punição estão cada vez mais sobrepostos: a punição não se desenvolve mais num tempo, ela é imediata, não importando mais seus efeitos extra-virtuais”. (p.76-77)

“Tendências atuais nas áreas de segurança pública e de policia: revisitar Foucault ou uma nova sociedade de controle” In: Biroli, F; Alvarez, M.C. Michel Foucault: *Histórias e destinos de um pensamento*”. CADERNOS DA F.F.C 2000. v.9, n.1.

Essas técnicas que incessantemente se renovam possibilitam com os rastreamentos de senhas e dos mais diversos meios de comunicação, práticas disciplinares de auto-monitoramento²⁴. Os espaços reservados a manutenção do corpo não existem mais dentro da sociedade que tudo vê, ele é constantemente colocado à expiação.

A biotecnologia de controle sobre o corpo comumente evidenciado pelos meios de comunicação social é analisada por Segurado (2005), que pensa a relação entre o desenvolvimento da ciência da informação como agentes potencializadores das novas tecnologias que estão em curso: Tv digital, Internet, revistas, sites e câmeras, entre outros programas são mecanismos que vinculam a mediação entre os discursos e as noções de normalização que atuam sobre o cuidado com o corpo.

A relevância dessa reflexão está na busca em identificar a relação entre a produção de subjetividades e os cuidados com o corpo, pois na efetividade cotidiana a comunicação medeia às trocas de informações com as noções transmitidas ao indivíduo no que diz respeito ao zelo do corpo.

Dessa forma as experiências corporais através da divulgação do discurso científico sobre o desenvolvimento acerca do conhecimento genético induzem a mudança em relação à ação na prática cotidiana, assim como as maneiras dos sujeitos pensarem os cuidados em relação a si. Nesta perspectiva o debate com Agambem é interessante, pois esta conforme averigua Segurado, acerca da referência genética o corpo experimentado esta em constante estado de exceção.

A possibilidade de intervenção no corpo com a finalização do mapeamento genético em 2003, demonstrada pelo Projeto Genoma e a promessa da cura hereditária propuseram a essas tecnologias espaços cada vez maiores na audiência midiática. Como um discurso ordenado que uniram saberes populares à evolução dos conhecimentos científicos.

Essa relação interativa que ocorre na contemporaneidade, entre o sujeito e a mídia estimula as possibilidades potencializadoras de subjetividades levando para cada um maneiras do controle de si, mediado pela responsabilidade hereditária futura. Não é apenas a responsabilidade com a educação moral do sujeito que esta em jogo na contemporaneidade.

Hoje o indivíduo também é inserido dentro do debate de como vai ser o corpo dos seus descendentes. E assim, fazem parte da experiência no campo da genética e, neste sentido

²⁴ Em relação a rede de informação Internet: “tudo o que você digitar poderá ser usado contra você. (...) Imagine toda as tarefas que você realiza usando o *Google*. Depois, imagine o inverso, pense no que o *Google* sabe sobre você” (...) “hoje, o *Google* tem o numero do seu telefone celular, fotos via satélite da sua casa, lista de produtos que você compra e pode ler seus e-mails”. Diz Gregory Conti, analista de segurança da Academia Militar dos EUA. NAVES, P. Intimidade violada. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 set. 2006. Folha Informática, p. F-1/F-5

tal qual Agambem e Foucault disseram, estão em permanente luta pela soberania em pleno estado de exceção no que se referem aos segmentos da inovação genética que a cada dia refaz seus espaços exigindo dos indivíduos re-elaboração da sua eficácia física para que se sinta dentro das especificações da condução correta de si e de pertencimento social.

Desde o início da pesquisa sobre o mapeamento genético em 1990, fato que envolveu vários países conectados à Internet. O reconhecimento da mídia se tornou obsessivo em relação à edição dos resultados para a opinião pública no que diz respeito à “cura”, através do anúncio das novas tecnologias como possibilidade de correção dos corpos em seu nível molecular.

Na obsessão da informação na sociedade do capital, a verdade não é o produto da preocupação final da mídia em relação aos expectadores que, passivos aceitam seus discursos como fato verídico, alardeando as significações sobre a morte a mídia escamoteia o que realmente esta acontecendo acerca das redefinições da natureza humana através do dialogo entre genética e a tecnologia digital.

A idéia de um corpo obsoleto vinculada constantemente pelos meios de comunicação social confirma que o corpo passa por um processo de mutação e necessita de novas aptidões para melhor racionalizar a sua funcionalidade.

Essa transformação do corpo conectada a tecnologia da informática e a ciência genética se apóiam no pressuposto de que o corpo deverá ser objetivado e “corrigido” para melhor corresponder às exigências do efetivo histórico.

Seguindo a trilha de Foucault, esta linha de argumento constata que há muito tempo o corpo é instrumento de mutação, isto se verifica ao longo da história humana em suas experiências como a química e a alquimia a exemplo, mas é imprescindível compreendê-las em sua dinâmica social moderna, assim como o que esta impulsionando esse processo e, quais as suas relações com os mecanismos de poder que incitam a sua emergência.

Segurado, chama atenção para as tecnologias disciplinares reveladas por Foucault – o biopoder - que atuam na formação do corpo desde o início do capitalismo industrial e quais as tecnologias que agiram com melhor eficácia na extração das forças e da funcionalidade corporal. E como adaptaram-no para viver na sociedade moderna com os seus núcleos de interesses econômicos vinculados a atividade industrial.

A partir de Foucault, com suas contribuições acerca da mutabilidade do corpo através dos processos sociais e culturais presente na história da experiência humana.

Segurado evidencia que, devemos nos ater a conexão que agem nas mudanças do corpo e o associam ao dinamismo social ²⁵.

Com o advento da sociedade contemporânea o sujeito passou de produtor para consumidor isso permitiu ao mercado atuar no processo de produção de subjetividade. O sujeito do presente é concomitantemente exposto ao marketing e é reconhecido através das suas informações enquanto consumidor com o rastreamento virtual do seu gasto. Essa produção atua de forma que as subjetividades, também entrem na maratona econômica e passe a ser produto de descarte retro-alimentando o mercado.

Justamente esta peculiaridade permite ver que as técnicas para o adestramento do corpo, e conseqüentemente das massas, que agiram em suas transformações físicas, apesar da ordenação capitalista, não possuem núcleo enunciador de poder esses se originaram de uma diversidade de interesses anônimos.

Neste aspecto o neoliberalismo bio-político do século XX é evidentemente parâmetro em sua investida sobre o sujeito como produtor e auto-condutor de si como meio de governamentalidade do corpo, mas dentro das orientações do livre mercado enquanto dispositivo para a melhor condução de si.

Em sua interpretação acerca da mutabilidade corporal Segurado enfatiza que, durante a segunda metade do século XX, os mecanismos de normalização social adquirem uma nova dinâmica, e afastam-se dos modos de subjetivação descritas por Foucault, na origem do capitalismo industrial.

Mas em sua prerrogativa, esses novos dispositivos tecnológicos utilizados ainda trazem as mesmas bases tecnológicas analisadas pelo autor na formação do contemporâneo, isso traz a possibilidade de compreender as trajetórias das subjetividades que se conduziram aos padrões corporais vigentes na sociedade atual.

Se na origem do capitalismo industrial os indivíduos eram objetos a serem corrigidos para produção através do disciplinamento. Após a segunda metade do século XX, o objetivo do capital é centrado no consumo.

Com essa mudança ocorre uma inversão na maneira da produção industrial, se antes a produção era destinada para a venda, hoje a venda é o sinal para a produção. Não se produz mais para vender, mas sim, se vende para produzir. Na soberania do mercado, enquanto regulador das relações sociais, tudo é produzido inclusive as subjetividades corporais.

²⁵ Esta discussão esta presente com maior ênfase em “Os corpos Dóceis” onde Foucault faz um inventário das formas de como o corpo pode ser construído e reconstruído a partir das necessidades sociais. In: FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (p. 117- 187)

Essa maneira de retroalimentação do sistema produtivo traz em si não apenas a produção de subjetividades, mas também a massificação das subjetividades que em sua efemeridade torna-se, frente a esses dispositivos de controle, descartáveis em relação à dinâmica social moderna.

Se uma das chaves para a autonomia dos sujeitos era a informação, na contemporaneidade através da sua capitalização, ela se transforma em elemento de valor que rege a acumulação e a dominação.

E no que se refere aos processos de atomização do corpo, as siglas (AICG), permanentemente vinculadas pela mídia, mostram que a sua redução foi restrita as iniciais que compõem as proteínas que são responsáveis por qualquer espécie viva. Isso demonstra a perda de singularidade e da multiplicidade entre as espécies uma vez que não há mais diferença entre o homem e o abacaxi.

Em referência a reprodução genética esta prática indica uma mudança ontológica, pois a transformação ocorre na história da experiência humana em relação ao corpo em sua fisiologia, uma vez que estas alterações são efetivadas em um período histórico que podem comprometer fisicamente gerações futuras. Esses impactos realizados pela mudança no gene do homem podem no futuro criar novos párias sociais²⁶.

Segurado aponta para a emergência dos fatores que tornaram possíveis a molecularização do controle ajustados a sociedade atual e destaca a informação, como elemento fundamental que o presente traz em sua técnica de processamento do conhecimento genético.

Neste mesmo sentido de reflexão caminham os propósitos de Souza (2000) com a preocupação acerca do controle na área de segurança ao indicar para os processos e os usos de tecnologias de vigilância sobre os sujeitos. As novas tecnologias que inviabilizam os crimes também estão, através dos processos de desenvolvimento científico como a “digital rule” se tornando cada vez mais incisiva em relação a uma atomização do sujeito, são tecnologias de aprisionamento cada vez mais sofisticada na busca de redirecionar as condutas dos sujeitos.

Mas em se tratando do corpo em suas especificidades biológicas o elemento informativo do mapeamento genético na sociedade contemporânea tem em si o efeito do

²⁶ Seria engraçado, para não dizer pavoroso imaginar as possibilidades das novas formas de marginalização futura, podemos antever com hipóteses que a primeira vista pode parecer irracional, mas que no entanto, podem vir a ser uma realidade posterior como, por exemplo: a marginalização do “homem abacaxi” ou do “homem cavalo”. O que tornaria as lendas mitológicas antigas e a ficção científica realidades objetivas. Ao fazer a reflexão sobre “O futuro da natureza humana” Habermas traz a tona o debate do aumento das aptidões do Ser em sua humanidade enquanto uma possibilidade de entrave entre o corpo natural e o corpo fabricado. In: HABERMAS, J. *O futuro da natureza humana*. SP: Martins Fontes, 2004.

poder enquanto elemento regulador do social. A bioinformática em suas relações com as demais áreas científicas pode, através de uma célula, decodificar e revelar as características hereditárias de qualquer indivíduo, o que a torna um dos principais agentes na transformação da natureza humana permitindo rupturas nas formas do agir social, uma vez que seu controle é exercido via intramolecular.

Desde 1990, a bioinformática ganhou relevo com a declaração do seqüenciamento dos genes enquanto forma para “coletar informações sobre seres vivos por meio do seu código genético, pois a partir de uma célula qualquer organismo vivo pode ser codificado, decodificado e recodificado em caracteres que possam ser interpretadas e alteradas por cientistas” (SEGURADO, 2005, p. 110).

Considerando que as mínimas diferenças que existem entre as características hereditárias dos indivíduos, a decodificação dos caracteres genéticos opera como um instrumento estatístico em relação às possibilidades de um corpo doente. Mesmo que essas expectativas dependam de fatores que se revelarão no desenvolvimento da vida cultural e social do indivíduo.

Enquanto valor a informação genética se torna um dos capitais mais preciosos da sociedade atual, o que faz das empresas que atuam no mercado da biotecnologia apresentar os maiores rendimentos financeiros em bolsas de valores em todo o mundo.

A mercantilização da vida e os sistemas de patentes intelectuais como meios para apropriação dos fragmentos da vida tornam-se responsável por esta espécie de desterritorialização em nível molecular. Com as patentes, a vida através do DNA passa por um processo de valorização nunca visto, uma vez, que esse conhecimento traz em si a compreensão da vida fragmentada.

Esse sistema de patenteamento revela um paradoxo: a expectativa que as informações genéticas possam valer mais fora do que dentro dos seus organismos de origem. Opera-se dessa forma uma inversão a vida adquire valor fora da própria vida enquanto processo de conhecimento.

Neste procedimento em que o corpo surge como chave para a nova dinâmica social as populações indígenas são as que mais sofrem com o tráfico de genes. Com a fragmentação molecular do corpo há a expectativa de que os órgãos fora dele obtenham no biomercado maior valor econômico. Expropriadas em suas características físicas essas populações temem um novo tipo de colonização, que não mais ocorre através da supressão da cultura, mas sim com a biocolonização.

Através do discurso da mídia, a ostentação sobre o perigo do risco da doença é a tática que induz a prevenção e o controle de populações com probabilidades efetivas em relação aos problemas que possam vir prejudicar o desenvolvimento das vivências sociais, e os indivíduos ante a expectativa da doença buscam nos novos mecanismos os cuidados no gerenciamento da saúde e dos corpos.

As especificidades da singularidade corporal podem também ser expressas coletivamente, tem relações com o desejo e se refere as: “possibilidades de articulação de um modelo próprio capaz de engendrar novas formas de expressão, contrapondo-se a subjetividade capitalista que busca a modelização e seriação dos indivíduos” (SEGURADO, 2005, p. 112).

O desejo nesta acepção caminhará na contra mão da redução do homem à dimensão genética incorporando a resistência corporal em busca de si e, assim tracejar a luta contra a perda da expressão humana individual, gerenciada pela biociência em sua busca de fragmentar o corpo para catalogá-lo e depois disponibilizado como dados.

Dentro desta óptica adotada por Segurado o desejo frente a desmaterialização dos corpos e as propostas em torno da ressignificação da vida se torna um dos únicos caminhos para se adotar contra a lógica da perversidade do capital que esta em direção paulatina da mudança ontológica do homem.

Na perspectiva do poder averiguada por Foucault o desejo, frente às inventivas da informação pode se tornar inoperante, pois dentro das suas especificações o desejo é um componente que atua agido sob a condução do poder. Esta diferença é importante pois, Segurado esta justamente dentro da acepção de Deleuze que inverte a posição do desejo em relação ao poder e busca abrir para a compreensão acerca da reterritorialização da vida.

Os empreendimentos que atuam na prevenção dos riscos a saúde são um dos que mais lucram no ramo de seguro do corpo e do seu bem-estar frente aquilo que é inesperado, pois estão vinculados ao discurso científico como a segurança do imprevisto na sua virtualidade. Esse elemento virtual se expressa através do alto índice econômico divulgado pelas biopatentes na bolsa de mercados.

A sugestão indicada por Segurado, para que se encontre uma possível saída para a situação é o deslocamento das questões relativas a propriedade intelectual para a realidade do acontecimento, ou seja, a forma de como a vida esta se privatizando em sua expressão microscópica. É essa discussão que deve nortear as atenções dos expectadores envolvendo os campos da ética, filosofia e política.

Dentro da insistência diária da propaganda midiática acerca da prevenção sobre os perigos que o futuro representa para o sujeito, e sob o manto da orientação em relação aos cuidados com o corpo, vincula a idéia de uma vida sem infortúnios indolor. A informação entre o certo e o errado sobre as vivências, atua como veículo de estratégia de mercado entre empresa e público consumidor e, com a informação acerca da prevenção cria a necessidade dos cuidados contra os riscos futuros em relação à saúde corporal.

No que se refere às pesquisas científicas acerca do corpo as tecnologias que se desenvolvem se associam, na medida em que promovem a “*desmaterialização dos corpos para rearticulação*” no plano da informação. O interesse científico ao eleger o corpo como “locus” preferencial das pesquisas na atualidade se verifica, por meio das informações sobre o seu funcionamento (SEGURADO, 2005, p. 113).

Neste sentido grande parte do mercado que atua no ramo da produção do “risco” recebe destaque dos indicadores econômicos comprovando a sua eficácia no campo da produção de necessidades. O seguro de vida se fundamenta no discurso acerca do “imprevisto”, que por sua vez, assume o estatuto de “prevenção de risco” na certeza de evitar o indesejável.

A propaganda do seguro vincula seu poder de minimizar qualquer dano, seja na saúde, casa, carros, entre outras, assim sendo, para prevenir as empresas que atuam na segurança da vida aparecem com auto-índices de faturamento financeiro.

Há um deslocamento da normalização do comportamento para a “noção de risco” como nova tática na antecipação dos comportamentos individuais e coletivos:

Essa lógica atravessa o discurso da medicina e contribui para a reformulação das práticas de saúde, agora, sob a ótica da prevenção geral, constrói uma tipologia dos fatores de risco baseada na antecipação de condutas individuais e coletivas que favoreçam o aparecimento de algum tipo de doença e nesse sentido, todos os indivíduos são portadores de uma ou mais possibilidade de adoecer (SEGURADO, 2005, p. 114).

Dentro do pacote oferecido pelos programas de saúde estão também as doenças, os exames de diagnóstico, os remédios, as dores localizadas as complexidades do caso. Os indivíduos são levados a se comportarem como doentes sem, no entanto, estarem doentes.

Neste contexto, o exame serve de base para as referências de uma população ou de um indivíduo que, por sua vez, podem ser agrupados dentro de tipos de anomalias e classificados dentro dos fatores de riscos que estão expostos.

Em relação, a configuração os fatores de riscos a obesidade e a Aids são bons exemplos ambas as doenças trazem em si o apelo do risco, seja através dos diabetes no caso do sobrepeso, ou da promiscuidade ou o sexo inseguro com a Aids.

Na companhia de seguro, o corpo pode ser fragmentado em partes para melhor atender o segurado. O jogador faz seguro das pernas, a modelo dos seios, cabelos, nádegas. As partes do corpo recebem atenções hierarquizadas, segundo a sua função ou utilidade, esses aspectos mercantis que envolvem o corpo é uma das características essenciais do capitalismo contemporâneo.

Mesmo que seja conhecida a ruptura na barreira entre o humano e o inumano é possível pensar nas dimensões da subjetividade dentro das questões acerca do mapeamento de genes. A inovação dessas biotecnologias está na dimensão dos seus efeitos no processo de subjetivação dos indivíduos, com o auxílio da cegueira sobre as noções de espaço tempo - onde os sujeitos passam a acreditar em uma vida eterna - são promovidas as desterritorializações corporais.

A mídia ao explorar os aspectos do cuidado como corpo induz ao imperativo da qualidade de vida, com a prática no presente, do vigor e saúde para o futuro. Através da máxima sobre o corpo obsoleto no contemporâneo e, sua necessidade em se aperfeiçoar procura alternativas para redefinir seu funcionamento no amanhã sem se pautar sobre o amplo processo de submissão mental a que expõem o sujeito em seu eu corpóreo.

Com os avanços da biotecnologia o corpo é redefinido em suas potencialidades aprimorando as suas aptidões. O consumo desses conhecimentos pode dividir as pessoas de formas distintas: entre os aptos e os não aptos; e entre os que podem ou não consumir estas tecnologias, produzidas a partir do corpo, como recurso de aperfeiçoamento²⁷.

Entre as expectativas que pairam em relação ao conhecimento do genoma humano esta a possibilidade de implantes e próteses para melhorar o desempenho, ou a produção de seres híbridos ou cyborgs. É esta prática que representa a mudança ontológica da noção de

²⁷ Ao pensar sobre o caminho da eugenia liberal provocada com o desenvolvimento das técnicas genéticas em curso, Habermas chama a atenção sobre as conseqüências éticas em relação a predisposição moral na qual o sujeito transformado em suas aptidões pode por ventura se encontrar: “As intervenções eugênicas de aperfeiçoamento prejudicam a liberdade ética na medida em que submetem a pessoa em questão a intenções fixadas por terceiros, que ela rejeita, mas que são irreversíveis, impedindo-a de se compreender livremente como autor único de sua própria vida. Pode ser que seja mas fácil identificar-se com capacidades e aptidões do que com disposições ou até qualidades; porém, para a ressonância psíquica da pessoa em questão, importa apenas que estava ligada ao propósito da programação. Somente no caso de se evitar males extremos e altamente generalizados é que surgem bons motivos para se aceitar o fato de que o indivíduo concordaria com o objetivo eugênico”. In: HABERMAS, H. O Futuro da Natureza Humana: A caminho de uma eugenia liberal? São Paulo, ed. Martins Fontes, 2004. (p. 87)

humanidade com o corpo híbrido torna-se cada vez mais difícil a identificação entre o “biológico natural” ou o “naturalizado pela biotecnologia”.

Para sair dessa trama é preciso que se viabilizem a ressingularização dos sujeitos colocando em curto-circuito o seu devir. Relsingularizar os sujeitos, através da ruptura no processo de produção do desejo, e liberar a sua potência criativa, através do desejo corporal dando-lhe o seu aspecto singular. Deve-se pensar a singularidade como “modo de vida”, capaz de evidenciar pluralidade de expressões.

E assim, deslocar o processo de produção da subjetividade, em meio à intensa mediação do corpo pela máquina, arrastando para fora do campo simbólico do maquinismo, que invadem com permanência a subjetividade dos indivíduos. Deve-se apostar na capacidade de reinvenção dos sistemas de comunicação em criar novas práticas com o intuito de promover transformações no sistema.

A operacionalização da vida através da arte pode reavivar o papel e a importância dos processos criativos e abrir brechas para que multiplicidades de re-significações possam desencadear multiplicidades de subjetividades singulares. A expressão criativa deve servir como suporte para o devir através da construção de linhas de saídas dos mecanismos de processo de produção de subjetividades.

É cada vez maior, diz Segurado (2005), o número de lutas, contra a utopia totalizante que se demonstram em “micro políticas na construção de territórios auto-referenciais”. Lutas que engendram discursos para os novos rumos da política da ciência e da economia com o intuito de problematizar os aspectos que envolvem a produção da subjetividade na busca de uma nova existência para o homem.

Desde a manifestação, no século XVIII, dessas tecnologias de poder pautadas principalmente no dispositivo de autovigilância as reações contrárias a essas multiplicidades de interesses que vincularam sobre os indivíduos trouxeram, em seu interior, manifestações contrárias a sua homogeneização. Essas resistências observadas durante o capitalismo moderno são as responsáveis pela rejeição dos sujeitos que não se enquadram às normas que se estabelecem.

O desejo será a chave para a potencialização do corpo dentro dos critérios de normalização difundida pelo discurso da informação enquanto mediação aos efeitos do poder. O desejo por si, pelo próprio corpo mesmo estando dentro das inovações do discurso científico, como diz Foucault (2000c), traz a possibilidade de luta pelo prazer de viver o devir do corpo, através da sua potência criativa.

É interessante a discussão desencadeada após as realizações das pesquisas de Foucault, pois cada uma assume diferentes aspectos mesmo que se aproximem das suas observações ou delas se derivem essas discussões servem como tentativa de observar uma saída para as grades de ferro que Foucault evidenciou na sociedade.

Os aspectos apontados acima, demonstram como a produção científica acerca do corpo apresentam os contornos que a bio-política assumiu na regulação dos corpos, e na produção de dispositivos para o controle de subjetividades. Nesta dinâmica o VP é mais um dos dispositivos que atuam como, agenciadores e produtores de significações culturais em busca de subjetividades vinculadas a lógica reguladora do mercado.

As novas leituras sobre o gerenciamento da vida em suas mais diversas especificações demonstram as formas de normalização psíco-corporal evidenciadas por Foucault. Seja através dos arcanos da política na trilha seguida por Agambem, ou nas injunções do mercado, por meios, do desejo com Segurado, o corpo é objeto de determinação psíquica.

O que permite aos nossos objetivos observar que através das subjetividades que se expressam no programa de emagrecimento corporal dos VP, as configurações na produção em massas de comportamentos e corpos identificáveis como correto.

Essas observações acerca do corpo e da subjetividade são importantes para que possamos compreender a produção do corpo, através do discurso e da sua adaptação a regulação normativa. Nos VP essas premissas são utilizadas como meio para a resolução do problema da obesidade.

No VP o desejo de possuir uma corporalidade que se assemelhem às produzidas discursivamente se manifesta como meio de luta e de violência contra si. Luta por se adequar às formas discursadas como corretas e, violências por se privar dos prazeres gustativos e da sujeição do corpo aos ritos de transformação.

3 NOVOS ESPAÇOS DE OBJETIVAÇÃO DO CORPO

3.1 Corpo obeso e sociedade global

Nas inovações tecnológicas que a medicina moderna desenvolveu estão em relação ao corpo às especificidades relacionadas a ele não se fazem reconhecíveis socialmente. Seja através de algum estigma que o invalide enquanto sujeito através da falta de uma perna, braço ou mão, entre outras anormalidades como a obesidade ou outras doenças que podem vir a colocar o corpo em estado de morbidade.

Enquanto o corpo atravessa a história na imagem criada pelas mãos de Parrhasios que na escultura de Heracles, faz ver o ideal do corpo grego, ou na recriação desse ideal através de Benvenuto Celline²⁸ com a escultura de Perseu no século XVI, em pleno Renascimento, os pincéis de Botero abrem a cena no fim do século XX.

O que nos revelam essas formas aparentemente bonachonas de imagens de corpos se apertando em espaços que parecem não comportá-los. Que escultura do corpo ele recria através do que desenha?

Seria a representação do corpo no fim do século XX? Estranho fenômeno corporal esse que, retratado com pueril vigor, se revela denunciante de algo que acontece na realidade e, tal qual a loucura que navega nos pincéis de Bosch, na renascença do século XV, indicando uma curiosa presença que aparentemente não se suportava dentro da tela, aspirou transbordar em loucura confundindo-se com a realidade.

Não mais o Heracles dos gregos, nem o louco de Bosch, mas sim o sobrepeso de Botero. Na efetividade da alta modernidade o ideal é ser magro daí a sugestão do artista, ao retratar aquilo que ainda não compreendemos e alardeamos em busca de resposta sobre essas esculturas vivas, que ao fugir da realidade social se esconde dentro dela.

O que é esse monstro que leva pessoas a se agruparem e em reuniões e confessarem, “eu era gordo”. Acerca da obesidade, mesmo que pouco aparente, muito nos falta saber. Apontada como uma das maiores ameaças à saúde da humanidade e elevada ao estatuto de epidemia é um fato social que circunda a nossa objetividade com formas corporais que fomentam discussões nos mais variados níveis e setores da sociedade.

²⁸ Parrhasios viveu na Grécia século IV a.c. e Benvenuto Celline em Florença no século XVI e Botero pintor que retrata a passagem do século XX para o XXI.

Desde a administração estatal, através do controle bio-político expressos em saberes pelos mais variados seguimentos da medicina moderna: endocrinologia, farmacologia, genética, a forma corporal, enquanto sobrepeso, é especificada e onde a encontram é em sua medida despojada de existência, um mal que deve ser combatido.

Os investimentos em pesquisas revelam que em escala mundial, a preocupação das autoridades governamentais com o assunto e o combate a epidemia se torna tema discutido em diversos países. Em todos os lugares do mundo o alarde é geral.

E um variado tipo de meios de comunicação informam à população os mais diversos tipos pesquisas que demonstram que aproximadamente metade da população americana está acima do peso, assim como, a evidencia das relações, entre a economia aliada ao crescimento tecnológico nas atividades trabalhistas, e o barateamento dos alimentos como fatores determinantes para a doença.

No final de 2004, o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) divulgou a imprensa os resultados da Pesquisa de Orçamentos Familiares – POF – que visou saber acerca do desenvolvimento orçamentário das famílias brasileiras. Na pesquisa descobriu que em concomitância com o crescimento do poder aquisitivo da classe trabalhadora, houve um aumento do índice de peso corporal.

O IBGE apresentou que 40,6% da população adulta estão acima do peso, uma estimativa que aponta para índices de 40 milhões de pessoas divididas, entre homens e mulheres estão com propensão à obesidade. Este indicativo do instituto é visto com certo cuidado entre os especialistas que cuidam do diagnóstico e cura da doença. Que observam a obesidade no Brasil como resultados de uma alimentação pobre em nutrientes, resultante de seus aspectos sociais e culturais (DIAS, 2005).

Desde 1974, o IBGE esta fazendo uma sondagem sobre o desenvolvimento orçamentário das famílias no Brasil constatando, nestes últimos trinta anos, um aumento vertiginoso dos casos de obesidade. Os últimos dados, se conjugados aos números da Organização Pan-Americana da Saúde, registram que somente nos últimos vinte anos houve um aumento de 240% nos casos de obesidade no país.

Antagonismos à parte esses dados revelam que mesmo sendo obeso o brasileiro é mal-nutrido. O resultado da pesquisa POF segundo Eduardo Nunes,²⁹ revela as faces da pobreza no país: obesa e desnutrida. Esse saldo negativo na balança em conjunto com a

²⁹ Presidente do IBEGE, na época em que se realizou a pesquisa era Eduardo Nunes.

desnutrição revela, que cada vez mais os brasileiros comem em maior quantidade, mas com menos qualidade.

Ao discutir o uso de medicamentos no controle e cura da obesidade Wannmacher (2003) apoiada em investigações realizadas pelo mesmo instituto, o Programa Nacional de Saúde e Nutrição (PNSN) de 1989 indicou as mesmas conclusões. Em outros termos, há preocupação com os altos índices de obesidade. A pesquisa demonstra cautela em relação ao uso de medicamentos receitados para o controle da obesidade e seus efeitos no organismo³⁰. Além disso, constata-se a íntima relação entre obesidade e baixos níveis de escolaridade e de renda.

Outro fator importante revelado pela pesquisa é que os mecanismos que divulgam os cuidados do Estado brasileiro com o corpo do cidadão não se realizam na prática cotidiana, talvez por não encontrarem veículos de informação (como escolas, mídias, ou livros relacionados a temática) aptos a atingir o grande contingente populacional que situado a margem encontra-se desprovido desses meios informativos.

Subentende-se que grande parcela da população suporta privações diárias de alimentos devidos a fatores determinados pela história sócio-econômica local. Essas contradições entre pobreza e obesidade, desnutrição e sobrepeso trazem à tona que a política no Brasil, mesmo com a tentativa de eleger um plano político intitulado “fome zero”, ainda não está em condições de assegurar a saúde alimentar como um direito a uma vida saudável à grande parcela da população que se situa dentro dos limites da pobreza.

Há um verdadeiro paradoxo nisso, pois a cultura ocidental globalizada valoriza a imagem do corpo esbelto para fins de mercado simbólico. Seja nas passarelas da moda com seus modelos magros, seja nas propagandas e no mercado publicitário, com os corpos sarados e saudáveis, o mundo globalizado impõe uma verdadeira ditadura do corpo para cujos efeitos apenas agora estamos dando atenção.

As fantasias das indústrias cinematográficas e de brinquedos também cumprem um papel simbólico importante na medida em que transformam os heróis e as heroínas em pequenos adultos corporificados, induzindo uma dessensibilização das crianças em relação à realidade concreta dos corpos, de seus fluídos, de seus cheiros e de suas dores. As formas corporais, a sexualidade, a vida propriamente dita são esvaziadas de seus conteúdos históricos

³⁰ O Ministério da Saúde através de pesquisas realizadas por telefone (VIGITEL) nas capitais do país em março de 2007, revelaram que a população adulta está acima do peso: 43% nesse percentual; 29% são sedentários. In: SUWWAN, L. 43% dos adultos estão acima do peso e 29% são sedentários. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 15 mar. 2007. Folha Cotidiano, Caderno 8, p. 4.

e ganham uma imagem fria que parece se comunicar com as peças de prazer das sex-shops planetárias.

Os bonecos dos heróis *Marvel* e a cultuadíssima boneca Barbie, por exemplo, reverberam discursos que podem ordenar formas de apresentação do corpo social e contribuem conjuntamente na produção das subjetividades em relação ao corpo, à corporalidade e ao sexo.

No plano local, vemos o reverso da maquinação dos corpos, quando as pessoas e seus corpos são aviltados e violados. As violências e as mortes cotidianas incidem diretamente sobre os corpos nos territórios das periferias, das instituições e das grandes cidades, onde prostituição, exploração do trabalho, tráfico de órgãos e de pessoas fazem dos corpos objetos de consumo e de descarte. O sexo e as drogas configuram os prazeres físicos, os sentidos corpóreos, e mantêm as pessoas escravizadas às compulsões das rotinas pós-tradicionais.

Como diz Habermas (2004), as eugenias liberais, ou como diz Bauman (2000), os corpos descartáveis, definem as vidas, entre a vida e a morte, diminuem ou aumentam a qualidade das proteções dos direitos. As chacinas cotidianas perpetradas pelas milícias ou pelas polícias não ligam o mundo marginalizado ao mundo do consumo high-tech das elites globais, onde a compra de um corpo por uma noite pode ser feita através de serviços exclusivos? As mortes por encomenda, ou trabalho sanitário das polícias brasileiras, não se realizam também de uma forma incorpórea?³¹.

E mais, no rastro das performances mundiais em busca do corpo dos sonhos, emergem compulsões ligadas ao corpo e ao alimento: anorexias, bulimias e vigorexias atacam as camadas altas, médias e baixas, fazendo parte do cotidiano social do brasileiro que globalizado reflete todas as mazelas vinculadas da civilização moderna. E mais, academias vicejam, personal trainers são a última moda, os spas oferecem todas as comodidades de shopping-centers, as operações de encurtamento de estômago, as plásticas e o botox são a nova face da modernidade desprendida da esfera pública.

O aumento da obesidade e o risco de epidemia, no meio da população produtiva, inserem a doença no meio social como fator de risco não só econômico, mas de possível pólo de contágio dos outros setores sociais através das suas contradições expressas na bulimia ou

³¹ MAYRINK, M, José. *A sistemática escalada da violência*. O Estado de São Paulo, 03 de jul. 2005. Aliás: a revista da semana, p. 4. em entrevista ao sociólogo Cláudio Ary Dillon Soares traz a seguinte informação em relação ao tratamento social e político do corpo no Brasil: desde 1979 até 2002, os índices de mortes violentas causadas por homicídios crescem 0,9% entre esse espaço de tempo que equivalem a 22 anos mais de 2 milhões de brasileiros foram assassinados.

anorexia, entre outras doenças. A obesidade é a doença do século? E não é mais exclusividade de país rico? Obesidade agora é considerada uma “doença” que vem crescendo em países do terceiro mundo.

Mas o que é a obesidade enquanto fenômeno social, qual a sua origem e o que ela suscita, tem sido preocupação de pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento. Nas Ciências Sociais, resta saber que o interesse pelo tema tem enriquecido as pesquisas que apontam para uma crescente fobia aos obesos seja, através da imagem social corpórea que eles representam ou através da possibilidade de contágio que suscitam gerando significações depreciativas segundo Claude Fischler:

Muitas pesquisas americanas, realizadas desde os anos 60, trataram da maneira como as crianças obesas eram espontaneamente percebidas por seus pares ou pelos adultos. Numa delas, por exemplo, mostrou-se a meninos de seis a dez anos silhuetas de crianças magras ou obesas. As silhuetas obesas atraíram uniformemente apreciações bem negativas (“trapaceiro”, “preguiçoso”, “sujo”, “mau”, “feio”, “besta”, etc.). Já as silhuetas esguias eram uniformemente julgadas de forma positiva. Na maior parte dos países desenvolvidos, uma grande proporção da população sonha em ser magra, mas vive gorda e aparentemente sofre com essa contradição (FISCHLER, 1995).

No momento observamos que a obesidade enquanto fenômeno epidêmico passa a ser monitorada em todas as esferas da sociedade e o que ela suscita é uma tecnologia de investimentos no controle e na produção dos corpos em massa objetivando-o em formas esguias. Cabe talvez às Ciências Humanas criticar essa manipulação, essa fobia dos corpos, que se expressa claramente em relação ao corpo obeso (que algumas companhias aéreas estão querendo sobretaxar).

É preciso ficar atento às facilidades da crítica ao caráter epidêmico, como se houvesse um vetor, meios de transmissão e uma profilaxia dessa doença pós-moderna. Onde deve ser e como equacionar conhecimentos sobre o elemento biológico e o social em relação ao corpo? Quais distinções a fazer e qual a significação da obesidade enquanto compreensão conceitual para que se reconheça o fenômeno enquanto objeto para as ciências sociais?

3.2 O corpo em busca reconhecimento

Definida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), como o Índice de Massa Corpórea (IMC) acima da média, a obesidade poder ser detectada, através do seguinte cálculo: multiplica-se a altura por ela mesma e o resultado é dividido pelo peso, tem peso excessivo quem estiver com o IMC acima de 25, o sujeito é “gordo”, e com obesidade acima de 30, e o ideal 21³².

Portanto, não há um conceito de obesidade. Há uma definição médico-nosológica baseada nas medidas do corpo. O corpo é colocado dentro de critérios aritméticos para a sua representação social, o que tangencia as formas políticas de exclusão e de normalização sobre o corpo, numa medida bio-política que se dá tanto no plano das políticas públicas de saúde, que propõem que as escolas e as famílias observem o desenvolvimento físico das crianças, como no plano das empresas privadas, que podem muito bem, sem criar uma parafernália técnica e de forma sutil, impor regras para a contratação de funcionários obesos e para o atendimento de clientes obesos.

Essas mensurações podem a priori ser um dos fatores que contribuem para subjetivação da doença, e o seu reconhecimento como uma epidemia de estatuto não transmissível. Afinal, as definições da obesidade ainda estão no plano das subjetividades e pode muito bem ter impacto profundo no psiquismo e na auto-estima das pessoas sem que haja um consenso médico-científico sobre suas causas e seus efeitos em termos de saúde e de expectativa de vida. Além disso, os meios de controle da suposta doença da obesidade reforçam mecanismos disciplinares de poder, já que as diferentes instituições colocam a questão do peso e da nutrição como componente essencial para a educação dos jovens e para a afirmação de identidades saudáveis.

Os mecanismos de aferição de medidas, disseminados profundamente desde o auge da sociedade disciplinar, produzem corpos normalizados e apelam para a adequação daqueles corpos que estão fora da regra. Todos lembramos das medições periódicas nas visitas aos médicos e às enfermarias. Todos lembramos das medições tomadas nas aulas de educação física e nas campanhas contra doenças infantis transmissíveis. Todos lembramos do serviço militar obrigatório com suas medições em busca do corpo ideal da nação. Todos lembramos das experimentações em torno das vestimentas numeradas que conformam o corpo, tanto em sua representação enquanto artefato para o consumo social, quanto em sua atuação como

³² GILMAN, Sander, I. Obesidade como deficiência: o caso dos judeus. In: Cadernos Pagu (23). Julho-dezembro de 2004, pp. 329-353. (tradução: Richard Miskolci; Revisão Heloisa Buarque Almeida)

sujeito normalizado e aceito dentro dos critérios vigentes socialmente. Todos lembramos das situações vexatórias em que as medidas não se aplicavam a certos indivíduos, que ficavam, por isso, desengonçados e desalinhados.

As medidas disciplinares se espalharam às casas padronizadas para as classes populares e para mobiliário que reforçam não apenas o modelo familiar como também os objetos corpóreos que habitam esses espaços. O mundo sob medida ainda pertence aos privilegiados: não apenas a habitação, a cultura e o lazer, mas o corpo também agora pode ser comprado sob medida. Os privilegiados quando desejam se submetem ao império das medidas correm para as clínicas de cirurgia plástica para ter o nariz, os seios e o bumbum daquela atriz ou para as clínicas de fertilização para ter aquele filho com DNA selecionado.

Não mais sob medida, mas na medida estabelecida industrialmente, sejam no caso, das confecções de roupas, construções de casas e apartamentos para a classe trabalhadora, ou os móveis que irão compor seu cenário, emerge o que acontece com os corpos através da busca em produzir o saudável e normalizado. Investimentos nem sempre sutis que se somam na procura em inverter a forma corporal produzida na representação do obeso, também se manifestam através dos excessos de culto ao corpo.

Se há uma expansão no número de formas físicas com excesso de tecido adiposo – sobrepeso - o que antes representava poder perde a sua eficácia quando impressa na sociedade moderna dentro da economia de espaços, ou na produção e no consumo de saúde e beleza.

A sugestão é para que os corpos saudáveis se façam reconhecer através das mais variadas práticas e discursos destinados a quem esteja inserido dentro da cultura do “poder e sucesso”, expresso através do consumo da beleza corporal. É neste nível que se opera o antídoto social para a contenção da obesidade. Mas o efeito colateral é que ela não apenas se multiplica, mas que pode reproduzir-se em sintomas contrários como o culto à magreza.

As estimativas epidêmicas nos Estados Unidos revelam um número alarmante: quase metade da população americana está com sobrepeso, ou seja, peso acima do proposto pelo IMC. Da mesma forma os estudos na América Latina apontam para o crescente número de pessoas “contaminadas” e para a preocupação dos governos com a administração e com os cuidados na prevenção da doença.

No Brasil as formas de controle suscitadas pelas instituições governamentais alcançam os menos abastados através das cirurgias bariátricas, para alguns casos de morbidade, realizadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS), assim como o fomento a práticas de exercícios e a formação de grupos para a terceira idade incentivando a prática desportiva.

Representantes da nação aparecem fazendo esportes como incentivo à população, embora se possa sempre questionar se o exemplo do presidente Luis Inácio da Silva, e seu ministério em partida de futebol podem ser considerados exemplos de boa saúde. Mas muitos presidentes praticavam natação (sempre um contrapeso às altas taxas de afogamento), *jet-ski* (para aqueles que nem podem se dar ao luxo de passar um fim de semana no imenso litoral brasileiro) ou mesmo singelas corridas matinais em volta do lago Paranoá. Mauss (1974) com certeza observaria essas técnicas de cuidado com o corpo dos presidenciáveis dignas de comentários dentro do critério à produção do corpo nacional³³.

A obesidade se manifesta dentro de relações sócio-culturais e políticas indicando que o denominador comum que cria nada mais é que a própria sociedade. Este também é um marcador que explicita o paradoxo que a sociedade moderna vive em sua agonia de tentar reajustes que reverberam contraditoriamente e deixam em aberto a desconfiança e a evidência em não conseguir reproduzir-se enquanto sociedade saudável através da conduta regulada.

Na dificuldade de se vencer um monstro que acorda os sujeitos nas madrugadas, ou os incitam em seu costume sedentário em frente à televisão fazendo-os atacar vorazmente a geladeira, comendo tudo o que se encontra a vista ou buscando alimentos antes escondidos. Esta a idéia de compulsividade aliada ao descontrole em adequar-se ao mundo contemporâneo.

O que sabemos sobre essa “compulsão” em relação aos alimentos; sobre esse vício causador dessas erupções descontroladas que, só cessam após certa quantidade de ingestão de alimentos? Sem dúvidas estamos Tateando sobre as mais diversas respostas, a nossa advêm das confissões do VP, que como instrumento e local para o exercício do poder está dentro do critério ordenado do discurso ao assimilar a compulsão como princípio norteador da obesidade.

Decerto que o uso do “tempo” se tornou um grande aliado das massas de indivíduos com sobrepeso, expressos no corre-corre diário em busca da sobrevivência nas cidades e revelam as mudanças dos hábitos culturais como, comer em *fast food* ao invés de comer sentado à mesa com a família é um bom exemplo.

O mal estar coletivo destaca a falta de adaptação do sujeito às inovações impostas pelos critérios de vivências para a modernidade. Levando em consideração as orientações de Giddens (1997), para o problema da sociedade moderna podemos evidenciar que, a

³³ NOSSA, L. “Lula será exemplo para gordinhos sedentários”. Estado de São Paulo. 2005. MAUSS, MARCEL. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. EPU: Edusp (2v). 1974.

emergência do pós-tradicionalismo forneceu as bases para a consolidação das novas distorções que pairam sobre os sujeitos.

A ordem da transformação segundo o autor tem seu início na modernidade com a disseminação das instituições agravadas pelo fenômeno da globalização. Essas transformações são relacionadas às mudanças intencionais através de processos de abandono da tradição. Ocorre uma mudança nos rituais guardados pela “memória coletiva” através dos anciãos, técnicos, entre outros e o “ritual que traz a tradição para a prática” normalizando com seu repetitivo conteúdo moral se esfacela diz Giddens (1997).

A repetição da tradição na modernidade traz questão da compulsividade da sociedade moderna. E como constantemente estamos recapitulando o passado de maneira inconsciente a influência do passado em relação ao presente é sobretudo emocional. Em seu sentido amplo, segundo Giddens, a compulsividade é uma incapacidade de escapar do passado. Ao crer-se autônomo o indivíduo vive um destino fraudado assegurado sobretudo pela tradição. A tradição nos trás a estabilização das estruturas das memórias como algo coerente, dessa forma a tradição ao desvanecer-se a memória também fica exposta demonstrando a problemática relacionada as identidades e ao significado das normas sociais.

A modernidade generaliza a compulsividade e se torna “tradição sem tradicionalismo” impedindo o fluxo da autonomia do sujeito. Estas evidências aparecem com as anorexias ou a obesidade enquanto patologia da autonegação vinculada ao vício alimentar possibilitado dentro dos critérios hedonistas relativo à sociedade de consumo. Vivemos em um mundo repleto de vícios, de repetições que perderam vínculo com a verdade. O vício nos mantém fora do contato com nos mesmos. O vício da sociedade pós-tradicional se contrapõe com a compulsividade tradicional ainda conectada com a modernidade (GIDDENS, 1997).

Dentro do contexto pós-tradicional o vício é uma escolha uma decisão de como agir frente à multiplicidade das escolhas que envolvem a vida cotidiana. O que era tradição e costume da conduta cotidiana na sociedade moderna frente aos meios de esvaziamento da rotina se torna sem lógica. É neste sentido que Giddens (1997, p. 91) diz que podemos nos viciar em qualquer coisa: o “progresso do vício é uma característica substantivamente significativa do universo social pós-moderno, mas também é um ‘índice negativo’ do real processo da destradicionalização da sociedade”.

As mazelas da dissolução das formas tradicionais de interação sociais são fatores que contribuem para o progresso incessante das compulsividades e dos vícios no cotidiano pós-moderno. E assim, realçam a incapacidade do sujeito em se adequar às novas maneiras de agir

frente a esses progressos que cotidianamente se fazem em materialidade e circulam a corporalidade do indivíduo na atualidade.

3.3 A doença do corpo

Ao fazer um rastreamento da obesidade entre os judeus, o historiador Gilman Sander (2004) critica o que a sociedade ocidental vem estabelecendo como critério para denominação da doença. Desse modo percorre a atitude da Organização Mundial da Saúde (OMS) na tentativa de reconhecer uma posição sobre o que é realmente a obesidade.

Ao revelar a dificuldade de classificar a obesidade como conceito, diz que atualmente, a doença é considerada como deficiência, embora esta denominação tenha se organizado a partir de 1993 nos Estados Unidos, através da Comissão Federal para as Condições de Igualdade no Emprego, que por sua vez, determinou a possibilidade de pessoas com obesidade severa pedirem proteção aos estatutos federais contra a discriminação trabalhista em relação à deficiência.

A classificação da obesidade por uma Comissão vinculada ao Emprego demonstra que a relação do corpo com o mercado regencial se situam em um plano que envolve o mercado como agenciador de corpos produtivos. Esta relação entre mercado e consumo sempre deve ser colocada em vias de mão dupla, pois quando produz através dos corpos o faz para suprir o desejo do consumo corporal. Desejo que aliás se faz como expectativa mercadológica em analogia ao consumo.

Situando-se entre as determinações do “Ato para Americanos com Deficiência” que traz a afirmação de que uma deficiência é um dano que limita substancialmente uma pessoa às atividades da vida cotidiana, estão os pareceres britânicos, canadenses e austríacos, que seguem os mesmos argumentos e, assim compreendem a obesidade como uma deficiência capaz de restringir o seu portador em certas atividades vinculadas através de barreiras arquitetônicas, por exemplo.

Esta ilustração sobre as convenções entre os países em relação a conceituação da obesidade deve ser observada com certa precaução. Nela esta implícita a ênfase da obesidade enquanto discurso produzido em uma escala para o reconhecimento mundial. Essa possibilidade permite à obesidade uma mobilidade de ação em se fazer reconhecida como

formas de ação bio-política. Ela transita no meio social como discurso reconhecido e como prática efetivada.

Dentro dos critérios científicos de ação sobre as práticas cotidianas, em relação aos cuidados corporais da população, a obesidade é definida como morbidade quando o peso corporal esta 100% acima da norma, especificando assim uma deficiência. Em 1980, a OMS, com a “Classificação Internacional de Danos, Incapacidade e Deficiência”, distinguiu estas noções de entre “dano, incapacidade e deficiência física”. Enquanto o *Dano* é concebido como “uma anormalidade de estrutura ou função no nível do órgão”, a *incapacidade* é a consequência funcional dessa anormalidade. A *deficiência física*, por sua vez, pode ser considerada a consequência funcional dessa incapacidade” (GILMAM, 2004).

A esta classificação foi incorporada a “escala de variação humana” onde se coloca a noção de deficiência como o resultado das inflexibilidades das instituições sociais em relação ao deficiente. Para Gilman, quando se substitui a obesidade pela “deficiência cognitiva” no modelo funcional, encontram-se várias implicações que giram em torno de questões éticas em relação à deficiência e sobre o que é a obesidade.

Se pensarmos a deficiência como meio de reconhecimento da anormalidade podemos indagar sobre de quem é a anomalia. Se da pessoa que porta o corpo fora da medida ou da maneira em que se institucionalizou o conceito culturalmente, dentro das convenções sociais, para o reconhecimento do outro em sua diferença.

Novamente temos um trânsito de via dupla em que pode ser verificada a deficiência tanto do indivíduo obeso como incapacitado frente às situações externas impostas ao seu corpo, assim como a do indivíduo que estigmatiza em sua deficiência cognitiva em relação à falta de sensibilidade sobre o deficiente em sua corporalidade enquanto sobrepeso. E assim podemos nos perguntar de quem é a deficiência do obeso ou da sociedade que adota critérios de reconhecimento que não se sustentam.

Embora as ciências médicas adotem as classificações do Índice de Massa Corporal (IMC) evidenciado através do cálculo $\text{peso}/\text{altura}^2$ utilizado na contemporaneidade, esse critério tem variações sociais e culturais que mudam com o tempo e de sociedade para sociedade e não se restringe aos índices estabelecidos nos conjuntos instrumentais para sua identificação.

Ao aplicar questões acerca dessa mensuração à OMS, o autor desconstrói as evidências em relação às perguntas raciais implícitas tanto no cálculo das definições médicas como também traz à superfície, através do conceito de obesidade e as suas variações em

relação à construção cultural do corpo a discussão racial especificada pelo corpo do judeu, enquanto critério de reconhecimento para o negativo.

Quando se traça uma linha entre a obesidade e a religião, as probabilidades de pensar a consangüinidade como meio para a causa da obesidade aparece como um fato bio-político, regulado por critérios discursivos vinculados ao desenvolvimento científico de contenção das anormalidades.

A especificação do judeu neste argumento poder ser observada por causa da maneira em que os praticantes do judaísmo foram estigmatizados durante a história das religiões. E da disseminação desses estigmas ao meio social. Assim como, das suas práticas alimentares em relação às práticas relativas aos propósitos religiosos.

A religião seja judaica, protestante, ou católica, quando colocada como fatores que se vinculam as formas corporais diferenciadas através da medição estabelecida cientificamente torna permite observar a obesidade como um problema da cultura e não de manifestações raciais.

Quando Gilman, realça o contraste entre a religião judaica e as particularizações do corpo judeu no centro do debate sobre a obesidade, os vínculos com o discurso racial utilizados cientificamente para os indícios da doença aparecem como meio de disseminação e de controle sobre uma parcela da população, que através dos mecanismos políticos e sociais esta qualificada como propensa a doença.

Em que acredita a OMS em relação à obesidade? Seria ela uma doença tal qual um câncer no pulmão provocado pelo consumo de nicotina, em que o consumo de gorduras e carboidratos seria a causa da enfermidade, sendo assim qual órgão é privilegiado na afecção, intestinos, estomago ou o corpo todo?

Para Gilman, apesar das dificuldades de avaliação que o conceito proporciona, é esse critério que a OMS acredita como válido, pois assim como a campanha contra a nicotina, busca-se enfatizar, junto aos produtores de comida processada, a diminuição da adição de açúcar e, da mesma forma, junto à população a diminuição da quantidade de produtos 'engordativos' no consumo diário.

Essa postura adotada pela OMS abre à possibilidade de indagar sobre a probabilidade dos alimentos poderem causar vícios da mesma forma que a nicotina. Sendo assim, a questão da dependência, novamente se torna um fator de difícil aceitação para uma avaliação acerca da obesidade. Viver sem cigarros pode ser tolerável ao organismo pois a nicotina não alimenta. Mas como é viver com níveis baixíssimos de calorias?

Outra questão colocada pelo historiador é sobre a cura para essa doença manifestada na civilização moderna e como deve ser tratado o obeso, como deficiente físico ou mental? O alimento deve ser rejeitado ou deve-se adotar a prática do “*slow food*” na busca do combate a epidemia?

Estas entre outras questões colocam os critérios adotados pela OMS, através do conjunto das medidas médicas para o cálculo do Índice de Massa Corporal (IMC), e as definições sobre a obesidade em paralisação. Mesmo a definição supostamente médica de obesidade não se vê imune de uma abordagem moralmente pejorativa em relação ao obeso, como sempre aliás foi colocado ao longo da história: o obeso como alguém com hábitos lassos. A saúde deve ser evidenciada através de critérios éticos, filosóficos e médicos:

[...] estes são problemas tanto culturais, quanto históricos e que a obesidade pode servir como objeto de estudos elegantes para as complexidades de definir os “sadios” e os “doentes”. O estudo da obesidade em seus contextos culturais e sociais proporciona uma grande variação de questões inter-relacionadas sobre a construção cultural do corpo. O papel que a raça e o gênero exercem é mais uma variável no estudo da representação cultural do corpo (GILMAN, 2004, p. 335).

Ao investigar o estigma da gordura no caso dos judeus Gilman, revela que historicamente os judeus deram pouca importância ao corpo gordo e que nas anotações sagradas às representações do corpo gordo não se constata uma repulsa em relação ao desvio, mas sim certo fascínio. O que é sem dúvida muito diferente da atualidade, em que as insistências sobre o corpo obeso revelam certas desqualificações. O puritanismo religioso demonstra certo vínculo com o *body-building* nos Estados Unidos, afirma Courtine (1995), e o catolicismo não desclassificou a gula da sua condição de pecado capital.

3.4 O corpo da raça e da cultura

No século II, o Talmude – livro religioso do judaísmo - questiona se homens muito gordos podem reproduzir devido ao tamanho da barriga, que por sua vez, esconde certo mistério em relação à verdade. O corpo gordo com sua barriga imensa portaria certa intuição, cuja descrição nos textos talmúdicos é inerente as suas formas física revelando capacidade de compreensão antecipada das coisas.

Mesmo sendo um desviante, o corpo gordo do judeu masculino não era visto como perigoso, mas sim como portador de um mistério que fascinava. Embora a gluttonia não seja enaltecida nos textos sagrados dos hebreus e existam restrições ao consumo excessivo de alimentos e bebidas não há uma maldição do corpo gordo.

Mas, vivendo entre cristãos e mulçumanos, os judeus em sua afinidade com a obesidade eram vistos como indivíduos sem autodisciplina, procedimento não apropriado por homens verdadeiros e, assim merecedores de punição.

Nas prescrições aos reis no século XII, o médico filósofo Maimonides, nos “Regimes da Saúde”, não faz ressalvas contra a obesidade, mas sim ao sexo exagerado, no entanto, a obesidade era vista com certa importância em relação à saúde do corpo e seus tratamentos eram à base de banhos, massagens e exercícios.

Na cultura moderna, a obesidade assume um caráter negativo de doença e de predisposição, inerente ao corpo dos judeus e se associa aos diabetes. Assim, tornou-se possível a rotulação da inferioridade judaica, pois foi relacionada a práticas incestuosas.

Essa visão eugênica sobre os diabetes entre os judeus também se pauta em relação ao uso de gorduras e açúcares, herança deixada pelos ancestrais manifesta, por meios, da obesidade como um sinal negativo da raça cuja essência se expõe no corpo.

Ao apontar os judeus como um grupo coeso que, recusa a hegemonia dos discursos vinculados pela ciência em relação aos cuidados com o corpo, é possível colocá-lo dentro do estado de exceção apontado por Agambem, pois é possível justificar a sua destruição dentro dos critérios de uma vida sem valor.

Neste contexto, a gordura entre os judeus “orientais” está relacionada ao estilo de vida em que a herança genética age tendenciosamente como estímulo à gordura. Isto se revela através da prevalência da natureza sobre a cultura exposta pela compulsão em relação aos alimentos entre os judeus. E assim como, a relação entre a obesidade e os diabetes serem reflexos dos hábitos de higiene irregulares contradizendo as investidas dos reformadores, inclusive judeus, do século XIX.

Em relação aos judeus e as suas práticas religiosas que propõem um regime alimentar e os impedem de comer qualquer coisa em determinadas ocasiões, tem através do seu corpo uma imagem que se trai, perante as medidas que o século XIX, desenvolveu para a conservação da saúde.

Os corpos obesos das judias, orientais ou ocidentais, que são confinadas para serem engordadas a partir dos doze anos, com comidas farináceas e carne de cachorro, revelam a

ingestão de comidas não aceitas pela religião, ou seja, a sua exposição revela as práticas contrárias a orientação religiosa.

Essa prática refletida através da imagem do corpo obeso demonstra, segundo a literatura médica do século XIX, a hipocrisia que atravessa as gerações de judeus expressando a constância racial negativa.

Nesta observação acerca da negatividade racial o discurso médico atua como meio higienizador das condutas fora da normalidade e no caso do judaísmo se faz implícita a purificação do sangue enquanto elemento de propagação do impuro e, portanto condenável dentro dos critérios de normalidade política relacionada à saúde.

A natureza dos judeus, diziam os estudiosos da época, determina a sua continuidade, por meios da obesidade e do risco da diabete associado a sua forma física. Estas manifestações corporais, no século XIX, passaram a ser relacionada como doença do obeso devido à incidência e as altas taxas da diabete entre eles.

Neste sentido a obesidade é também diagnosticada como fator de risco as mais diversas doenças consideradas como oportunistas. Mais uma vez os critérios acerca do reconhecimento da obesidade se demonstram relacionados à conduta do sujeito em relação a sua saúde esta dimensionada aos ajustes da ação individual em relação as medidas de controle social.

E desta forma, o debate sobre a inferioridade racial se propagava e se estendeu ao início do século XX. Havia especialistas que diziam que a herança racial dos judeus não era fator para o desenvolvimento da doença, mas sim devido a fatores alimentares desprovidos de nutrientes e muito rico em gorduras e álcool.

O trágico é que Gilman descreve dois debates com propensões científicas de um lado a literatura com aspectos fundamentado em forte convicção racial e, do outro, os próprios estudiosos judeus que tentavam rebater as criticas contra seu modo de vida. O que permitiu reação dos judeus, do início do século XX, contra esses argumentos em relação à herança racial dos diabetes, e revidaram com a resposta sobre o desenvolvimento da moléstia entre a cultura judaica aludindo que a diabete seria uma doença da civilização e não estava circunscrita apenas aos judeus. E sim que, devido à secularização e a ocidentalização, os judeus passaram a ter as mesmas doenças das culturas que assimilaram.

A diabete é uma doença dos judeus na medida em que eles mudam de cultura. O anti-semitismo no fim do século XIX, via os judeus como um povo doente cuja causa da doença estava na origem incestuosa ou endogâmica, incentivada pela coesão do grupo e na resistência

em promover casamentos fora dele. Esses casamentos eram vistos com restrições pela medicina da época e mesmo que não houvesse consangüinidade era tido como perigoso.

Os estudos da descrição etnológica que apontaram para a genealogia da bíblia afirmavam que estas raças ou eram descendentes de incestos ou resultados de prostituição. Dessa forma, a prática sexual entre irmãos, que mesmo proibidas eram exercidas e resultavam em maturidade sexual antecipada. Isto colocava os judeus no centro da preocupação biológica.

Enquanto sujeito o judeu, dentro dos limites das justificações científicas, encarna a figura do *Homo Sacer* destacada por Agambem (2002), pois se envolve por uma aura de regulação bio-política. Em sua vida produzida, por meios, da anormalidade seja dentro dos princípios raciais com origens endogâmicas, ou em sua dieta alimentícia expressa pelo corpo obeso em seus riscos, se torna passível de morte pela eugenia política.

Entre este argumento havia o raciocínio econômico que sinalizavam para a hegemonia econômica dos judeus que se recusavam a casarem-se fora do círculo judaico e, assim favoreciam a vivência fora da sociedade econômica pautada em valores religiosos ocidentais, não contribuindo para seu desenvolvimento, tinham a sua economia observada de maneira pernicioso, assim como as sua práticas sexuais.

Dando seguimento as análises da literatura científica vinculada no início do século XX, Gilman demonstra que as literaturas sobre a diabete, colocam os judeus com maiores probabilidades devido as suas práticas incestuosas do que qualquer outra raça.

Dentro dessa bibliografia sobre a diabete as práticas judaicas ocupam lugar central, uma vez que os seus descendentes moradores das cidades, casam entre si, resultando em influencias hereditárias desfavoráveis, assim como, a predisposição a doenças acarretadas pela nutrição irregular.

A reação dos estudiosos judeus rejeitou a obesidade como causa da diabete. Os judeus podem sofrer de qualquer tipo de doença e isso não significa que são doenças raciais diziam. Elas são conseqüências do modo de vida e no caso dos judeus estão ligadas as ansiedades de suas preocupações enquanto moradores exclusivamente das cidades.

A obesidade é um produto da civilização e uma das suas manifestações é a diabete. No início do século XX, cientistas buscaram a correlação entre a predisposição dos judeus para a diabete e a sua relação com a obesidade.

E em 1926, estabelecem que para cada doze cristãos obesos um desenvolve a diabete ao passo quem um em cada oito judeus tem a doença. Esta proporção esta relacionada ao fato

de que o hebreu quando gordo tem sempre mais peso que o cristão, este é um dos fatores para a preponderância da diabetes entre os semitas.

Os pressupostos da ligação entre obesidade e raça se iniciam com essas discussões científicas. Na década de quarenta, no entanto, se observou que os judeus apresentavam um exagero em relação à gordura em seus tipos corporais, demonstrando sempre em maiores proporções em sua corporalidade que os não judeus.

Em estudos mais recentes realizados no início da década de setenta foi sublinhado “padrões comportamentais complexos” na predisposição psíquica dos obesos em relação ao jejum religioso revelando conflitos entre esses os dois pólos: religião e obesidade.

As injunções da vida em uma sociedade pós-tradicional como disse Giddens (1997), intensificam as expectativas relacionadas às mudanças sociais e trazem ao sujeito certo mal estar frente à necessidade de se transformar adequando-se para cumprir a ordem radicalizada das mudanças sociais.

Quando se desenvolveram as pesquisas com camundongos em 1964, observou-se que os animais quando são transferidos do meio hostil para um meio benigno ganhavam peso e ficavam hiperglicêmicos. Após esses resultados adotaram-se a “hipótese genotípica” para ilustrar as variações corporais de seres humanos em relação à adaptação às mudanças bruscas relacionadas a antigos hábitos.

Ao avaliar a primeira geração de grupos de imigrantes para os Estados Unidos no fim do século XIX, ou em Israel hoje, percebe-se uma evidência maior na taxa de diabetes. Assim como, os grupos de Iemenitas ao migrarem a Israel tinham um índice baixo de diabetes, mas logo após, certo tempo de vivência em um meio novo e hostil, verificou-se um nível alto da doença entre eles. “Portanto, a diabetes e a obesidade parecem ser um índice de uma falha em se adaptar rapidamente a novos ambientes” (Gilman, 2004). E hoje evidentemente não mais se considera a doença como um atributo dos judeus.

Em relação às especificações do gênero desde 1910, a gordura tem se tornado uma questão predominantemente feminina e o foco que se centrava na raça e na masculinidade em relação à doença se demonstra atenuado:

Muita gente também considera a gordura um assunto judaico. De acordo com pesquisa recente na região de Nova York, famílias judias consomem “quase o dobro” da quantia de bolos e *donuts* que as famílias não-judias, e mais do que duas vezes refrigerantes *diet* e queijo *cottage*. Um profissional da indústria dos distúrbios alimentares defende que os judeus tendem a escolher a comida ao invés de vícios em outras substâncias. A comida é apenas outra droga, acima de tudo, a mais barata, a mais fácil de encontrar, a substância que altera o humor mais aceita socialmente. Será apenas uma

coincidência que os Alcoólicos Anônimos tenha sido fundado por dois homens cristãos, enquanto os Comedores em Excesso Anônimos foi fundado por duas mulheres judias? (MARGOLIS, 2002)³⁴

Esta predisposição dos diabetes adquire seu lugar na cultura ocidental americana sobre o corpo judeu e, assim é transposta para o corpo feminino da judia gorda, da mesma maneira a gordura se transforma em uma questão feminista, na luta contra os exageros da cultura masculina dominante³⁵.

A predominância da gordura entre os judeus é relevante a partir de quando a categoria étnica se sobrepõe à religiosa. Ao apontar para os estudos do médico e sociólogo Kenneth Ferraro, sobre a relação entre as práticas religiosas e obesidade nos Estados Unidos, revela que o lugar onde os níveis de religiosidade são maiores a obesidade se torna mais evidente, da mesma maneira em que o nível de pobreza aumenta.

Este é o caso do grupo protestante: os batistas do sul dos EUA, no período da pesquisa de Ferraro (1998) que visou ao estabelecer uma escala para apuração da pesquisa, e observou que os batistas era a parcela que apresentava um índice maior de gordura do que as outras religiões do círculo cristão a exemplo, os católicos por sua vez ocupavam o meio da escala, e os judeus a extremidade representando a amostra magra da coleta.

Embora nesta amostragem os judeus foram condicionados como membros de congregações e com identidades análogas à classe média, o sociólogo relaciona a comida com os prazeres ocasionais das populações excluídas econômica e politicamente, e quando os judeus são considerados como grupos religiosos e não etnias eles são considerados magros.

Estes índices quando cruzados a reflexão bio-política revela um aspecto importante em se tratando de processos e de medidas que visam à proteção do corpo enquanto investimento político e social. E percebe-se um descaso em relação às classes menos abastadas que, a mercê do espírito santo, acabam por padecer de males impostos a vida corporal.

³⁴ Margolis, D. The Jewish Journal of Greater Los Angeles, 2002. Citado por: GILMAN, Sander, I. Obesidade como deficiência: o caso dos judeus. In: Cadernos Pagu (23). Julho-dezembro de 2004, pp. 329-353. (p.348) Disponível em: www.davidmargolis.com/journalism_fat.html.

³⁵ Ao discutir sobre o assujeitamento das formas corporais Richard Miskolci, aponta para a submissão do gênero feminino as formas de dominação pautadas em ideais masculinos, enquanto força dominante e reguladora de vontades corporais. “A masculinidade precisa da natureza como fonte legitimadora de seus privilégios como atemporais e imutáveis, mas em realidade a mesma masculinidade se assenta em uma corporeidade que cobra o preço do assujeitamento de homens a representações hegemônicas, ideais de masculinidade que os aprisionam em aparelhos e disciplinas de todo tipo”. In: MISKOLCI, R. *Corpos elétricos: do assujeitamento a estética da existência*. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 14 (3): 272, Setembro – Dezembro 2006. p. 681 – 693. (p. 687)

Os judeus neste caso se tornam a exceção política não tem qualificação para a vivência e, nem o estatuto de corporalidade aceitável para a sociedade globalizada. Assim figura como um corpo que em face ao ordenamento do discurso político e social é reconhecido como sem valor, pois agrega em si o estigma da religiosidade e da etnia.

Esta ilustração de Gilman, acerca da pesquisa desenvolvida por Ferraro é interessante quando coloca as religiões e as etnias sob o mesmo ângulo, pois permite ressaltar o relevo da religião em relação à obesidade e a economia. Dado importante quando se pensa o Brasil das religiosidades. Ou quando se pensa o Brasil da pobreza e da obesidade com as esquinas pouco iluminadas das periferias das grandes das pequenas cidades lá estão às igrejas evangélicas que, pulula uma ao lado da outra, abrigando corpos ainda pouco conhecidos para nós.

Nas esquinas escuras nos arredores das cidades as entregas para os orixás revelam que houve festa e mesa farta no terreiro, da comida do santo à comida de gente corporalidades se fazem em realidade desconhecidas. Do acarajé ao vatapá, o corpo é construído e representado cotidianamente como cultura e sociabilidade.

Mas não é apenas a religião que também se faz em corpo. As representações da literatura, do cinema, e da arte em geral se propagam como mecanismos capazes de engendrar corporalidades. E assim, se fazem como espelho das silhuetas através das vozes de artistas que descrevem o cotidiano com certa dose de lirismo.

3.5 O corpo incerto

Na vertente da ilustração literária o corpo também se mostra em suas formas singulares, muitas vezes narradas com minúcias que detalham épocas e maneiras de apresentação. Da mesma forma são descritos os costumes e as maneiras do olhar social sobre o corpo. A cor da pele, as roupas, as dimensões, o comportamento são evidentes nas referências literárias.

As implicações da afinidade entre os judeus e a obesidade também são verificadas em premissas literárias na busca da elaboração de uma autocrítica a população judaica. E tem seu espelhamento na famosa dupla de Cervantes: Dom Quixote e Sancho Pança. Sendo o último a imagem reutilizada na literatura judaica como modelo da imagem do gordo efeminado e amigo fiel do tipo masculinizado.

Tanto Cervantes, como a literatura científica sobre os judeus e a obesidade com o risco da diabete no século XIX, mantiveram as suas ressonâncias na contemporaneidade em relação à imagem do homem judeu feminizada. O judeu é apresentado ao leitor do século XIX, como mulher, uma espécie de terceiro sexo.

Dentro deste tema os cientistas judeus também contribuíram para que essa imagem fosse propagada ao relatarem que o corpo do judeu masculino estava mais próximo do corpo feminino, assim mãos pequenas e voz aguda representam os atributos dos judeus difundidos no século XIX, através da visão antropológica mais antiga.

A imagem do judeu masculino com um corpo feminino se evidencia como uma poderosa força nos argumentos sobre raça. É a imagem da mulher gorda, judia que assombra o romance de Mendele, que ao seguir o modelo de Cervantes faz críticas as práticas e atitudes de leste europeu sob o ponto de vista do iluminismo judaico e sobre o impacto do gueto ao corpo judeu refletindo dessa forma o meio em que vive³⁶.

A crítica era sobre a mentalidade judia que impedia a observação do potencial para a regeneração cultural e física. O uso do modelo de Cervantes, coloca os personagens a margens dos outros judeus que em sua significação representam anomalias que não se enquadram nas prescrições do *Haskalah* – iluminismo - que oferece maneiras para reformar o corpo.

A imagem do menino obeso e feminizado na literatura é usada para neutralizar a hipótese do menino gordo oriental que assombra a identidade do judeu no ocidente. A amizade entre homens é caracterizada na imagem do judeu oriental gordo e feminino como parâmetro definidor da masculinidade, pois o “Sancho Pança” de Mendele é representado por “Serendel” personagem humilhado dentro da tradição judaica como o gordo e feminino.

Em relação à literatura seus “relatos autobiográficos são recortes do mesmo tecido cultural”. Assim, a decadência do corpo judeu que assusta o iluminismo francês esta refletida com a inserção do iluminismo ídiche em sua imagem literária do judeu gordo diz Gilman (2004).

O uso da literatura neste caso serve para fazer uma crítica interna a imagem que o corpo judeu representa para os debates científicos sobre a obesidade. A ficção literária iluminista faz eco na transformação do corpo e seus “sucessores seculares, científicos, no século XIX” (GILMAN, 2004, p. 350).

³⁶ Mendele Mosher Seforim: “As viagens e aventuras de Benjamin Terceiro” (1885). Considerado o primeiro romance ídiche moderno. In: GILMAN, Sander, Obesidade como deficiência: o caso dos judeus. In: Cadernos Pagu (23). Julho-dezembro de 2004, pp. 329-353. p. 350.

Segundo Gilman há um dano na imagem do corpo judeu obeso, que ressaltando a sua conceituação como deformidade física possibilita que se efetue uma crítica interna e externa sobre a “noção de deficiência física”. Esta crítica pode ser direcionada através da questão: é a noção de deficiência um atributo intrínseco ou algo que pode ser mudado?

Esta discussão ocupa lugar central na literatura ideológica sobre a raça e os debates sobre o corpo especialmente em relação ao corpo dos judeus na modernidade. Assim o discurso sobre a deficiência coloca o judeu “sob risco” e dessa forma incapaz de ação no mundo contemporâneo:

Os especialistas em obesidade e diabetes tenderam a imaginar o corpo judeu sob risco com varias possibilidades de mudança. Mas permaneceu em todas estas representações a percepção de que havia algo na “essência” do judeu que era diferente e anormal. O corpo obeso representou esta diferença de modos complexos e freqüentemente contraditórios (Gilman, 2004 p. 352).

Estas análises de Gilman, espelham a fobia que a sociedade contemporânea adquiriu em relação aos obesos e desvenda como os critérios científicos e sócio-culturais são responsáveis para a construção do corpo obeso. Revelam também as possíveis causas que se relacionam com a cultura fora dos círculos judaicos, nas ansiedades causadas pelas mudanças sociais no decorrer da modernidade.

Como o crescente aumento em tecnologia fabril que deixou o homem moderno ocioso fisicamente, com substituição da força física pela força da repetição mental. Essa ocorrência se verifica em países industrializados onde a tendência ao aumento de peso teve em suas conseqüência um novo rearranjo da condição física, pois, já não era mais necessário o esforço e a movimentação corporal.

Tendo em vista a difusão da técnica e dos valores culturais relacionados a cultura do consumo existe a probabilidade de alusão as causa da obesidade, que se mostra dentro dos parâmetros que se vinculam ao mundo globalizado. As angustias do dia a dia também estão relacionadas ao aumento da procura pela inserção ao mundo difundido padrões de vida relacionados ao sucesso no trabalho.

A partir do momento em que países do terceiro mundo essas taxas começam a se mostrar em índices cada vez mais elevados, como no caso do Brasil, onde há sítios tecnológicos em grandes centros e grande concentração de riquezas em poder de pequenas partes da população, mas que no entanto, grande parte populacional ainda se encontra abaixo da linha de pobreza, e na luta pelo ideal da classe média ou alta acaba se frustrando por não

conseguirem se adequar aos novos modelos que se impõem com a hostilidade da vida moderna.

É neste sentido os argumentos de Gilman são importantes pois revelam que estes fatores que se associam a obesidade e seus “riscos” são inseparáveis da cultura que no caso do Brasil começam a serem observados em seus hábitos culturais e sociais, através de pesquisas com a realizada pelo IBEGE, como ressaltamos³⁷.

E dentro desses parâmetros, os avanços da ciência social na busca a compreensão da produção cotidiana das subjetividades vêm observando a fabricação de corpos em seus mais diversos aspectos representativos.

As patricinhas, os rappers, os obesos, os travestis, as bichas boys, as prostitutas, os roqueiros, os doentes enfim uma variedade de cultivo de formas físicas que, têm nas injunções culturais a revelação dos impactos políticos no controle produtivo dos corpos.

Os instrumentos para a assimilação do sujeito ao social como os Vigilantes do Peso permitem verificar nas possibilidades do discurso sobre corpo, através da alteração da obesidade para um outro tipo físico, a demonstração da atuação dos efeitos do poder como força que opera sobre as subjetividades expressas no corpo e, assim abrem possibilidades de reconhecer a sua mudança.

As expressões culturais manifestas através da literatura seja ela romanesca ou científica ou religiosa oferecem suporte para a crítica de Gilman, pois expressam as mazelas que a própria cultura possibilita com a criação de parâmetros para as medidas do homem.

Em consonância ao pensamento de Gilman (2004) obesidade enquanto doença não transmissível pode ser observada como uma doença da cultura. Esta ênfase na cultura esta de acordo com as indicações de Giddens (1997) que observa o mal estar das sociedades pós-tradicionais e o aumento das compulsões e o desencadeamento dos vícios.

Esta observação é importante quando se pensa os VP, dentro dos parâmetros da cultura econômica da pós-tradicionalidade perpetrada por Giddens, pois em se tratando de obesidade une as inovações mercadológicas ao desenvolvimento da cultura. O VP em sua prática corretiva traz os elementos da cultura como parâmetros para a absorção social de uma performance da cultura anatômica do corpo.

³⁷ Decerto que os estudiosos da vida social e cultural brasileira como Caio Prado Junior, em seu estudo sobre a “Formação do Brasil Contemporâneo”, destaca as peculiaridades do país como o celeiro mundial na produção alimentícia e a contradição interna relativa a fome, no país da agricultura a mandioca - o “pão da terra” – era, e continua a ser, o elemento essencial para a manutenção da vida durante a sua formação econômica. JUNIOR, C, Prado. Formação do Brasil Contemporâneo. Editora Brasiliense, SP. 13º ed. 1973.

4 VIGILANTES DO PESO: ENTRE O CORPO FÍSICO E O CORPO MORAL

4.1 VP: Fachada e bastidores, segundo Goffman

Seguindo os parâmetros orientadores da cultura globalizada e dentro dos referenciais ocidentais os VP assinalam para a vertente contrária, mas não menos incisiva das modalidades corretivas. Neste contexto estão em consonância ao que observou Foucault (2002) com os desaparecimentos dos suplícios e as inovações das formas de penalizar os anormais. Da mesma forma que ao apontar para os novos parâmetros de correção une as novas modalidades das tecnologias políticas vinculadas ao mercado através da governamentalidade do século XX, onde uma bio-política vinculada ao mercado coloca o homem regido por instâncias normativas a auto-regular a sua conduta.

Dentro das formas para a correção os VP se ajustam às técnicas confessionais e nisto reside o seu traço normativo para as condutas. As confissões ou os relatos de si transmitem as referências que transitam enquanto cultura social como diz Gilman (2004), assim como as sutilezas da política em relação ao uso da cultura enquanto mecanismo de coerção.

Para uma análise dos Vigilantes do Peso, usamos os critérios que Goffman utilizou em suas pesquisas institucionais, ou seja, a etnografia como recurso para obtenção dos dados acerca do espaço pesquisado.

E assim como o autor em seu trabalho sobre manicômios, conventos e prisões, nos inserimos ao programa dos Vigilantes do Peso (VP), em busca de saber sobre o mundo do “associado” uma vez que esse mundo é vivido subjetivamente por ele e objetivado em suas práticas cotidianas.

Desta forma as descrições foram pautadas nas confissões dos associados do programa. Através de suas falas, os usuários descrevem as suas experiências em relação a sua compreensão de si e do suposto problema que o conduziu ao programa.

Ao seguir essa linha de argumento, buscamos delinear uma diagonal entre Foucault e Goffman: entre subjetividades e poderes, entre estratégias normalizadoras e resistências. Através da confissão, revelam-se sujeitos normalizados, assim como os pontos de fuga em relação às estratégias de poder.

Ao nos inserirmos dentro do programa, tivemos certos cuidados em relação à metodologia e assim buscamos apenas ouvir, num primeiro momento. Para tal intento o pesquisador procurou se misturar aos associados.

Após uma identificação prévia –conduzida pela orientadora - como pesquisador aos associados, poderíamos interagir com os eles que, por sua vez, já atingira a meta de emagrecimento proposta pelo programa. Com a identidade de pesquisador reconhecida atuaríamos como uma espécie de “não-pessoa”, para seguir à risca o que Goffman (1999) diz, e assim não constranger os associados sentando muitas vezes ao lado deles³⁸.

Segundo Goffman, qualquer grupo de pessoas desenvolve vida própria e significativa dentro da normalidade social, e que uma boa maneira de estudar esses grupos é submeter-se a sua companhia e, assim de acordo as pequenas conjunturas que estão sujeitas buscar saber como se desenvolvem as suas ações no cotidiano. Nesta acepção, ao ir ao encontro do VP para narrar os seus discursos e suas práticas, estamos nas proximidades da narrativa cênica do autor.

Segundo Goffman (1974; 1999), suas aplicações metodológicas são restritas, pois estão de acordo com os movimentos e papéis que seus dados etnográficos permitem em relação aos aspectos e às estruturas sociais dos pacientes. Em nosso caso não escapamos a essa limitação e nos ancoramos nela. “Descrever fielmente a situação do paciente equivale, necessariamente, a apresentar uma interpretação parcial”.

Em relação à parcialidade da interpretação Goffman (1974) diz que, esta característica metodológica reside no fato de que: “toda literatura especializada sobre os doentes mentais é escrita do ponto de vista do psiquiatra e este, socialmente está do outro lado”, isto é, do lado que prescreve a doença e não do que vive a prescrição, ou seja, o médico psiquiatra. Por isso o autor ao se colocar em presença dentro da instituição busca narrar o ponto de vista dos internados.

Em relação ao VP - o ponto de vista de quem prescreve tem o mesmo valor de um “ex-internado”, pois passou de dirigido para alguém que dirige o comportamento de outrem, representando sucesso em relação ao problema de sobrepeso. Da mesma forma que passou a

³⁸ GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. 8ª ed. Petrópolis, RJ.1999. (p. 141). Não direcionado as falas não coríamos o risco de termos o nosso discurso apropriado pelo associado. As “não pessoas” são referidas por Goffman como os indivíduos que desempenham papéis parecidos ao de criados que podem habitar tanto os bastidores, quanto à fachada, enquanto o anfitrião faz a sua representação, pois reconhecem as práticas referentes à encenação. Dentro dessa categoria padrão se configuram os especialistas: fotografo, policia secreta, e os pesquisadores, entre outros que exercem a sua função com o reconhecimento dos demais e como parte da encenação. Em relação aos Vigilantes do Peso fui apresentado aos associados desde o primeiro contato com o programa o que facilitava as discretas interações.

demonstrar em si, através do seu corpo, a efetivação dos processos normativos que agem sobre o sujeito com as prescrições corretivas indicadas no programa.

Para etnografar os efeitos do poder foram adotados o critério da convivência: acompanhar as reuniões com os associados para saber, através das suas confissões, como as práticas do VP incidem sobre os corpos. O espaço social e de poder conhecido como Vigilantes do Peso pode ser dividido em dois espaços distintos: a “fachada” e os “bastidores”.

Nos dias de reuniões dos VP, os associados que obtiveram resultados satisfatórios e atingiram a meta de peso prescrita pelo programa, o IMC, logo que mensuram o peso retiram-se do local; e os que ainda não assimilaram as prescrições para o emagrecimento, pelos mais variados motivos, vão para a sala de reuniões ouvirem a palestra da orientadora - ex-associada -, que em sua transformação corporal é modelo aos demais em relação à possibilidade de transformação do corpo (é uma testemunha viva).

Com esta divisão clássica dos estabelecimentos sociais sugeridas por Goffman, observamos e descrevemos a atuação do programa na mudança do aspecto corporal dos associados. Na fachada, a confissão do corpo é indicada pela a mensuração do peso, o que é feito por meio de consultas no prontuário do associado.

Na região dos bastidores, a confissão passa pela oralidade. É o espaço da fala, das ações cotidianas e das razões para o não sucesso em relação ao regime alimentar proposto.

Em Goffman, de acordo com o seu paradigma da representação teatral, desde o momento em que ocorre uma interação face a face entre indivíduos, uma das partes projeta-se definindo a situação. Isto acentua aspectos da ação individual refletido no trabalho do autor. O que não impede que o fato, isto é, a situação tenha seu próprio caráter.

Caráter que se organiza, por meios, do direito moral que cada indivíduo possui dentro dos padrões que se caracterizam como afirmação de sua cultura social, esse mesmo direito moral faz com que o mesmo indivíduo espere reconhecimento, valorização e tratamento adequado de seus iguais, caso isso não ocorra pode acontecer o que o autor denomina como “ruptura” na representação.

Exagerando um pouco as possibilidades de diálogo entre autores distintos como Goffman e Foucault, podemos sugerir que as especificações de Goffman acerca da padronização, podem ir ao encontro das reflexões de Foucault. Ao pensar um mundo de sujeitos que interagem de acordo com regras estabelecidas por padrões sócio-culturais, e que esses mesmos sujeitos agem em suas expressões corporais dentro dos modelos previamente definidos para tais interações, Goffman narra as práticas de conformação do reflexo físico e

mental demonstrado por Foucault, em suas pesquisas sobre a história do corpo no desenvolvimento da sociedade moderna³⁹.

Vemos em Goffman, atores sociais sempre em busca daquilo que é aceito socialmente como padrão de comportamento. E levando em consideração que estes padrões foram previamente estabelecidos dentro de um sistema cultural (ou de relações de poder) podemos então abrir uma possibilidade de diálogo entre os autores.

Para nosso propósito importa saber que a representação se constitui na realidade da vida social, uma vez, que todo papel representado por um indivíduo é visto como correto por ele e pelo outro com o qual esta interagindo, revelando dessa forma o seu verdadeiro eu.

No decorrer de uma apresentação temos concomitantemente a coexistência da *interação* e da *representação*, a primeira definida como: “influência recíproca dos indivíduos sobre as ações um dos outros, quando em presença física imediata”, e a segunda como: “toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência” (GOFFMAN, 1999, p. 23/29).

É interessante dentro da fronteira que tentamos estabelecer entre Goffman e Foucault, que a definição de objetos diferentes se assemelhem: se Goffman vê a interação como ações de indivíduos sobre as ações dos outros, Foucault, por sua vez, observa o poder como um conjunto de ações sobre ações que se inscrevem no comportamento dos sujeitos ativos.

Essas denominações conceituais permitem a transposição da metáfora teatral para a análise da sociedade efetuada por Goffman. Mas o que é o teatro além de ser um lugar onde os atores encenam peças á platéia? O teatro também é um estabelecimento cuja arquitetura permite que seja dividido em regiões tal qual qualquer outro estabelecimento social fechado.

Enquanto edifício o teatro é tanto fachada como bastidor, assim como em seu uso social para encenação de peças é também composto de uma fachada (o palco) e de um bastidor (local de abrigo aos atores antes e após a encenação). Esta disposição dos edifícios, descrita por Goffman, pode ser transposta para qualquer tipo de estabelecimento social fechado.

³⁹ LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. RJ. Petrópolis. Ed: Vozes. Segundo Le Breton que ao denominar as expectativas do uso das pesquisas de Goffman na busca pela interpretação da corporalidade social diz que as: “Interações implicam em códigos, em sistemas de espera e de reciprocidade aos quais os atores se sujeitam. Não importam quais sejam as circunstâncias da vida social, uma etiqueta corporal é sempre usada e o ator a adota espontaneamente em função das normas implícitas que o guiam”. (p. 47)

Da mesma forma – a fachada - que pode ser transposta aos atores sociais como “fachada pessoal”, uma vez que se compõem em sua realidade corporal do “equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação” (GOFFMAN, 1999, p. 29).

É importante esclarecer que tanto um estabelecimento social quanto uma região, suas internas se definem como um “lugar limitado por barreiras à percepção” tanto auditiva quanto visual e que contêm no seu interior padrões previamente estabelecidos. Esses padrões comportamentais exigidos na região de fachada são diferentes dos padrões referentes aos bastidores (GOFFMAN, 1999, p. 101/218).

Essas barreiras sensoriais estabelecem separações entre o que pode ou não ser visto ou ouvido, isso causa impressão de adequação as regras padronizadas entre uma região e outra e impõem realidade ao ambiente em que a encenação esta se desenvolvendo.

Segundo Goffman, a sociedade moderna, é uma legítima representante dessa divisão em regiões de seus estabelecimentos sociais. Nestas divisões territoriais que compõem nossos edifícios sociais podemos observar a sutil presença dos padrões que regulam o comportamento e a ação exigida para a correta representação do ator social.

A fachada enquanto uso adequado de padronizações idealizadas previamente revela a importância do conceito na teoria e permite a sua distinção. Por exemplo: o cenário é parte da padronização da fachada de um estabelecimento, e em sua composição verifica-se a existência de móveis e uma decoração que vão servir de “palco para o desenvolvimento da ação humana executada diante, dentro ou acima dele”. A sala no interior de uma residência é um bom exemplo de cenário, estando sempre em ordem e pronta para desenrolar o espetáculo dos atores que com ela se identificam (GOFFMAN, 1999).

Para que possamos entender com maior clareza esta distinção entre fachada pessoal e fachada enquanto estabelecimento social, tomaremos como exemplo algo que nos circunda diariamente, e que faz parte de nosso cotidiano, quando não dos nossos próprios espetáculos, uma residência.

Sabemos pelo que observamos em nosso cotidiano que em geral uma casa possui uma entrada que a separa da rua, e que geralmente essa entrada se mantém, conservada, tanto no que diz respeito à manutenção das paredes que a compõe e que servem de barreiras à percepção dos transeuntes que habitam o lado de fora, como também a limpeza de seus arredores.

Se por um acaso à referida residência, tivermos o privilégio de penetrar, passaremos evidentemente por uma porta que ao fechar-se nos isolará do lado de fora, a não ser por

algumas janelas que por ventura essa residência venha oferecer, embora as possibilidades sejam variadas, pode haver também a possibilidade de que as mesmas janelas tenham cortinas, ai sim, poderemos estar isolados da percepção sensorial dos que estão do lado de fora.

A sala de visitas neste aspecto serve como a extensão da fachada que se observava da rua, mas dessa vez em forma de cenário, pronto para receber alguém, transmitindo o tipo de informação que melhor condiz com o nível sócio cultural dos que na casa habitam. Esse cenário é comumente conhecido como a sala dos visitantes.

Com certeza, perceberemos a existência de outras portas, corredores ou cortinas impedindo a visão de verificar um pouco mais. Permita-nos dar vida aos ambientes a começar pelo dono; o anfitrião, que ao receber seus convidados estará vestido de maneira tal que confirme a informação dada pelo cenário. Pode-se até mesmo lembrar o que Goffman diz, que essa fachada pessoal acompanha o ator na sua excursão ao lado de fora. O cenário por sua vez é fixo.

Embora o que parece ser bom para uma perfeita apresentação de um personagem, pode por outro lado colocar em risco a credibilidade do ator, uma vez que, o cenário pode evidenciar informações que comprometam a representação do ator, se estiver composto de coisas que fazem parte da sua intimidade e que o mesmo pode se constranger com a revelação.

Entre as coisas que poderiam ser evidenciadas como comprometedoras podemos citar livros, quadros, desorganização do cenário, sujeira, etc. Mesmo com esse aparente perigo que pode comprometer a reputação de qualquer ator, representar em seu próprio palco significa certo privilégio em relação ao personagem em sua representação, pois o ator conhece a região em que esta atuando com o seu personagem, o que lhe possibilita o que Goffman denomina como “controle de cenário”.

Pode se pensar na representação da orientadora do programa do VP que ao presidir a reunião possui condições de ação na direção do programa expressos no controle corporal e das experiências na produção de mudanças de físicas, pois conhece as normas para o funcionamento que induzem a manipulação das formas corporais, possibilitando as idealizações em suas falas e representações.

Esse controle fará com que desenvolva com maior precisão a sua representação, pois saberá manipular melhor, as suas expressões. Mesmo assim há uma tendência para que o ator evite esse privilégio em reação ao cenário.

Certamente é preciso pagar o preço pelo privilégio de realizar uma representação na própria casa; a pessoa tem a oportunidade de transmitir informações a seu próprio respeito por meios cênicos, mas nenhuma oportunidade de esconder as espécies de fatos transmitidos pelo cenário. É de esperar, portanto, que um ator em potencial evite o seu próprio palco e os controles dele, a fim de impedir uma representação não lisonjeira (GOFFMAN, 1999, p. 92).

Os aspectos do cenário enquanto equipamento expressivo é referência à fachada pessoal do indivíduo que se divide entre a “aparência” e a “maneira”. A aparência é distinguida por meio dos estímulos emitidos pelo ator no momento da interação, revelando que os indivíduos estão desempenhando funções como: lazer, trabalho, entre outros. A maneira, por sua vez, revela os estímulos emitidos que evidenciam durante a interação, a predisposição que os indivíduos têm para informar o seu papel dentro da situação dada.

Vale reiterar que a fachada, por sua vez, permite seu uso em diversas situações, isto é, permite ou obriga o seu uso. Isso demonstra que a fachada pode ser institucionalizada tornando-se uma “representação coletiva” e fato por direito próprio”, portanto, em virtude de um ator assumir um papel já estabelecido evidencia que a “fachada já foi institucionalizada para esse papel” (GOFFMAN, 1999, p. 34).

Essa pequena explanação sobre a fachada pessoal serve-nos para elucidar o comportamento do ator nas regiões em que atua, assim como, a manipulação que o mesmo dá a sua expressão durante todo um percurso geográfico de uma representação. Demonstra também que uma aparição na região da fachada não pode ser feita de qualquer maneira, pois esta possui padrões que devem ser incorporados pelos atores.

Uma platéia não espera que em sua aparição ao público um presidente, primeiro ministro, reis ou rainhas de um determinado país venham se dirigir a ela com palavras e expressões que firam sua moralidade é necessário que estes utilizem os padrões já estabelecidos para o encontro como, por exemplo, a “polidez”, padrão de comportamento que “se refere a maneira de pela qual o ator trata a platéia, enquanto esta empenhado em falar com ela num intercâmbio de gestos que são substituídos pela fala” (1999, p. 34).

Da mesma forma a platéia não espera vê-los de maneira não apropriadas em uma aparição colocando em risco as suas representações, há um outro tipo de padrão disponível, o “decoro” que diz “respeito ao modo como o ator se comporta enquanto está ao alcance visual ou auditivo da platéia, mas não necessariamente empenhado em conversar com ela” (1999, p. 107).

Ao buscarmos a referencia metodológica de Goffman, e ao separarmos os encontros realizados pelos Vigilantes do Peso em fachadas e bastidores, temos por objetivo apreender o seu funcionamento enquanto meio corretivo, e a sua ação sobre a transformação dos corpos dos associados. Se no caso dos VP a fachada revela institucionalização das regras, os bastidores demonstram através da confissão como se realiza esta institucionalização.

Nosso relato é realizado a partir do primeiro “contato”, pois como Goffman também nos sentimos como atores e parte do programa de reabilitação. A chegada ao VP e a fachada descreve a interação o com o estabelecimento social. A dietética do VP relata as buscas por ajuda e a correção dos hábitos alimentares visto como negativo. A confissão compulsiva ouve, sem buscar direcionar, a fala do que é a obesidade para o Vigilante do Peso.

4.2 O contato

Dia frio, com promessa de noite mais fria do ano.

Às dezesseis horas fiz o primeiro contato com um ex-membro da instituição. O contato foi por telefone, o número chegou a mim através de um estudante que conhecia um amigo da pessoa que foi orientadora nos Vigilantes do Peso. A partir disso fiz a primeira conversa com alguém que conhecia o programa.

Busquei ter certeza de estar falando com a pessoa indicada. Identifiquei-me como manda a boa conveniência e expus meus propósitos e minhas intenções científicas. Antes que eu terminasse a minha identificação a voz calmamente pediu para que eu esperasse um momento. Do outro lado da linha ouviam-se os risos de crianças misturados a pedidos em tons confidenciais: “Desliga filho é o moço lá da faculdade que quer falar com a vovó”.

Um estalido - clic - juntamente com pedidos de desculpas em relação à brincadeira do netinho de cinco anos que estava ouvindo em outra extensão telefônica, indicava a interrupção de alguma brincadeira.

A “informante” disse que já havia ouvido falar sobre a minha intenção de pesquisa e que não pertencia mais ao quadro da “empresa”, mas que me apresentaria uma outra representante. Colocou-se prontamente à disposição para me ajudar, passando em seguida o telefone para contato com a orientadora em exercício.

Disse-lhe que muito me auxiliaria essa apresentação. Como estava em orelhão de rua e percebendo-me apenas com papel e sem caneta, pedi um instante, e fui rapidamente pedir

uma emprestada em uma sala comercial ao lado. Por azar a caneta não funcionava. Devolvi rapidamente e fui à outra sala comercial ver se conseguia me desvencilhar do embaraço.

Consegui uma caneta que realmente escrevia e foi tudo muito rápido. De volta ao orelhão pedi que dissesse o número do telefone da representante dos “Vigilantes do Peso” e o endereço do local onde se realizava as reuniões. Após soletrar os dígitos do telefone a cidade e dizer o nome da pessoa que orientava os Vigilantes do Peso. Indicou-me onde aconteciam as reuniões em Marília.

Entrei em contato com a orientadora do programa às dezessete horas e trinta minutos, também por telefone. Disse sobre o meu propósito e ela me convidou para ir assistir a uma das reuniões que acontecem todas as quintas-feiras, das dezenove às vinte horas e trinta minutos. O local dos encontros era, em uma das salas de outra instituição para menores carentes nas proximidades da Santa Casa de Misericórdia, na cidade de Marília.

4.3 A chegada ao VP: a fachada

Por precaução, cheguei ao local com uma hora de antecedência. Antes de entrar à instituição, fiz um reconhecimento da fachada do prédio, que apresentava sinais de reforma, por meio de uma camada de tinta branca e nos tons que se aproximam do cinza das janelas.

Quatro janelas com para-peito em branco davam ao imóvel aspecto de uma construção antiga, e nas mesmas janelas desciam bandeiras do Brasil indicando que ali havia felizes torcedores, comemorando a vitória da seleção brasileira no campeonato mundial. Havia certa movimentação na entrada do imóvel e ao me aproximar discretamente observei que as pessoas estavam se preparando para o dia de trabalho.

O interior da construção, logo no *hall* de entrada avistava-se uma balança - que não era digital - e uma pequena escrivaninha com caixas fichários onde uma mulher, de meia idade, sentada em uma cadeira, manipulava fichas dos que chegavam e recebia mensalidades dos que pertenciam ao programa⁴⁰.

Nas paredes, bandeiras e desenhos com caricaturas dos jogadores da seleção brasileira mostravam as produções artísticas dos “internos”, assim como a percepção corporal que os mesmos tinham em relação aos nossos grandes atletas.

⁴⁰ Perguntei posteriormente sobre o motivo deste tipo de balança a orientadora me disse que era a única que – “os Vigilantes” - a empresa utilizava. A balança da marca “Filizola” era manejada através dos pesos que eram sobrepostos um sobre o outro até identificar o peso corporal da futura da “associada”.

Em um canto, nas proximidades da escada que leva ao piso superior, havia poltronas indicando que ali se podia sentar para uma prosa com os visitantes, assim como servia para uso no dia a dia dos internos da entidade.

Procurei acomodar-me discretamente. Como o saguão era razoavelmente amplo, com certa distância pude ficar observando o movimento sem constranger os usuários do programa. A primeira coisa que chamou atenção foi que os usuários chegavam e mensuravam o peso. Enquanto uns saíam ruidosamente e felizes, outros eram retidos para assistir à palestra.

Logo também reconheci a orientadora acima referida, ela recebia quem chegava com carinho e se despedia dos que saíam, com incentivo pela meta alcançada e/ou mantida, através de um sorridente “bom peso” ou “boa vigilância”. Em meio ao movimento das pessoas que entravam ou saíam da mensuração, a orientadora também recebia aqueles que chegavam pela primeira vez.

Duas mulheres aparentando idade entre os trinta e quarenta anos chegavam pela primeira vez e na espera de atendimento se confessavam sobre o que achavam impróprio para o corpo: comer e beber sem limite. Aguardaram um pouco, enquanto eram medidos os pesos dos outros integrantes, e assim que, avistadas e reconhecidas como recém chegadas tiveram as simpáticas boas vindas do programa através da orientadora.

As recém chegadas tinham vínculos de parentescos através do casamento, os seus maridos eram irmãos, e assim, elas eram amigas e cunhadas que buscavam juntas, ajuda para o emagrecimento. A recepção com uma “boa noite” da orientadora deixou-nas menos ansiosas, e começaram a falar sobre si, bem como sobre aquilo que as afligia. Uma delas tomava “coca-cola” em exagero, não conseguindo parar de tomar o refrigerante, sendo esse um dos principais motivos para a procura do programa.

As amigas e o pesquisador estavam em seu primeiro contato com o programa. Essa coincidência apresentou a possibilidade de observar um eventual primeiro encontro entre programa e consumidor.

E também foi inquietante porque as mulheres aparentemente não estavam fora do peso e nem das mediadas corporais. Mas ao serem mensuradas e peso e altura pela orientadora foram aconselhadas a freqüentar os VP. O motivo era o fato de ambas estarem fora do IMC recomendado como bom.

A rigidez da mensuração chama atenção para a rápida mudança exigida a percepção corporal em relação ao reconhecimento de si tendo em referência os padrões corporais objetivados no social. Em menos de cinquenta anos o corpo que seria a referência das mulheres em idades entre trinta a quarenta anos mudou em sua forma e ao buscar o índice do

IMC revela-se o desejo de se inserir em um padrão corporal diferenciado das referências anteriores.

Não só no Brasil como no resto do mundo, e essa evidência se fazia empírica. Mulheres em sua maioria e mães e trabalhadoras buscando o controle das formas corporais através da administração das compulsividades. Não queriam mais o quadril largo e as sobras na barriga que se faziam presentes em muitos cotidianos.

Corpos que muitas vezes foram observados como sinal de bom aspecto, pois se faziam presentes habitando os lares e que em aproximadamente quarenta anos, buscavam nos VP, corpo menor em suas formas físicas. E no caso a agravante da anormalidade física se relacionava ao vício em refrigerante. Especificamente o refrigerante da marca coca-cola.

Decerto poderíamos pensar em Giddens (1997) e em suas reflexões sobre o vício relacionado às sociedades pós-tradicionais. As mudanças impostas através da diluição das referências tradicionais enquanto desorganizadora de medidas habituais à experiência cotidiana de muitos indivíduos.

Não são mais as referências corporais das mulheres que ericavam os sentidos coletivos, por meios da representação corporal representado nas medidas das misses e atrizes. Mulheres adjetivadas com o corpo violão uniam prazeres representando o desejo do consumo sexual com a musicalidade local.

Nos anos 50 e 60 do século os pré-requisitos para as medidas corporais femininas vinculadas pelo concurso estão as injunções do discurso do corpo correto não só para o Brasil como também para o mundo. Ser alta ao menos 1m 78 cm de altura e ter 90 centímetros de busto, 60 centímetros de cintura e 90 de quadril. São as medidas propagadas pelos concursos que faziam que milhares de pessoas em todo mundo ficassem de olho na tela da televisão nos anos cinquenta e sessenta.

Em se tratando do Brasil, seja na literatura ou na televisão dos anos sessenta e setenta o reconhecimento do corpo feminino se viu expresso em referências curvilíneas com nádegas avantajadas e pouco seio como de Sonia Braga protagonizando a novela “Gabriela cravo e canela” inspirada no romance homônimo de Jorge Amado.

A mudança foi rápida como diz Gilberto Freire⁴¹ de Sonia Braga, o perfeito biótipo da mulher brasileira para as referências alouradas de Vera Fischer e Xuxa. Mas a grande mudança expressa no referencial corporal ocorreu com a musa das passarelas com as medidas

⁴¹ FAERMAN, M. O mulherengo Gilberto Freire. Status. São Paulo, p. 26-34, set. 1985. Disponível em <http://www.mitologica.com.br/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid+2>. Acessado em 02/12/2007. Os nomes citados são referências corporais no Brasil, são atrizes e apresentadoras que fazem parte do cotidiano através da ampla cobertura realizada pela mídia local

esguias de Gisele Bündchen com 1,79 m. 92 centímetros de busto, 61 de cintura e 89 de quadril e 52 kg de peso.

Essas medidas corporais instituem novos desejos na busca de referências corporais tanto para os homens como para as mulheres. Seja como critério para obtenção do prazer através do desejo masculino ou como para a representação do corpo socialmente como imagem narcisista como desejo feminino.

Seriam esses os efeitos da destradicionalização sugerida por Giddens (1997) se expressando em corporalidades? Mulheres que em espaços de tempo relativamente pequeno - de trinta anos - querem perder a memória do corpo das mulheres que lhes amamentavam. Esta evidência faz pensar a dissolução da memória, operacionalizada por uma espécie de hedonismo pautado no consumo conforme sugestão do autor.

Pois comporta compulsividade, no caso citado em relação ao refrigerante. O consumo de coca-cola é expresso como o causador de uma das formas físicas observada como anormal. A coca-cola pode ser um dos meios que a liga ao passado em relação às experiências corporais familiares, o que permite manter-se em sua forma corporal enquanto sobrepeso em relação com o passado.

A compulsão expressa no vício em Coca-Cola pode ser observada neste caso a luz de Giddens (1997) como uma incapacidade de escapar do passado. Neste caso o vício ingestivos relacionado à coca-cola busca a repetição da tradição enquanto ritual expresso em memória corporal.

As noções e as percepções corporais habituais que em quatro décadas passadas tínhamos de nossas mães, irmãs e vizinhas caíram em desuso. Devem ser reavaliadas, pois com a insistência do critério corporal do IMC, o corpo que se apresentava, a primeira vista, com peso ideal encaixa-se na categoria de sobrepeso. Dissolvendo as noções tradicionais que tínhamos em relação ao corpo saudável.

Isso permitiu isolar ambos os casos e observar como ocorre o início do processo de adequação às prescrições do programa, e assim desde o primeiro contato dos consumidores com a dieta poder descrever os diálogos que impulsionam as buscas ao VP. Próximo às falas pude dar atenção especial para descrever em seguida sem alterar o seu conteúdo.

“Tudo bom queridas” disse a orientadora a elas. “Tudo bem obrigado” respondeu a futura associada, que logo tentou engatar uma conversa com a orientadora: “eu estava conversando com a minha cunhada”, mas logo foi interrompida por quem estava chegando para assistir a palestra, uma senhora de aproximadamente sessenta e cinco anos que foi

prontamente apresentada às novatas. A orientadora esmerava-se para dar atenção a todos de maneira igualmente simpática.

“Ela vem agora só uma vez por mês alcançou a meta virou uma mocinha dos vigilantes” disse a instrutora em relação à senhora que apresentou às recém chegadas. Assim que se despediu da senhora, que entrou no anfiteatro para assistir a palestra, voltou a atender as iniciantes.

A referencia a idade da senhora e a comparação com uma “mocinha” são relevantes no que diz respeito ao discurso médico que se disseminam nas mais diversas esferas da mídia como diz Segurado (2005). O corpo deve estar apto a enfrentar a volatilidade da vida contemporânea. Seja em busca de saúde corporal como de controle da indisciplina expressa em risco de doenças.

Mas, logo em seguida foi novamente interrompida pelo fluxo de pessoas que chegavam e saiam para mensurar o peso. Como não quiseram interromper o trabalho de mensuração do peso dos outros associados, conversavam de forma paralela com a orientadora que perguntava como elas souberam dos Vigilantes do Peso na cidade de Marília.

A orientadora disse à mulher que tomava muita coca-cola que o VP não permitia colocar no lugar onde se realizam as reuniões o endereço para contato com a orientação. Havia apenas o número de telefone de contato da cidade de São Paulo.

A ajudante da instrutora sugeriu que também que a representante dos vigilantes na cidade poderia ser contatada por meio do site da Internet. Essa informação é relevante no que se refere às tecnologias que, se servem de intermédio para a acessibilidade ao programa. Assim como, a possibilidade de controle por parte da empresa de dirigir a procura dos usuários.

O uso das tecnologias para o ingresso no programa de emagrecimento da empresa se mostrava nesta atitude dentro dos critérios de inserção tecnológica da informação, correspondente ao usuário e ao orientador. Essas tecnologias não apenas sugeriam que a empresa atuava dentro do que é mais sofisticada dentro do mercado mundial de produção de corpos, como a possibilidade de regulação através da técnica de todos os seus usuários, assim como, as finanças da empresa.

Um rapaz de dezesseis anos chegou pedindo atenção para o “corpinho” dele e foi apresentado com certo sucesso entre os que estavam na recepção. Havia perdido vinte quilos embora usasse roupas largas que mascaravam um pouco o seu corpo. Foi mensurado e em companhia da mãe – uma jovem médica - entrou para a sala de reuniões.

Esta pequena demonstração de vaidade expressa na fala do rapaz em busca de atenção para o “corpinho” sugere quanto os jovens estão sendo violentados pela estética do corpo magro. Embora usasse roupas largas que a primeira vista escondiam a sua silhueta ele não deixou de pedir atenção a sua vitória em relação à compulsão alimentar.

Da mesma forma que a companhia da mãe também evoca a necessidade da ajuda familiar e as ingerências da vida moderna na desagregação da família. O que remete a certa reorganização dos critérios normativos como gerenciador das relações entre familiares. Se a mãe de ontem era a dona de casa e em seu papel estava se inscrevendo a educação dos filhos.

Com a evolução do mercado para o trabalho feminino a responsabilidade com os cuidados com os filhos fraturou-se. A identidade da mulher contemporânea também está relacionada ao mercado de trabalho em concomitância as responsabilidades domésticas. A mulher trabalhadora na atualidade deixa para outras instituições como a escola, as creches os cuidados com os filhos.

Essa mudança nas tarefas doméstica relacionada às mulheres também significa mudanças nos hábitos alimentares. As mães não se responsabilizam mais pela alimentação da família. Não há mais o envolvimento com os cuidados da alimentação que abrange desde a escolha do alimento na feira, ao preparo do mesmo através do cozimento, assim como a refeição com a família sentada a mesa.

Perde-se uma parte importante do ritual alimentação. Desde o barulho da panela de pressão e o aroma exalado pelo cozimento dos alimentos, as reuniões e as conversas da família sobre a mesa se vinculam às memórias e a ritualidade do dia a dia. Que farão parte do reconhecimento do sujeito em toda a sua vivência, e informam que quando estas rotinas são substituídas pode haver também um distúrbio relacionado aos hábitos alimentares.

E no caso do pedido do jovem em relação a atenção ao “corpinho” além das perdas de referenciais relacionados a família e as sensibilidades concernente: ao burburinho da cozinha, existem também as injunções da sexualidade relacionadas ao prazer de ser um corpo em sua própria sensualidade.

Com certeza a sua voz não teria sido ouvida caso não estivesse atingindo as suas metas em relação ao corpo sarado tão exposto nos meios de comunicação social. O desejo de ser observado em sua corporalidade expressa também vontade de ser desejado como um corpo dentro dos moldes regulados como voluptuosos.

E no “entra e sai” que à primeira vista parecia incompreensível notei que havia se formado um grupo na recepção dos associados. Enquanto recebia os associados e os

mensuravam a orientadora, a sua irmã que manipulava o fichário na escrivaninha, e uma amiga e companheira de estrada que sempre as seguia durante as reuniões.

Essa companheira de estrada que seguia a orientadora em varias reuniões também apresentava sobrepeso. Mas o interessante é que não se adaptou ao programa de emagrecimento sugerido pelos VP, e mesmo tendo acesso às prescrições através da amizade com a orientadora não se sujeitava à prática alimentícia. Mesmo que tentasse os resultados sucumbiam ao prazer da gula.

Próximas a essas dessas três pessoas, as duas novas associadas estavam próximas, mas com certa discricção, da instrutora que mensurava o peso dos que chegavam e entravam no salão de reuniões ou saiam, realizando assim uma espécie de instrução e apresentação do programa as futuras integrantes.

Enquanto aguardavam o atendimento, falavam e eram interrompidas. Eu, acomodado a uns seis metros de distância da encenação, observava o entra-e-sai e tentava organizar o que via e o que ocorria.

4.4 A dietética do VP

Em meio aos atendimentos dos clientes e conversas como: “eu sempre fui gorda”, a procura por mensuração do peso corporal começou a diminuir, minimizando o fluxo de pessoas que entravam e saíam. Assim, a orientadora conseguiu conversar com certa tranqüilidade com as mulheres que iniciariam o programa. Começou dizendo sobre quais eram os objetivos a serem alcançados no programa.

De início falou às novatas o que os vigilantes fazem para auxiliar no combate ao consumo excessivo de alimentos. O objetivo dos VP é ensinar a pessoa a se alimentar. Assim que chega pela primeira vez, a pessoa é orientada para a mudança de hábito em relação à comida. No programa pode-se comer de tudo: “arroz , feijão, carne, pão, leite, chocolate, cerveja, vinho, tudo o que quiser. Só que em menor quantidade”⁴².

A liberdade na escolha da alimentação é um dos pontos fundamentais que fazem do VP, um programa com maior flexibilidade em relação aos hábitos alimentares. Esta apresentação logo que de imediato aos iniciantes causa uma aparente isenção de tortura no

⁴² As aspas aqui ilustram partes do dialogo como foi discursado pelas observadas. Há também certas mudanças em relação a fala e a transcrição dos diálogos para facilitar a compreensão do que foi dito.

programa, pois é diferente das formas tradicionais de emagrecimento representado pelas dietas baseadas em sopas ou as abruptas dietas do “fecha a boca”.

A possibilidade de aprender a comer em poucas porções tem seus preços é uma luta violenta da necessidade de ingestão de alimentos estimulada pelas necessidades habituais do corpo que liga o homem à produção social alimentícia. Ao conectar-se ao discurso e o produto social alimentício aparecem às características que fazem o sujeito ter sentimento de pertença social.

O poder que se associa à necessidade primaria de alimentação reforça as proximidades do poder e o desejo de pertencimento social do sujeito. Neste contexto Foucault (2000c) é explícito ao indicar a luta entre o corpo e o poder. Pois há luta contra a necessidade imposta pelo desejo em ir a favor do poder, ou de não se subjugar ao desejo de se adequar às regras. Há também o fato de querer se adequar às regras, o que não significa que não haverá experiências com certos conteúdos relacionados a violências expressas nas prescrições ao que se busca corrigir.

A sedução de emagrecimento sem violência física é evidente, pois não se priva de comida, o que seria simplesmente incentivar o suicídio. Mas ao controle da quantidade de comida ingerida. A troca entre a compulsão causadora da obesidade e a vontade de poder ser magro através da inclusão nas esferas de discurso social é também intermediada pela necessidade do aceite sexual do corpo pelo social.

Esta possibilidade não pode ser descartada, mesmo que haja outras compensações que lhe estimule a realizar a transformação corporal o prazer de exercer a sua sexualidade esta nas entrelinhas do discurso seja ele midiático ou da prática. Mesmo que as confissões não expressem diretamente vínculo ao discurso da sexualidade e da vontade de prazer. Há implícita a necessidade do apelo midiático a sexualização do corpo.

Nenhum indivíduo quer ser um corpo em sua exposição pública e midiática, despojado dos estímulos do discurso em relação ao prazer sexual, ou mesmo ter a sua sexualidade vinculada a prazeres anormais relativos a desejos desviantes. Haja vista a enormidade de moribundos, aleijados, obesos e toda uma gama de sujeitos que assumem o discurso da anormalidade buscam as tecnologias dos implantes ou as descobertas do DNA realizadas pela bioinformática como os comprimidos ou transplantes, tendo como pano de fundo a longevidade inclusive a sexual como disse Segurado (2005).

O corpo da contemporaneidade que é alcançado pelos mais variados discursos midiáticos relacionados à biotecnologia como a salvação é o salto para o homem do futuro. Esse corpo que vê as intervenções e leituras do DNA e a possibilidade de trabalhar as suas

disfunções dentro das possibilidades microscópicas da nanotecnologia. Este mesmo corpo que em sua ressingularização pelos efeitos do poder é transformado não está fora da ordem do desejo.

Na promessa da asséptica transformação indolor que nos rodeia como um ultimato a viver bem. A dieta dos VP, com o comer de tudo, mas com moderação em seu apetite sugere certa atenuação do sofrimento. Mas é ilusório pensar que o controle do corpo acostumado a suas cotas de alimentos ao se restringir, com a ingestão de quantidade menor de comida não enfrentará certas dificuldades em relação ao sofrimento.

Mas não podemos nos esquecer do desejo como componente para a luta corporal tão evidenciado por Foucault (2000c). Em sua busca de fazer parte do social o corpo nos VP, se submete aos referenciais discursivos dos efeitos do poder vinculando-se aos ordenamentos do desejo imposto pela cultura do corpo sarado. O poder habita os corpos já disse Foucault (2000e). No poder do corpo residem as imposições contra o desejo que, por sua vez submete a ação do sujeito.

Esse mesmo poder que reside no sujeito e que, por sua vez, pode ser conduzido pela ação do discurso é um poder controlado para uma finalidade específica que no caso do programa se refere à transformação corporal. O autocontrole do poder induzido pela dietética prescritiva aprimora as formas e as contém em seus espaços sociais circunscritos.

Ao se alimentar com a prescrição do controle disciplinar do VP a transformação corporal sugerida pelo IMC se torna possível. O poder que perpassa o corpo é estimulado pelo desejo a agir sobre a condução do mesmo. O desejo assume as rédeas na condução do corpo em transformação. E assim altera corpos, mas sem a pretensão de achar que essa transformação não seja violenta, pois é força agindo sobre força.

“Porque nós não faremos mais como antes, ou seja, sentar em frente a uma caixa de chocolate comer o de amendoim e depois comer o de côco branco, para em seguida comer o de côco queimado. Em seguida o macio depois o crocante e vai tomando coca-cola. Essas coisas devem ser diminuídas”⁴³.

No abandono aos hábitos antigos estão às deusas para se perceber que as correções perpassam pela escolha alimentar de cada associado, assim como, o seu desejo de ter um pertencimento social. Ser observado como saudável e principalmente como alguém sem comportamentos inadequados. Renúncia de hábitos que se expressarão em um corpo reconhecido como normal aos olhos sociais.

⁴³ Fala da orientadora. O pronome: *nós*, neste contexto: significa os “Vigilantes do Peso”.

Toda semana há reuniões e palestras com temáticas diferentes. Estas reuniões servem para apresentar um tema ao grupo, após a reunião com o grupo a orientadora se dirige às pessoas que chegam pela primeira vez para explicar e esclarecer com detalhes o que é o programa dos Vigilantes do Peso.

Por exemplo, esclarecia sobre o uso dos pontos e das medidas para alimentação que o programa sugeria. Tudo era feito de uma maneira bem lúdica onde quem comia em excesso ensinava para os outros os benefícios do programa em sua vida⁴⁴. E assim se inicia a dietética dos VP.

A cada reunião o *associado*⁴⁵ é instruído a como se portar frente às tentações em relação à comida e conter-se em sua compulsividade. Nos Vigilantes o associado é levado a aprender de acordo com as prescrições do programa. Assim que chega uma “associada” e possível consumidora, a palestrante fala o que o “Vigilante” faz para o seu bem estar físico e emocional.

Mas os Vigilantes do Peso têm custos é uma empresa, assim como outras, que trabalha na reeducação alimentar do indivíduo compulsivo. Neste sentido tem suas contabilidades, pagamentos de contas, de material impressos e funcionários. Neste sentido atua dentro das especificações do mercado neoliberal onde o corpo se move dentro dos artifícios de regulação e se conduz como elemento auto-produtor.

Essa lógica da economia do século XX, evidencia a bio-política contemporânea. Vinculada como já explicitamos ao dispositivo da sexualidade. Que por sua vez produz desejos e transforma o poder dos corpos em objeto direcionado pela ação condutora do mercado.

Foram apresentadas as formas de pagamento do programa: *vinte reais* a matrícula; e *vinte reais* por semana; totalizando *cem reais*, no primeiro mês; e *oitenta reais* nos meses seguintes. Havia também uma espécie de promoção se o pagamento do primeiro mês fosse realizado de imediato, neste caso a quantia era de: *noventa reais*, assim o cliente economizaria os outros: *dez reais*.

Se a pessoa resolvesse começar de imediato, poderia pagar a matrícula na primeira semana, totalizando *quarenta reais*. O restante do mês é pago semanalmente. Os que entram logo no primeiro contato preenchem uma ficha de adesão para dar entrada ao programa, e tem

⁴⁴ Uma espécie de “santo remédio” tão vinculado no dia a dia indicado de boca em boca para quem quer aliviar a dor e obter a “cura”.

⁴⁵ A palavra “*Associada*” ou “*Associado*” é o termo utilizado pelos Vigilantes do Peso como referência aos seus consumidores. É também uma palavra comumente utilizada na sala de reunião.

suas medida em altura e peso averiguado, para em seguida ser orientada sobre as metas dos VP pela orientadora, seja através das reuniões ou do material básico oferecido pelo programa.

A associada tem o direito de resolver parar de freqüentar as reuniões quando quiser sem precisar informar a ninguém acerca das suas decisões ou porque esta deixando o programa. Não tem nenhuma obrigação em dar satisfações sobre a sua saída. Pode utilizar o programa de acordo com a sua experimentação que pode ser de uma, duas ou três semanas; ou um, dois ou três meses esta decisão fica a critério dos usuários e de acordo com a adaptação às metas sugeridas. Na troca de diálogos era possível ouvir as confissões.

Essas especificações relacionadas as possibilidades de experimentação do programa e a falta de vínculo entre associado e empresa deixa claro as novas inventivas do mercado em relação aos critérios de conduta do indivíduo. Ele pode experimentar as expectativas do programa em relação ao corpo. E cabe a ele resolver continuar ou não com o programa. É o próprio associado que deve concordar com a terapêutica do programa. Pois no VP o sujeito tem que levar em consideração a sua disponibilização financeira.

Dentro da possibilidade de experimentação do sujeito esta também, a capacidade das tecnologias de poder moderna expressa na liberdade de escolha que deixam dentro do critério da normalidade a possibilidade de vincular-se a dispositivos de correção que melhor lhe enquadre. Dentro das perspectivas da bio-política basta escolher, dentro da diversidade, o dispositivo para se adequar as normalidades que, a ordem do discurso abre espaço para que o sujeito experimente as alternativas corretivas.

Dentro da disponibilidade de se encontrar um dispositivo que melhor acomode as disponibilidades de sua própria condução. Sem duvidas na economia de capital avançado não podemos deixar de lado o caráter comercial que arrola com a correção das formas física. Desde laboratórios a todo um discurso científicos são elaborados para a produção e a manutenção desse novo investimento bio-político que se evidenciou ao redor do corpo obeso⁴⁶.

⁴⁶ Neste amplo discurso propiciado pela emergência da obesidade como doença os laboratórios de remédios são, sem duvidas, os grandes investidores da industria da obesidade. O Xenical lançado pelo laboratório Roche em 1999, era considerado a grande solução para os comedores em demasia, definido como o “viagra da obesidade”, o “ovo de Colombo” na transformação corporal sem sacrifícios, não têm efeito sem certos cuidados em relação aos exercícios e diminuição da ingestão de alimentos. Decerto que as bioempresas que atuam na produção de remédios para o corpo obeso faturam grandes somas em dinheiro do comércio relacionado a transformação do corpo. Mas não impedem a insistência da participação do VP no mercado. MEZAROBBA, G; LUNA, F. A pílula que faz a dieta: Aprovado pelo Ministério da Saúde um remédio para emagrecer sem os efeitos colaterais dos antigos. In: Veja, 1998, abril S.A. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/211098/p_112.html>. Acesso em 04 de abril. 2008.

Com estas evidências a condução do sujeito em relação a sua forma corporal relacionada à dietética fica reduzida à escolha da forma de condução do emagrecimento. Ou as promessas do milagre dos comprimidos e as possibilidades dos efeitos colaterais. Ou o sacrifício expresso em nome saúde e bem estar com a elaboração de cardápios diversificados, mas com porções reduzidas.

Após a apresentação superficial do programa, a nova associada que tomava refrigerante em excesso disse: “Sabe o que eu queria falar, eu tomo muita coca-cola” retomando um assunto interrompido. “Você vai diminuir o refrigerante sim”, disse a instrutora com ênfase. “Você toma coca-cola light ou comum?” continuou. “Imagina odeio tomar coca-cola light” respondeu, a futura associada demonstrando certo desprezo por esse tipo de refrigerante⁴⁷.

Aproveitando a deixa da resposta dada pela futura associada verifica-se a orientação do discurso normalizado referente a compulsividade em coca-cola expressa na necessidade de não abrir mão do prazer de ingerir o refrigerante de preferência. E de se afirmar enquanto condutora de suas vontades compulsivas inconscientes negando-se a ingestão de refrigerantes ligh.

A acompanhante que via livros expostos ao lado apresentou-se para dar seu testemunho em favor a parente e, amiga dizendo: “Ela não come, só toma coca-cola. Menina, ela é demais eu nunca vi uma pessoa tomar tanta coca-cola assim!”

“Eu tive uma associada ‘guri’ que emagreceu, não sei exatamente o quanto, mas acho que foram mais de cinco quilos tomando coca-cola light. Agora coca-cola normal eu não sei. Eu acho que não ao menos nessa quantidade. Duas latas de coca-cola light equivalem a uma lata de coca-cola comum e valem três pontos”.

Esta ressalva da orientadora em relação ao uso do programa em conjunto com a ingestão do refrigerante demonstra que existem experiências que deram resultados, mesmo com a advertência da proibição e das perdas de pontos na cota diária de alimentação referida pelo programa.

E continuando a exposição logo começou a explicar o quanto dentro do programa equivaleriam os mesmos números em relação aos outros alimentos. Se caso a associada quisesse tomar dois refrigerantes light ou comum perderia *três pontos* de sua meta alimentar diária, estabelecida em razão do peso e altura e mais poderia por em risco os *trinta e cinco pontos (flex)* de bônus que lhe são dados semanalmente.

⁴⁷ Infelizmente essa associada desistiu das reuniões dos VP, pois em quatro semanas havia perdido apenas 500kg. de seu peso.

Essas transformações dos alimentos em pontos numéricos estão disponíveis dentro do material escrito que contempla as regras do programa. Estabelecidas como “cotas diárias de pontos” que é determinada pelo peso atual da pessoa.

Com a dieta das cotas a disciplina se expressa em forma de sujeição do corpo ao número de calorias que deverão ser ingeridas diariamente. A disciplina tão utilizada na produção dos corpos dóceis na modernidade fabril, aparece dentro desses novos mecanismos de correção dos corpos para a atualidade.

Para exemplo a prescrição do VP, em suas tabelas de regulação das cotas, traz as seguintes prescrições: uma pessoa que “tem um peso de 95 kg, sua Cota Diária é de 26 PONTOS. Neste caso, vai consumir no mínimo, um cardápio que some 26 PONTOS por dia. Uma pessoa que pesa 70 kg tem uma Cota Diária de 22 PONTOS”.

Essas formas de pontuar os alimentos fazem a diferença na hora da mensuração do peso, pois ao errar na contagem referente a pontuação o corpo irá denunciar que fora mal conduzido perante os alimentos. Nos VP a tabela de pontuação acompanha os associados como um meio de não fazê-lo esquecer das suas novas perspectivas corporal.

Tabela de Cotas Diárias de Pontos

Seu Peso Atual	Pontos
Até de 68 quilos	20
De 68 a 79 quilos	22
De 79 a 90 quilos	24
De 90 a 100 quilos	26
De 100 a 113 quilos	28
De 113 a 124 quilos	30
De 124 a 136 quilos	31
De 136 a 148 quilos	32
De 148 a 158 quilos	33
Acima de 158 quilos	34 ⁴⁸

Desta forma se a associada tomar três refrigerantes, perderia *seis pontos* dentro de uma escala permitida pelo seu peso. Esses pontos poderiam ser gastos em arroz, feijão, carne ou pão. Pontos que poderiam desde que bem distribuídos ajudá-la a enfrentar as necessidades semanais frente às necessidades alimentícias.

⁴⁸ Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 5) Grifos do programa. Livreto n° 1.

A escolha do uso dos pontos é do associado somente ele é quem vai fazer a sua meta ser alcançada. E é ele quem será o responsável pela utilização do cardápio previamente elaborado nas páginas dos livretos para o seu dia a dia.

Se o mínimo de pontos a serem consumidos são 20 pontos diários totalizando 140 pontos semanais, e mais os pontos *flex* que somam 35 pontos adicionais semanalmente, que podem ser consumidos de acordo com a vontade do associado. Com o bônus dos pontos *flex* a cota semanal para uma pessoa de 68 kg, pode chegar a 175 pontos semanais.

A cota diária de alimentação aumenta para os jovens entre 16 e 19 anos em 2 pontos, da mesma forma que a associada que está amamentando tem a sua pontuação diferenciada das demais. Por exemplo, se uma mulher que está amamentando tiver 60 kg, sua cota é de 30 pontos diários, em relação à tabela de peso e pontos acima, aumentam 10 pontos para cada peso corporal.

Sobre a coca-cola a orientadora disse que tinha uma reportagem sobre as conseqüências da coca-cola e que traria para a nova associada. Disse que em sua casa havia problemas com os filhos na hora de colocar refrigerante na mesa. E lia sempre aos filhos as conseqüências provocadas pela ingestão do líquido. A futura associada respondeu que não queria ver e muito menos ler.

Esta fala é interessante quando se observa o que diz a orientadora em sua prática cotidiana. A mesa indica que nos horários de refeição a sua família esta junta nas horas de se alimentar contradizendo as inovações dos tempos econômicos atuais, que na busca de produzir somos levados a fazer as refeições fora de casa.

Mas nem só de arroz e feijão vivem as famílias, os cardápios dos VP são bem elaborados e dentro das especificações das cotas trazem receitas que podem ser salgadas para os bolsos da maioria da população brasileira. Para qualquer que seja a dieta em relação às ingestões diárias, seja de 20 ou 34 pontos há sempre uma variedade razoável de receitas.

Vejamos um exemplo da prescrição de alguém que precisa comer apenas vinte pontos por dia:

No café da manhã: 1 pêra pequena (1 ponto), pão de centeio uma fatia (1 ponto), café com adoçante (0 ponto), leite desnatado (2 pontos).

No almoço – refeição principal -, Alface crespa com tomate-cereja (0 ponto); uma porção - 1/2 xícara - de arroz dos VP (2 pontos) e yaki-soba de frango receita do VP (4 pontos), de sobremesa uma banana prata (1 ponto).

No jantar – refeição leve- hambúrguer de frango - 1 unidade - (2 pontos), pão de hambúrguer - 1 unidade - (3 pontos), sopa dos VP - 1 1/2 xícara. - (0 ponto), salada de pepino e tomate – 1 xícara - (0 ponto), salada de frutas - 1 xícara - (2 pontos).

No lanche – leite desnatado batido com canela (2 pontos). Total de ingestão alimentar 20 pontos diários.

Para o almoço o arroz dos Vigilantes do Peso deve ser feito como a receita recomenda. “Numa caçarola em fogo médio, ferva 2 xícara de caldo de galinha 0% de gordura com 2 c.s. de cebola picada, ½ dente de alho amassado e 1 xícara de arroz. Cozinhe por 20-30 minutos ou até o arroz absorver toda a água e amaciar. Cada porção desse arroz equivale a 2 pontos”⁴⁹.

O yaki-soba é uma das sugestões dos cardápios e envolve uma difusão de paladares a mesa brasileira deve ser feita da seguinte maneira.

Numa caçarola larga antiaderente unte 3-4 gotas de óleo de gergelim e aqueça. Doure 2 filés de frango cortado em tiras temperados com alho picado e gengibre ralado a gosto. Acrescente à caçarola, enquanto mexe rapidamente, 1 xícara dos seguintes ingredientes: cenoura em tiras finas; pimentão vermelho em tiras; floretes de brócolis; acelga em tiras finas. Adicione ½ xícara de cebola picada; 1 fatia grossa de tofu em cubos e, 1 xícara de molho de soja, aqueça e sirva”. Esta receita rende duas porções de 4 pontos cada⁵⁰.

E a famosa Sopa Leve dos Vigilantes do Peso para ser tomada como uma refeição leve no final da tarde acompanhada da sugestão dada acima:

Numa panela junte 1 xícara de cada um dos seguintes ingredientes: cenoura em rodela; abóbora em cubos; repolho verde em tiras; vagem fatiada. Acrescente ½ xícara de cebola picada, 2 dentes de alho amassados, 1 c.s.de extrato de tomate, ervas frescas a gosto (manjeriçã, tomilho etc.), 1 sachê de ô para caldo de galinha 0% de gordura e 1,5 litro de água fervente. Cozinhe em fogo médio até os legumes amaciarem. Se desejar uma sopa cremosa bata a metade no liquidificador. Complete o tempero com pimenta em pó e um pouco de sal. Esta receita rende 4 porções de 2 pontos cada⁵¹.

Estas incursões degustativas dos Vigilantes do Peso fazem com que a alimentação do associado ganhe novas articulações com ênfases na variação do cardápio. Isto demonstra

⁴⁹ Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 26) Grifos do programa. Livreto n° 2.

⁵⁰ Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 27) Grifos do programa. Livreto n° 1.

⁵¹ Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 27) Grifos do programa. Livreto n° 1

como a alimentação contemporânea se tornou objeto de desejo e de consumo com as suas variações e diversidades gastronômicas.

Gastronomia que antes de ser de escolha meramente individual traz em si toda uma transitoriedade de pessoas e de manejos agrários que se expressam em cuidados com a produção e a alimentação da população. Variedades que aguçam o paladar e tracejam dentro de uma perigosa armadilha para o mal estar que vivem os contemporâneos.

Os Vigilantes do Peso trabalham com a seguinte metodologia: Quem fala é o instituído – reeducado em seus hábitos – e que perdera através das suas participações nas salas de VP os quilos que o faziam mal de alguma forma, tudo depende do discurso que o levou a buscar os VP.

Semanalmente há uma reunião em que são conduzidas palestras dirigidas por tópicos, como dicas que devem ser seguidas: “*Alimentação consciente*”, “*Recarregando as baterias da sua motivação*”, entre outras. Neste sentido, O VP difere das instituições convencionais, pois não seqüestra o indivíduo do meio social. Procura fazer a correção corporal aos olhos da sociedade por meio de institucionalização *soft e voluntária*.

Também não empregam pessoas especializadas em recuperação física ou mental como, médicos psicólogos, profissionais da educação física, ou outros. Seu quadro de funcionário é formado por associados que ao assimilarem as prescritivas do programa, reduziram e conservaram a sua massa corporal.

São as confissões da orientadora que dão suporte aos associados que buscam assimilar as suas experiências de emagrecimento colocando na prática cotidiana as ações sugeridas pelas suas instruções durante as reuniões ocorridas nas salas do VP.

Há também os livretos que compõem o programa com as dicas e as pontuações para serem seguidas em casa. São doze livros ao todo e cada um sugerem os “doze passos” que os associados devem seguir para que tenham um emagrecimento saudável. Neles é possível encontrar as receitas e as pontuações dos alimentos. Os livros são produzidos pela central da organização e são seguidos por todas as unidades (franquias) do VP espalhadas pelo mundo.

Uma laranja pequena vale um ponto, uma fatia fina de queijo branco um ponto, o arroz com a receita sugerida pelo VP, ½ xícara dois pontos da mesma forma o feijão. As medidas para não ter problema de erro podem ser associadas a objetos ou ao próprio corpo.

Como a comparação de uma bola de tênis como medida para uma xícara, ou a mão fechada para mensurar o tamanho de uma fruta, ou a mão aberta para medir o tamanho de um

pedaço de carne, mas só vale a palma da mão. O programa segue meios e técnicas para o emagrecimento edificado de maneira simples dentro do conhecimento do senso-comum⁵².

Estas peculiaridades acerca do funcionamento do programa dos Vigilantes do Peso, em relação às transformações dos hábitos, não são exclusividades do programa. Os Alcoólicos Anônimos também em sua atuação na recuperação do alcoólatra sugerem em seu programa os doze passos.

O VP não isola ou retira os participantes do convívio social. Ao contrário, pertencem às formas de intervenção baseadas na auto-ajuda que, desde o começo do século XX, corrigem comportamentos sem a necessidade de aprisionar o corpo.

Neste contexto o VP é um dos segmentos associativos que vislumbram as técnicas sugeridas pelo AA, aos seus ajustes subjetivos. Em ambos os programas a aceitação de impotência contra o vício compulsivo (o pedido de ajuda) são normas para uma boa transformação dos hábitos e conseqüentemente da conduta.

A confissão da impotência em relação a comida, e a apropriação dos discursos médicos referentes a compulsividade tem dentro do programa seus aspectos positivos. Não se vence a doença se ela não for admitida como doença. Este traço que faz do sujeito um refém do dispositivo é a arma da discursividade utilizada para o controle das formas físicas.

4.5 A obesidade como compulsão

Assim que teve um tempo a orientadora veio me atender perguntou sobre o que eu fazia e qual o meu interesse nos Vigilantes do Peso. Disse a minha intenção sobre o que gostaria de fazer e ela disse que não poderia fazer qualquer tipo de gravação ou tirar fotos, mas que poderia assistir as reuniões.

Isso decerto diminuiria certas possibilidades na coleta de material, mas não impediria a descrição dos discursos realizados no interior do programa. Disse também que vinha dos Alcoólicos Anônimos isso revelou na orientadora certo entusiasmo em relação aos meus propósitos.

⁵² Os doze livros que compõem a dieta dos VP são: Programa PontosFlex 1; Na medida certa 2; Seu cardápio personalizado 3; A lista de alimentos 4; Mexa-se 5; Guia do restaurante 6; Para uma vida melhor 7; Você e seus convidados 8; Viva bem, viva mais 9; Mantenha seu ritmo 10, Culinária light 11; O Futuro 12. Entre outros artifícios como calendários ou medalhinhas como instrumento de marketing e manutenção da vigilância. Esses livros são distribuídos aos associados nas primeiras doze semanas de frequência, neles estão evidenciados as maneiras e as porções de alimentos e as suas respectivas equivalências em pontos.

A orientadora começou dizendo sobre uma pesquisa editada na revista “Veja” e que talvez ainda possuísse um exemplar ou um xérox e se colocou a disposição de trazer para que eu pudesse olhar, pois na edição da revista havia uma descrição sobre o programa dos Vigilantes do Peso.

Esta sugestão sobre a revista demonstrava que o seu produto era eficaz em relação aos demais tipos de dietas alimentares. “É impressionante que a vigilância esta lá na frente apesar de haver uma desistência enorme, ainda tinha mais insistência” disse a instrutora.

Em relação aos Alcoólicos Anônimos a orientadora fez a seguinte distinção⁵³:

Hoje possivelmente eu posso aceitar esse fato, a diferença do gordo para o alcoólatra está na preferência de cada um, ou é pela bebida ou é pela comida, é exatamente a mesma coisa. O gordo é compulsivo ele é desesperado quer comer, comer, comer não importa muito que o gordo coma, você como uma pessoa magra, você só come o que você gosta, eu acredito?

Nesta fala, por exemplo, aparece embutido o discurso das ciências humanas como a psicologia através do conceito de “*compulsão*” revelando a apropriação do discurso institucionalizado como saber pelo dispositivo. Neste sentido pode ser observado como indício da preocupação reguladora da bio-política, uma vez que expressa a posse do discurso normalizador em instrumentos corretivos disseminados na sociedade.

Da mesma forma que a confissão imediata da associada iniciante em sua compulsão por coca-cola a orientadora procurou confessar a associação ao discurso da compulsividade indicando que essa era a forma de manter-se em continuo tratamento. Este assujeitamento ao discurso revela que o aceite da compulsão como doença é a chave para a transformação do corpo.

Da mesma forma que a necessidade de apropriação do discurso do magro e de seus hábitos alimentares buscam referência para a autocondução das atividades diárias em relação à comida. Nesta preocupação em saber sobre a forma física do pesquisador com a pergunta “você como uma pessoa magra só come o que gosta, eu acredito?” pode ser entendida como necessidades de conhecimento sobre os hábitos do corpo magro. Todas as falas relativas ao corpo magro são importantes para quem vive em vigilância diária.

Um gordo come até pedra, se deixar ela ensopadinha ele come, você entende? Por que gosta de tudo! Gordo não tem nem paladar, tem hora que

⁵³ Sabia de antemão em minhas visitas aos Alcoólicos Anônimos como os instituídos se apropriam dos discursos para dele se utilizarem seja contra ou a favor de seus propósitos, assim me abstive ao máximo em omitir opiniões durante as visitas ao VP. Vejam sobre essas precauções em: “Os intelectuais e o poder” In: In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 15º ed. 2000c.

come salgado, depois come doce, depois esta precisando de um salgado [...] depois come um doce de novo, é uma coisa assim absurda, você não tem noção. E você sempre foi magro? Disse que sim e ambos rimos.

Se você ficar numa sala que o gordinho resolver falar o que ele pensa e come, você fica boquiaberto então eu tenho que ter sido gorda. Para poder fazer o que eu faço, por que um magro não acredita que o gordo faz! Então eu sei de cadeirinha o que um gordo faz. Gordo não gosta de alface, gordo suporta alface por que precisa, gordo não gosta dessas coisas, nós gostamos daquelas coisas que vão só engordando, gordo gosta de mandioca com costela gorda, picanha gorda é isso que gordo gosta (risos).

É interessante perceber que para estar falando sobre a obesidade é necessário ter sido “gorda”, esse aspecto confirma a interiorização do estigma da doença para que haja a cura. Nota-se também a maneira pejorativa com que assume o adjetivo “gordo”. Essa forma de se auto-adjetivar faz parte da correção uma vez que é necessária uma espécie de negação do corpo para que a terapia de auto-ajuda de certo.

A revelação dos hábitos alimentares quer demonstrar que realmente o obeso tem falta de controle em relação aos seus prazeres. Da mesma forma que assume as preferências por alimentos observados como prejudiciais à saúde pelo discurso médico e que diariamente são sugeridos pela mídia como causadores de doenças.

Através da experiência do corpo com sobrepeso e a posse do segredo do ritual da passagem de transformação para o corpo magro se observa o exercício do poder em dizer a verdade sobre o que e quem é o indivíduo com o corpo em excesso de gordura. Conforme Foucault (2000a) isso se dá segundo noção de “crise” evidenciada pelo discurso médico, uma vez que o conhecimento da crise propicia a ação terapêutica sobre o mal.

A experiência da vivência corporal aliada ao conhecimento da causa da obesidade propiciada pelo saber científico garante a apropriação do discurso como verdade ritualizada pelo conhecimento da transformação corporal. O que não quer dizer que os VP façam um amplo reconhecimento do sujeito através do princípio délfico “conheça-te a ti mesmo”.

Não há uma preocupação em elaborar um ritual através de uma anamnese relacionada à gênese do distúrbio compulsivo. Há apenas uma afirmação do discurso relacionado às causas da compulsão em seu cotidiano prático, mas não o que levou o sujeito a deixar se levar pelo prazer da degustação em excesso.

Após esses instantes de atenção pediu licença para atender seus clientes, mas disse que eu poderia ficar à vontade. Enquanto aguardava observei que a mulher que estava ajudando na recepção atuava como uma espécie de ajudante da instrutora, pois anotava em fichas individualizadas o peso e recebia o preço da semana de cada um dos associados que

chegava. Essas fichas funcionavam como uma espécie de prontuário com os dados e as medidas de cada um dos integrantes do programa.

Além de ilustrar as reuniões, a orientadora também vendia livros de receita que o programa oferecia, cada livro custava dezesseis reais e era apresentado nas reuniões. Esses livros oferecidos pelo programa para a ajuda no emagrecimento fazem parte da coleção de livros de receitas culinárias todos com indicações de pontuação nas receitas⁵⁴.

Essas são maneiras do programa de auto-ajuda dos VP encontraram de alargar seu horizonte de captação financeira e auxiliar os usuários com receitas elaboradas e avaliadas em sua soma de pontos pelo próprio programa. Isso além de não dispersar os associados das cotas diárias serve para ajudar a manter decerto a economia da franquía, pois sempre havia mulheres comprando os livros⁵⁵.

Outro aspecto importante diz respeito às maneiras de como a mensuração do peso influi na necessidade de permanência ou não cada associado nas salas de reunião. Ao ser mensurado em seu peso o associado deve procurar estar sempre com as mesmas roupas e com ou sem sapatos – essa escolha é do próprio associado - sempre que subir na balança.

Esta é uma espécie de controle entre o associado e o programa. E evita auto-enganos. Algumas associadas dizem quando aumentam o peso é porque estão inchadas ou que não evacuaram, que são os gases ou estão no período de ovulação, entre outros pretextos. A mensuração serve de base para que o indivíduo continue freqüentando as reuniões e, em decorrência do saldo negativo no excesso de peso continue pagando semanalmente pelo trabalho de monitoração da orientadora.

Esta forma de mensuração age como uma espécie de dupla punição, pois o associado além de sentir que não esta se alcançando os seus objetivos em relação a sua correta medida corporal enunciada pelo IMC, também se sente impotente frente aos amigos que não precisam mais freqüentar as reuniões por terem obtido resultados satisfatórios em relação à medida corporal exigida.

⁵⁴ A coleção de “Livros de Receita de sua Cozinha Light” é composta pelos títulos: “Favoritos”, “Dia-a-Dia”, “Lanches e Sopas”, “Doços”, “5 Ingredientes” e “Orientais”. Todos disponíveis para compra através da tele vendas Vigilantes do Peso. In: Vigilantes do Peso: *Release* Geral. Disponível em: <www.vigilantesdopeso.com.br>. Acesso em “varias vezes”.

⁵⁵ Essa preocupação em elaborar o cardápio de receitas com os valores em cotas numéricas é importante, pois quando as são vinculadas pelo site dos Vigilantes do Peso na internet há uma advertência da empresa não se responsabilizando pela receita.

A outra punição pode estar vinculada com o pagamento da mensalidade, pois dentro dos aspectos da economia local o dispêndio financeiro com o programa pode afetar o orçamento do usuário⁵⁶.

O peso é verificado semanalmente pela orientadora e cada grama perdido é levado a sério porque determina se o indivíduo atingiu as suas metas, ou seja comeu conforme o prescrito na dieta do programa. Essas metas não são assimiladas logo de início, por isso as reuniões que visam inserir os associados ao programa. E também proporciona verificar a atuação do programa na transformação das formas físicas.

Logo depois compreendi que as pessoas que entravam e saíam eram os associados que já haviam colocado a prescrição em prática. Estavam transformados em suas expressões corporais, chegaram à meta da transformação corporal que o programa sugeria. Esta meta para o peso corporal que é proposto pelo programa é a mesma que o índice indicado pela Organização Mundial de Saúde o IMC.

Fazia frio e as pessoas que entravam e saíam estavam bem agasalhadas e não se importavam de tirá-las e ficarem com as roupas básicas para a mensuração, algumas tiravam os sapatos, pois não queriam que nenhuma possibilidade de aumento no peso viesse de algo que não fosse de seu próprio corpo.

Sob o olhar atento da orientadora que dizia sempre a quantidade de peso perdido ou adquirido para a pessoa. Um eram quatrocentos gramas, outras um quilo, outras trinta gramas, outras dois e trezentos, uma outra chegara ao logo da vigilância a dezessete quilos e novecentos emagrecidos. Os associados que estavam de acordo com as prescrições do programa só entravam se pesavam e saíam aparentemente satisfeitos com a vigília.

Havia os que ficavam ou eram alertados a voltar à sala de reuniões por haverem saído do peso estabelecido para boa saúde. Quem ficava pagava e os que saíam tinham a manutenção da vigilância do peso gratuitamente. Para saber sobre o peso anterior e o atual que a balança indicava há um “Boletim Semanal de Freqüência”, com número de registro do associado e a meta temporária e permanente para cada um de acordo com seus IMC.

Cada boletim é composto de vinte quatro semanas que descreve o registro do peso e altura na primeira semana, e nas subsequentes: o peso atual, a perda semanal e o total em gramas ou quilos perdidos. A cada semana o associado tem o selo da empresa colado em seu

⁵⁶ Ouvi certa vez, de uma ex. associada que estava com dois quilos acima da meta estabelecida pelo IMC dizer que a orientadora havia recomendado voltar para a sala de reunião. Ao expor a sua condição corporal para uma amiga e associada disse que estava se achando com boa medida e que o marido dela também estava lhe dizendo o mesmo. A amiga disse que ela estava ótima. E ela disse que não voltaria a dar o seu dinheiro para a orientadora.

boletim atestando pagamento e frequência, que como foi exposto podem ou não ser frequentados pelos associados de acordo com a sua vontade.

Entre um associado e outro quando sobrou mais um tempinho para falar comigo a orientadora se aproximou e perguntei se poderia fazer parte do programa, ela pediu a ajudante para verificar sobre as considerações do programa acerca do meu caso, sendo eu abaixo do peso mínimo exigido para a associação ao VP, disse que não e se eu entrasse no programa para emagrecer ela seria mandada embora ⁵⁷.

Em seguida começou a falar sobre o magro e como o magro agia frente à comida. Disse que o magro não comia o suficiente mesmo que estivesse todo o dia diante de muita comida, não consegue comer em excesso. E em alguns casos o magro ansioso, por exemplo, com o metabolismo muito acelerado come bastante, mas o distúrbio no metabolismo faz com que ele seja magro. Essa é sem dúvida uma investigação interessante, a da magreza como uma afecção metabólica e não como símbolo de saúde.

Poderia ser que os Vigilantes do Peso ajudassem o magro a engordar, pois a meta de corpo para o gordo é a mesma para o magro que não consegue ingerir uma quantidade de alimentos sugerida como normal. Já que o magro não engorda, os vigilantes poderiam fazer com que o magro seguisse o mesmo regime que o gordo. Ou seja, ao atingir os números de pontos sugeridos para o emagrecimento o magro estaria dentro dos parâmetros sugeridos por uma alimentação equilibrada e normal. Pensou a orientadora.

Continuando a referência aos magros disse: “A grande maioria dos magros não come. O magro toma o café, almoça, às vezes não janta porque parece que o almoço ainda não digeriu. Mas, o gordo janta, depois bebe leite por cima e depois come mais alguma coisa antes de dormir”.

Enquanto falávamos chegou mais um grupo de senhoras. A orientadora logo em seguida foi medir o peso das associadas que acabavam de chegar. Enquanto conversávamos, a amiga e acompanhante da orientadora nas reuniões aproximou-se e perguntou sobre o que eu estava pesquisando. Disse a ela o assunto e ela sentou-se para falar comigo, entusiasmada.

Comentei que as associadas saíam contentes e ela disse:

⁵⁷ Segundo orientação dos Vigilantes do Peso sobre: “Quem Pode frequentar o Vigilantes do Peso”. O programa não deve ser seguido por: pessoas diagnosticadas portadoras de bulimia e/ou anorexia nervosa entre outros transtornos do comportamento alimentar; crianças com menos de 10 anos de idade; grávidas; pessoas magras com IMC abaixo de 21. devem apresentar autorização do seu médico; lactantes amamentando bebê de menos de 6 meses de idade; pessoas com problemas de coração, hipertensão e diabetes; jovens adolescentes de 10 a 17 anos (com carta do seu médico especificando sua meta de peso, e se necessário, a periodicidade da revisão desta meta). In: Um Guia para profissionais de saúde: o caminho seguro para emagrecer. Vigilantes do Peso Marketing Ltda., 2006. O meu interesse em constar no quadro de associados do programa era em poder estar recebendo o material que é oferecido pelos Vigilantes do Peso.

Você emagrece desde que você ache importante têm que fazer certinho eu já emagreci oito quilos depois tornei a engordar novamente. Não posso nem tomar água que já engordo. Deve ser o metabolismo eu não tenho as glândulas tireóideas e dependo de remédios... Eu durmo bem, mas acordo bem cedo só para tomar café, e já levanto não consigo ficar na cama mesmo que esteja muito frio. Eu fico pensando naquele pãozinho quente com manteiga derretida, aaah, meu Deus! Meu marido ontem levou pé de moleque para casa, rapaz se eu comi uns oito pés de moleque foi pouco, eu toda hora passeava na cozinha para pegar um, apesar de eles serem pequeninos... Eu fico no computador comendo, meu marido me vigia o tempo todo quando eu arrumo a janta eu como e depois na janta e eu como bem também! Ele fala agora você não vai comer mais nada. Mas, depois mesmo na cama na hora de dormir eu quero comer sorvete com cereais ou o que vier primeiro na cabeça. Ele fica bravo e diz você não para de comer, apesar de que ele quer que eu emagreça por causa da saúde, a pressão já esta alta, depois tem o perigo dos diabetes.

Essa fala é ilustrativa, pois recorre ao discurso da medicina em relação à produção de hormônios que agem sobre a digestão possibilitando ganho de peso e a ingestão de remédios como fator de efeitos colaterais negativos ao organismo. Esse aceite do discurso médico pode também ser fator para aceitar os prazeres da gula, uma espécie de negação inconsciente do poder discursivo sobre o corpo obeso, pois não há renúncia do prazer de comer.

O pãozinho quente com manteiga derretida que nos acompanha todos os dias ao acordarmos é descrito como um prazer que se repete cotidianamente com seu barulhinho crocante é algo que sobressalta a imaginação gustativa. Mas o hábito de comer compulsivamente esvaece as memórias pueris e nos traz de volta a realidade da obesidade em seu discurso enquanto doença compulsiva.

O hábito de ficar no computador comendo e as intermináveis visitas à cozinha fazem parte da narrativa da obesidade como modos de vida negativa e propícia para o mal estar da saúde individual. Da mesma forma que os cuidados do marido em relação às co-morbidades relacionada a doença do sobrepeso como mal a ser evitado.

Há também nesta fala os aspectos de mudança relacionados aos hábitos da vida contemporânea. A atuação da mulher já não se restringe mais e apenas ao cuidado da casa há novas possibilidades de atuação seja no mercado de trabalho ou simplesmente lazer. O computador um dos símbolos da atualidade tecnológica aparece relacionado com o alimento, e demonstram a dificuldade de adaptação aos novos mecanismos que se vinculam a vida em nossos dias.

Faltava pouco para começar a reunião e uma mulher com vestido jeans, cachecol e botas pretas entrou na ante-sala e deu um entusiasmado cumprimento de “boa noite”. Como estávamos começando a nos dirigir à sala de reuniões paráramos para vê-la entrar.

Loira, com cabelos curtos, olhos verdes aparentando uns vinte sete anos, e um metro e sessenta e sete de altura a mulher desfilou cheia de felicidade os mais de oito metros que separavam a porta de entrada e a balança fazendo ruído com o salto alto da bota. Em sua pequena atuação performática imitando Gisele Bündchen, queria ser notada em sua silhueta transformada.

Foi recebida com entusiasmo pela instrutora que a estava esperando em frente à balança e perguntou, em tom de brincadeira, aonde ela ia linda e magra e de botas daquele jeito. Disse que não ficaria aquele dia e somente mensuraria o peso e que a bota comprara no shopping da cidade. A orientadora perguntou quanto pagou e ela disse “vinte nove paus” demonstrando esperteza em relação ao bom negócio. A instrutora disse: “parabéns, querida”.

Enquanto esperávamos os três minutos que nos separavam da reunião, deu tempo para que elas falassem de si e os outros que estavam fora da reunião fossem para o local sugerido. De repente ouvimos um grito de felicidades “UHU”, e a jovem em cima da balança falou que atingira a meta. A instrutora feliz disse: “mais uma que vai embora”.

Após as felicitações dos presentes e, enquanto calçava as botas, recolocava o cachecol e organizava a bolsa e a chave do carro, disse que acabara de ganhar do marido uma loja no shopping em comemoração ao emagrecimento dela. Uma outra associada, que estava se dirigindo à sala de reuniões e se despedia do acompanhante, disse “também linda desse jeito!”.

“Você não sabe como eu fico ‘barriguda’ fácil”, respondeu com sinceridade. Após se organizar, despediu-se com um simpático “tchau pro seis, gente!” E sob desejo de boa semana e “controle-se bem” reiterado pela orientadora saiu da mesma maneira que entrou. Em seguida, a orientadora anunciou para que todos entrassem na a sala de reuniões.

Nesta pequena exposição teatralizada aparecem diversas ordenações que vinculam se a cultura global expressa na ação cotidiana como diz Giddens (1997) ao pensar sobre a analogia entre as ações individuais ordenadas com os processos de mudança relacionados à nova agenda social da modernidade que marcaram o início da transição entre a sociedade tradicional e a pós-tradicional.

Uma relação interativa entre sociedade e sujeito compõe a ordem da transformação social em relação aos modos de vida cotidiana. A performance no caso reflete várias especulações acerca de como se dá a orientação cultural, através da ação de desfilar e chamar a atenção para si está a busca de se afirmar como corpo sadio e sensualizado.

Uma mulher loira magra e inteligente se expressando na garantia de autocondução contradiz as chacotas cotidianas que vinculam cor de cabelos à falta de inteligência, mas neste

caso esta a confirmação da força da ação agindo sobre o corpo e o modulando, também a possibilidade de condução no mundo dos negócios. E principalmente reflete o entusiasmo do marido em relação ao emagrecimento da mulher incentivado-a com um presente que lhe dá autonomia.

Essa deixa tem ressonâncias que iluminam as duas faces da história desse emagrecimento. Os desejos do marido se expressam com o incentivo feito através do mimo, e neste sentido o efeito ressingularizador do corpo fica submetido à injunção das ordens do poder. Seja do poder que age através do dispositivo da sexualidade que leva a mulher a buscar o VP, como instrumento de ajuda para o emagrecimento, ou através da maneira da reação do marido através do incentivo.

Há também na recomendação da orientadora através do pedido de controle toda uma ordem de simbolismo social que se expressa dentro da cultura moderna, através da ordem do comedimento. Neste sentido o VP, esta em concordância com as injunções da lógica da sociedade atual, pois vincula disciplina e autocontrole para transformação do corpo.

Livre das reuniões semanais o indivíduo em sua reabilitação física e social e apto a liberdade vigiada, ou mais precisamente auto-vigiada, adquire uma espécie de consentimento para sua atuação em relação a si e em relação aos outros. Com a medida corporal dentro dos padrões estabelecidos socialmente e o reconhecimento da superação do mal a liberdade de estar com os outros passa a vigorar pelo crivo do autocontrole disciplinar, uma espécie de liberdade condicionada.

4.6 Os bastidores do VP

Se a fachada dos Vigilantes do Peso revela a institucionalização dos padrões e requer dos atores disciplina expressiva ao desempenhar qualquer papel em seu espaço geográfico, existe uma outra região que contradiz todo o rigor por ela estabelecido.

A região denominada por bastidores, ou região de fundo, pode ser definida como: “o lugar, relativo a uma dada representação, onde a impressão incentivada pela encenação é sabidamente contradita como coisa natural”. Em todo o desenvolvimento do espetáculo o acesso aos bastidores deve ser cuidadosamente controlado, sendo aos estranhos, “expressamente” proibida a entrada (GOFFMAN, 1999, p. 106).

Neste sentido a separação do espaço geográfico dos Vigilantes do Peso se faz pertinente, pois através do critério de mensuração corporal separa os sujeitos entre os que assimilaram a dieta do programa, daqueles que estão por assimilar a dieta.

Os que são mensurados e confirmam através do peso corporal a eficácia do programa são dispensados e servem como estímulo e exemplo aos que estão chegando ou ainda não alcançaram a sua meta corporal. Aos que ainda não conseguiram atingir as metas as frequências as reuniões servem como meio para obter o fim desejável. Nas reuniões as confissões são expostas sendo assim, proibida a estranhos, seja por critérios financeiros ou como de salvaguarda da individualidade.

Os bastidores podem ser considerados como a fábrica do espetáculo, uma vez que se apresentam ao público àquilo que em seu interior é construído. Nos bastidores se constroem a impressão utilizada no espetáculo, se idealiza a representação dos atores e evidenciam os personagens que cada um deve desempenhar, além do trato com a platéia na região de fachada. Nos bastidores os atores descansam de seus personagens e reafirmam os seus padrões culturais.

Neste sentido as reuniões dos VP podem ser observadas como algo que reafirma os padrões para o uso do corpo em sociedade. Através das reuniões são expressos os valores padronizados culturalmente para o corpo e as características relacionadas a obesidade o mal da cultura moderna através da compulsividade.

Quem vê o corpo transformado em sua aparência física não consegue ter noção da força disciplinar que a cultura lhe ordena. Nas reuniões podem ser realizadas as confissões sem constrangimentos e os padrões culturais são reafirmados através da busca pelo corpo saudável e dentro dos critérios normativos. E a afirmação da doença como critério negativo e passível de ser superada.

Através da idealização de sua representação corporal nas reuniões do VP, se difundem as práticas prescritivas que o associado deve ter para perder peso. Ao ouvirem as confissões da orientadora em sua luta diária contra a obesidade, os associados idealizam uma fachada pessoal para si, enquanto aprendem as artimanhas para vencer as crises compulsivas relacionadas ao vício da fome.

Sem a preocupação relativa às aparências aos estranhos os associados revelam as suas maneiras de atuação cotidiana. Nas reuniões do VP ao estarem em presença de outros sobrepesos aceitam a condição de impotência frente à comida, e a absorve como problema que pode ser superado com a ajuda de outros que, por sua vez, se reconhecem com o problema e buscam vencer esta condição.

Quando se observa a fachada pessoal, dos que participam dos bastidores ela difere da apresentada na região de fachada, as pessoas que habitam nos bastidores não se preocupam em manter a aparência exigida na região de fachada, isto equivale também aos padrões de beleza física os menos afortunados com ela são relegados à região dos fundos, principalmente quando se refere aos estabelecimentos de trabalho.

Em um estabelecimento social seja ele casa, lojas, ou fábricas os bastidores se farão presentes para ajudar a manter e a controlar a aparência exigida na região de fachada. Sabendo que é em seu interior que ocorre o “trabalho pesado”, controlá-lo significa ter em mãos o controle da cena que será construída para ser apresentada a uma platéia na região da fachada.

[...] o controle dos bastidores desempenha papel significativo no processo de “controle de trabalho” pelo qual os indivíduos tentam se premunir contra as exigências deterministas que o cercam [...] Se um corpo de funcionários de um sanatório de doentes mentais pretender dar uma boa impressão do estabelecimento àqueles que vêm visitar seus parentes, será importante impedir os visitantes de percorrer as enfermarias, principalmente as de doentes crônicos, restringindo-os às salas de visitas especiais onde seja possível ter instalações relativamente boas e assegurar que todos os pacientes presentes estejam bem vestidos limpos, dóceis razoavelmente bem comportados (GOFFMAN, 1999, p. 108).

Nos bastidores, antecede-se a urgência da representação na fachada tornando sua idealização possível, pois, o ator terá tempo para conceber seu personagem durante a sua representação. Isso demonstra que existe uma ação que molda a expressão conforme a cena, e de acordo com o cenário.

Tendo em vista que a representação “ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa” os atores sociais buscam com frequência à realização desses valores, por meios, da expressividade que permitirá desenvolver o papel que empenha ao representar.

As instituições são estufas para mudar o sujeito (GOFFMAN, 1974; FOUCAULT, 2002) neste sentido podemos dizer que as reuniões dos VP são os espaços para a idealização dos valores que são expressos socialmente.

Os atores sociais que estão em suas reuniões buscam através da idealização de si a adequação aos valores que vincula enquanto cultura. E no caso da busca da transformação corporal a identidade corpórea esta relacionada ao corpo magro e com aparência de saudável.

Goffman diz o seguinte: “quando um indivíduo se apresenta diante dos outros, seu empenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela

sociedade e até realmente mais do que o comportamento com um todo” (GOFFMAN, 1999, p. 41). Deverá idealizar sobre como representar o seu papel.

Os bastidores fornecem tempo para que o indivíduo incorpore tais sinais e projete a sua encenação de acordo com a impressão exigida. Segundo o autor essa ação de idealização da cena padronizada socialmente é comumente observada nas aspirações de indivíduos que pertencem às sociedades estratificadas:

Na maioria das sociedades parece haver um sistema principal ou geral de estratificação e em muitas sociedades estratificadas existe a idealização dos estratos superiores a certa aspiração, por parte dos que ocupam posição inferiores, de ascender às mais elevadas. (Deve-se ter o cuidado de compreender que isto implica não apenas no desejo de uma posição junto de um prestígio, mas também no desejo de uma posição junto ao centro sagrado dos valores comuns da sociedade) (GOFFMAN, 1999, p. 41).

A essa idéia relacionada à estratificação social exposta por Goffman, pode ser anexada a expectativa corporal evidenciadas não apenas nos VP, mas na sociedade atual com um todo. Nos VP, a busca por transformação corporal esta representada pela idéia de ascensão social ou pela idéia de corpo gordo é corpo de pobre.

Essa evidencia se faz através do alto índice de massa corporal divulgada pelo IBGE, em relação aos brasileiros de baixa renda. Da mesma forma que ao realizar o estudo sobre a obesidade entre os judeus Gilman (2004) ressalta a pobreza como demonstração da obesidade.

A idealização permite ao ator social qual momento da cena (interação) pode ser manipulada ou oculta, permitindo manter intacta a sua fachada pessoal. Essa idealização da interação fornece ao ator o controle da platéia que por sua vez, não esta em sua posição passiva em relação à interação, e pode não interagir conforme as expectativas idealizadas por ele. Caso isso aconteça o ator devera recorrer às praticas que podem ou não lhe ser favorável, pois sua representação sofreu uma ruptura e foi desacreditada.

A exemplo; seguindo os padrões normativos da sociedade em relação às medidas corporais o ator pode dizer que está doente e que não consegue emagrecer. Mas, poderá ser desacreditado em sua tentativa de expor os motivos de seu fracasso por outros atores sociais que o desacreditarão em sua investida. Neste sentido podemos fazer as analogias entre Foucault e Goffman em relação à ação do sujeito visando subjugar a ação do outro, pois a luta através do choque entre as ações pode ser um parâmetro para a ruptura.

A ruptura tem importante papel no que tange a visualização dos bastidores, uma olhadela de algum membro da platéia ao seu interior pode evidenciar uma verdade escondida, isto por que:

[...] os segredos vitais de um espetáculo são visíveis nos bastidores, e como os atores se comportam libertando-se dos personagens enquanto estão lá, é natural esperar que a passagem, da região da fachada para a dos fundos seja conservada fechada aos membros dos públicos ou que toda a região do fundo se mantenha escondida dele. Esta é uma técnica manuseio da impressão largamente praticada... (GOFFMAN, 1999, p. 107).

Esta técnica de manuseio da impressão a qual se refere Goffman mostra evidentemente que os bastidores é por si uma região de controle tanto da cena momentânea, quanto dos padrões sociais exigidos nas regiões de fachada e do lado de fora. É isso que o torna tão proibido, uma vez, que é ele a contradição das demais regiões, o seu interior deveria acentuar uma impressão superior à realizada principalmente na região da fachada. Evidentemente essa região também produz padrões.

Assim como a região de fachada estabelece padrões, os bastidores também os fazem acentuando os padrões culturais, do grupo ou indivíduo que os utilize. Para Goffman o fato do indivíduo, ou seja, o ator estar sempre representando papéis relativos às mais diversificadas encenações – um mesmo indivíduo é esposo, pai, operário, amigo, etc. – incorporando para si os mais diversos padrões expressivos relativos aos mais diversos tipos de representações que, o acaso permitir ocorrer, mantendo-se sempre alerta, preparando para melhor utilizar o personagem que a cena requer, faz com que o ator necessite reforçar a sua identidade cultural, os bastidores é um bom lugar para isso.

É interessante observar as revelações de Goffman, em suas incursões sobre a descrição da região produtora de padrões como um aspecto relacionado à contradição da verdade estabelecida na fachada. Sabemos também da preocupação de Foucault com as verdades produzidas institucionalmente e a sua difusão aos outros segmentos sociais.

E tanto Goffman como Foucault a sua maneira estão evidenciando o caráter falacioso da representação da verdade. Quando se idealiza algo e se coloca em prática essa idealização se produz algo socialmente mesmo que seja a indiferença contra essa idealização.

Decerto que Goffman trata da produção da manutenção da cultura estabelecida enquanto sinal de valores a serem seguidos, por isso, invoca o termo idealização enquanto mecanismo de manutenção cultural. Enquanto Foucault trabalha na busca institucionalizada da verdade histórica do poder enquanto produtor de sujeitos sociais.

Não queremos com esse argumento dizer que ambos os autores são em suas teorias análogos, mas apenas buscar as possibilidades de idealizar comparações entre ambos, apesar das diferenças de interesses nas pesquisas desses autores, existe certos aspectos que os unem, pois trabalham as institucionalizações de normas aceitas e subjetivadas pelo sujeito moderno.

No que se refere a Goffman os bastidores confirmam a força na manutenção da encenação social, pois traz equilíbrio psíquico ao indivíduo através da idealização de sua performance social. Isto ocorre porque a incidência de iluminação constante da região de fachada sobre ele pode fazer com que apenas uma referência de identidade se sobressaia. E isto pode decepar parte da sua personalidade, pois estaria com o eu reduzido apenas ao produto de uma representação.

Nesta acepção, o programa dos Vigilantes do Peso é passível de ser dividido em regiões, pois ao separar os sujeitos que aceitaram as regras e emagreceram, daqueles que ainda não conseguiram resultados reforçam a estabilidade psíquica desses indivíduos que vêm na imagem do outro, dentro das reuniões assessoradas pela orientadora ex-obesa, as mesmas condições em que se encontram sujeitos passíveis de marginalização.

Dessa forma ao usar a perspectiva de Goffman, para apreender as tecnologias do poder que agem sobre o corpo estamos utilizando-a como técnica sociológica, o que não significa que a sua metodologia esteja em consonância com as pesquisas realizadas por Foucault. Usamos Goffman enquanto base metodológica ao passo que Foucault nos serviu de baliza para compreensão teórica sobre a discussão acerca da compreensão do corpo enquanto realidade do cotidiano contemporâneo.

Nos bastidores as evidências do poder discursivo aparecem em sua intensidade de ordenamento através das confissões que se realizam em busca de idealizar um corpo próximo aos padronizados pela cultura.

Nas novelas diariamente presentes nas casas os protótipos são difundidos. Através de personagens fictícios expressos em realidades corporais práticas de comportamentos diversas são idealizadas na busca de semelhanças em busca de aceitação social.

Ficção que não se expressam apenas em novelas, mas em livros de auto-ajuda, ou maneiras de comportamentos difundidos pela mídia em relação às posições corporais, cruzar as pernas, andar. Artistas são modelos não só para as cirurgias transformadoras fazendo parte do intenso e rico mercado das cirurgias plásticas. Invadem o VP e são ritualizados como idealização para se moldar o corpo.

Tamanhos de seios, nádegas, aumento labial, maquiagem definitivas, entre uma diversidade de técnicas transformadoras aparecem de maneira sub-reptícia nas confissões do VP, evidenciando que a ordem cultural é estar saudável e dentro dos padrões de beleza.

Nas demandas que propiciam as normalizações e o aceite das regras às idealizações reforçam as características da atualidade demonstradas nas alusões aos modelos. Que correm nas passarelas e são transformadas em símbolos efêmeros da cultura social do corpo.

Assim como, a moda que aparece, enquanto decora ao comportamento e a apresentação do corpo transformado à sociedade enquanto meios de mediação entre o certo e o errado.

Discurso sobre o bem estar são as mediações que, entre a prática obsessiva do culto à imagem, aparece de modo inofensivo enquanto regulador de medidas tangenciado as outras formas de imposição sobre o corpo. A medicina, a psicologia, a nutrição são exemplos de discursos científicos que se manifestam em maneiras de viver o corpo e cria regras para o bem viver corporal, compilado nas confissões realizadas nas reuniões do VP.

4.7 Opção descritiva

O anfiteatro destinado às reuniões era antigo, as cadeiras atadas uma a outra não se moviam, eram velhas e quebradiças, mesmo assim era amplo e podia abrigar, caso necessário uma centena de pessoas. As reuniões assistidas foram no período de julho a outubro de 2006. E como não tínhamos condições de descrever todas as reuniões em seus detalhes escolhemos por fazer uma síntese de todas elas como se fosse apenas uma⁵⁸.

Desta forma preservamos a empresa e não exporíamos os seus usuários, que eventualmente poderiam reconhecer, em uma ou outra reunião, a sua narrativa. Assim através de fragmentos preencheríamos o quadro que se configura entre as reuniões e a entrada, ou seja, os “bastidores e a fachada”.

Também não optamos por nomear todos os fragmentos coletados nas reuniões. Justamente por concordar com a necessidade de preservar as identidades e, assim focamos a reunião em que foi possível observar a presença de um número relativamente maior de

⁵⁸ “Alimentação consciente (28 pessoas)”; “Recarregadas as baterias e sua motivação (20 pessoas)”; “Fazendo supermercado sem problema (24 pessoas)”; “A Pedra (40 pessoas)”; “O tempo (30 pessoas)”; “Auto-controle (60 pessoas)”; “Uma questão contábil (50 pessoas)”, entre outras. Com os VP a classe média vai ao paraíso das silhuetas.

associados, e que eventualmente proporcionou a coleta de dados uma maior quantidade de informações.

Dessa maneira o quadro será composto por varias reuniões e haverá nuances semelhantes que aparecem em redes que se intercalando a discursos midiáticos como novelas, jornais, revistas, ou resultados científicos com os experimentos realizados através das dietas balanceadas da nutrição; como também simples receitas caseiras como refogado de “chuchu no bafo”, e assim, através desses fragmentos, tentamos expressar o cotidiano da prática do vigilante.

As aspas nas frases são fragmentos que compõem na íntegra o que foi “dito” na reunião, que em ocasião especial foi transcrita através de lápis e papel. Neste dia em específico utilizei material para a coleta no campo, por isso há uma incidência maior dessa reunião no discurso da orientadora, sobrepondo-se aos demais, no alinhavo da tentativa de síntese das reuniões observadas⁵⁹.

Mesmo se sobrepondo com suas nuances sobre as demais reuniões, pela facilidade que o artifício técnico permitiu (lápis e papel) para transcrição da “fala” da orientadora, ela também se compõe de “fragmentos”, por não ser possível descrevê-la na íntegra, mesmo com o recurso utilizado.

O motivo reside justamente no uso da técnica para descrever a narrativa em relação ao associado e à empresa. Enquanto platéia, o pesquisador poderia representar aos olhos dos outros associados, àquilo que Goffman (1999, p. 132), chama de “papel discrepante”, causando estranheza, correndo assim o risco de acarretar constrangimentos e possíveis rupturas na encenação.

Em relação à empresa, a descrição adotada diz respeito as suas práticas comerciais: semanalmente acontecem, uma vez para cada grupo, reuniões em todo o território nacional. Elas podem ocorrer em qualquer dia da semana, em qualquer horário. Mas deve ter em sua pauta o mesmo tema, ou seja, o que é colocado em evidência em um Estado está concomitantemente sendo discutido em outro.

Do Oiapoque ao Chuí todos os associados estarão se disciplinando através da mesma temática orientadora da prática cotidiana dos Vigilantes do Peso⁶⁰. Segundo informações obtidas pelo Site da empresa cerca de 380 reuniões semanais são realizadas em 12 estados do

⁵⁹ Quando estava a certa distância fazendo as anotações a amiga e sempre companheira da orientadora veio até mim e perguntou o que eu estava escrevendo no bloco de notas. Mostrei a ela e ela disse que aquilo não significava mal algum. Entendi isso como uma observação para continuar, ao menos naquele dia as anotações.

⁶⁰ Disponível em: <www.vigilantesdopeso.com.br>. Acesso em 20 de setembro de 2007.

país fazendo da vigilância um dos símbolos de emagrecimento saudável ao propiciar qualidade de vida aos seus associados.

Não revelando as reuniões em específico e juntando os fragmentos de outras, compusemos o quadro que tentamos apresentar acerca dos Vigilantes do Peso. Desta forma descrevemos as práticas sem arriscar interferir na interação dos associados; e sem colocar em risco prejudicando a empresa em seus domínios e, patentes comerciais.

Em seqüência ao primeiro contato relatado na fachada, entramos no anfiteatro acima referido. Fiquei impressionado com a quantidade de pessoas que assistiriam à palestra naquele dia⁶¹, pois justamente neste dia trazia lápis e papel. Sentei um pouco distante para não causar constrangimentos, como já disse e, assim com uma perspectiva distanciada poder anotar os fragmentos dentro do seu contexto integral.

4.8 Subjetivações do corpo

A orientadora, após cumprimentar a todos, começou a falar do tema da reunião daquele dia: “*A Pedra*”. Na frente da platéia, como quem realiza um monólogo, assessorada apenas por um pedaço de papel escrito em vermelho com caneta piloto, o nome do tema da reunião e algumas orientações para passar aos associados.

Todos tinham acesso visual ao que estava escrito que, por sua vez, era lido em voz alta. Indicando o tema e seus subitens, assim como eram feitas às associações e citações acerca do uso dos livretos como, maneira de complementar as reuniões e as prescrições concernentes à dieta do programa.

“*A Pedra*” no contexto utilizado pela reunião assume diversas conotações: uma delas é a associação com a comida. No depoimento da orientadora acerca da mudança ocorrida em sua vida, desde a sua entrada no programa do VP há doze anos. Muitas pedras se tornaram obstáculos para o seu regime de emagrecimento.

E da mesma forma, segundo a orientadora, os associados encontrarão muitas pedras em seus caminhos. Afinal, todos encontram as mais diversas dificuldades no seu dia a dia. Com os “gordinhos” as coisas não são diferentes, sendo assim, é necessário saber identificar esses obstáculos e desviar deles.

⁶¹ Neste dia em especial havia quarenta pessoas assistindo à palestra.

Mas, primeiro, é preciso reconhecê-los, saber onde esses perigos se escondem, onde estão pedras que podem atrapalhar os objetivos da dieta. O alimento-pedra são aqueles que as pessoas tentam fazer o associado experimentar, dizendo que são gostosos. Tudo bem! Que sejam, mas oferecê-los para quem está de regime é brincadeira de mau gosto. Diz a orientadora e todos concordam, como se já tivessem passado pela experiência.

Esta associação do alimento e as pedras se relacionam com as agruras do cotidiano. E dentro da prescrição da auto-ajuda do programa é importante porque apresenta a apropriação de ditos populares como, a famosa “pedra no sapato” em referência as dificuldades do dia a dia. No programa dos VP os problemas relacionados à vida cotidiana assumem através linguagem comum tons de palestra para o controle compulsivo da obesidade.

Neste aspecto relativamente simples da oralidade se observa como a cultura é apropriada pela empresa e, assim é transformada em meio para que se desenvolva a prescrição disciplinar de automonitoração do associado. O dito discursivo popular em sua apropriação servirá como objeto de vigilância. Assim sempre que estiver com a comida na mão o associado pode referir-se a ela como uma pedra no caminho da sua imagem corporal idealizada.

O alimento pode inclusive ser oferecido por uma amiga que ainda não conseguiu atingir a sua própria meta e continua com alguns quilinhos a mais, e fica com inveja de ver o associado atingindo seus objetivos, revela a orientadora:

Pode ser uma batata frita, ou uma mini-pizza, um sorvetinho, ou até mesmo uma colherinha de sorvete que é o ideal, mas às vezes o vigilante está começando, e aí, já viu, ele é capaz de comer o tacho todo de sorvete, esquecendo-se de contar a pontuação... Podem ser também os parentes, a mãe, o pai, os irmãos que oferecem um bombom, ou dizem para experimentar isso ou aquilo, que está uma delícia, pois estão vendo que você está emagrecendo, ou emagreceu, e acham que aquilo não vai afetar em nada, que não te engorda.

Nesta confissão da orientadora acerca dos hábitos alimentares que se expressam em corpos fora dos contornos da normalidade social é possível verificar o que compõem a dieta alimentar da cultura atual: batata frita, sorvetes, bombons e pizzas. Neste sentido os VP é um interessante veículo para mensurar a transformação dos hábitos alimentares da atualidade, pois se há um aumento da obesidade no Brasil e no mundo estas informações são relacionadas a cultura alimentar expressas através desses tipo de alimentação.

Há perigo em aceitar todos os agrados da mãe ou do pai, pois eles se tornarão pedras que podem dificultar a caminhada em direção aos objetivos. Por isso que os associados devem

estar preparados para enfrentar os caminhos pedregosos. Há também outras maneiras das pedras aparecerem nos caminhos, as festas juninas, as festas dos jogos do Brasil, os aniversários e os casamentos, ou as vontades súbitas em relação a comer algo são obstáculos para quem quer emagrecer.

Eu tive um associado que outro dia falou para mim: orientadora e quando eu sento com fome de sorvete. Gente! E ele sentava com fome de sorvete porque, após uma semana, a contar desse dia, ele subia em cima da balança e estava com dois quilos e oitocentos gramas a mais no peso. Uma pessoa que não é gorda pode achar que é exagero e que não tem mal nenhum em engordar dois quilos e oitocentos, mas para quem tem problemas com a gordura esse aumento de peso é considerável.

Essa informação sobre uma possível crise compulsiva relacionada ao sorvete pode ser ilustrativa na medida em que o associado obeso escolhia o dia para tomar sorvete, pois expressa um descontrole evidenciando uma impossibilidade de se conduzir frente a sua vontade. Neste sentido as considerações de Agambem (2002) são importantes, pois trazem a tona a possibilidade de campos que atuam na condução dos sujeitos e no caso dos VP experimentando-os em suas formas corporais.

Outro dia uma amiga da família que também abandonou os vigilantes foi em casa dar um abraço na minha filha, como nós estávamos falando sobre chocolates, ela disse que outro dia sentou para ver televisão e comeu cinco bombons, um atrás do outro. Sabem por quê? Quando a gente senta com um disgramado⁶² na mão já escondeu a caixa toda dentro da gaveta do armário, e vai buscando e comendo aquela coisa até acabar tudo.

Na difusão da mídia em relação aos mitos da sedução relacionadas aos prazeres com os chocolates e a vida sedentária expressas em relação ao hábito de comer em frente a televisão se demonstram as formas de como a tradição exaltada por Giddens (1997) esta se deteriorando em relação aos novos valores da atualidade.

A cozinha da casa deixou de ser o lugar onde se faziam as reuniões entre amigos, onde o odor do café fresco ou de qualquer outro tipo de alimento sobre o fogão subia exalando uma espécie de vida que envolvia a família. O lugar comum das conversas que alinhavavam os cuidados com a saúde é substituído pela monotonia receptiva imposta pela falta de interação da mídia televisiva.

Nesta perspectiva o inofensivo chocolate assume o papel de vilão frente ao discurso da mídia que reforça a impotência em se conduzir quando o assunto é o prazer relacionado a esse

⁶² Essa palavra tem significado de “desgraça” um “mal” que deve ser evitado.

produto. E mais, o ato de se alimentar em frente da televisão aparece como um complemento correlato do prazer de comer algo que se tornou objeto de consumo para grande parte da população.

A orientadora continuou por essa via:

A gente tem que aprender a comer de pedacinho em pedacinho, devagar, saboreando os alimentos. Mas nós comemos logo dois chocolates na primeira vez começando com os mais macios, depois comemos outros dois os mais durinhos e depois comemos o de coco branco e o de coco queimado, para saber qual a diferença no sabor. E como sempre nós vamos empurrando com coca cola. Chocolate é para se degustar. É para quem tem paladar. Para quem tem prazer em comer e saborear. Realmente há um prazer muito grande em comer chocolate. Ele é muito gostoso. Mas, ao comer um chocolate quando se está com vontade, tem que curtir aquele momento. Não é para pegar a caixa e comer inteira. Vocês sabem o que é legal fazer: é comprar logo um pacotinho com sabores iguais e ao sentar para comer, se esforçar apenas em comer um porque já se conhece os demais.

Segundo a orientadora, o que o obeso deve fazer é, sobretudo, aprender a comer. Ou simplesmente reaprender a comer. Estas técnicas são bastante vinculadas tanto pelo discurso midiático relacionada mania gastronômica da experimentação com origens na *nouvelle cousine* francesa dos anos 70. E nos dias atuais pode ser observada como o novo investimento do discurso sobre a alimentação incentivada, sobretudo pelos cadernos especiais de jornais ou de revistas.

Esse novo segmento liderado pela exaltação da gastronomia tem se revelado dentro do discurso normalizador como uma das novas armas da economia relacionada à questão alimentícia. Nesta nova mania em relação aos alimentos cotidianamente se investem formas persuasivas em relação ao comportamento frente ao hábito de comer. Basta abrir os jornais, as revistas, ligar a televisão ou acessar a Internet que lá estão as dicas de alimentação e as receitas de como se alimentar bem.

Desde o sentar a mesa, a aposição dos talheres e dos pratos, o uso das injunções discursivas em relação aos modos de comer estão sobre a mesa. E se fazem como etiqueta que devem ser sabidamente utilizadas. Não se pode segundo a regra passar dos limites e em relação à comida a experimentação deve ser vagarosa e em pequenas porções alocadas artisticamente seja no prato ou nos talheres.

Em se tratando de excessos para a orientadora o obeso não deve se alimentar seguindo incondicionalmente seus antigos hábitos alimentares. Por exemplo, não se deve comer um caroço de jaca e depois comer a jaca inteira. Ou ainda, não se deve comer um

amendoim e depois comer o saquinho inteiro. Ou ainda, não se deve comer um pedaço de pudim e não controlar a gula, comendo todo o pudim. Para o obeso é como se um único pedaço de alimento não resolvesse suas necessidades de ingestão. Segundo a orientadora, portanto, esses hábitos, essas compulsões são as verdadeiras pedras, os verdadeiros perigos escondidos no caminho dos vigilantes de peso.

E depois de isso tudo, o que acontece? Sabemos que estamos indo ao VP e fazemos tudo direitinho, estamos vigiando e dando o melhor de nós mesmo. Estamos anotando no caderninho, então parabéns para nós vigilantes. De repente uma briga com a sogra, chutou o cachorro, ou fez não sei o quê, aí acaba fincando o pé na jaca, aí come o pudim inteiro, dez pés-de-moleque, ou sei lá mais o que, colocando tudo a perder.

Neste trecho da confissão é possível verificar as adequações do programa ao dispositivo disciplinar sugerido por Foucault (2002), nas anotações realizadas todos os dias no caderninho estão às revelações e as possibilidades de saber o que o sujeito comeu em sua dieta. São prontuários que dizem o que deu errado no processo de transformação corporal. É uma vigilância ininterrupta de si que busca através do controle averiguar a obstinação da disciplina alimentar do sujeito.

Isto também revela uma completa inadequação com as formas de lidar com os problemas relacionados aos dia a dia. Com as imposições das ações de outros que contrariam as diferentes formas do sujeito observar o mundo e agir nele. A dificuldade relacionada às diversidades e de se impor à luta faz com que o sujeito se retraia e busque refugio no alimento.

Segundo a orientadora, qual deve ser a primeira providência a ser tomada caso haja uma ruptura no processo de transformação física? Recomeçar. Retornar às contas, não ficar abatido com as recaídas. Dar prosseguimento às anotações nas cadernetas, recomeçando as pontuações. O vigilante não pode ficar se culpando ou lamentando o que aconteceu. Ele deve “jogar a bola para frente” e dar continuidade ao que estava fazendo antes. Voltar à vigilância!

Segundo a orientadora, não se pode colocar todo o peso de um acidente, em um dia, e dizer que tudo está perdido. Mesmo que isso coloque tudo a perder. Para ela, não adianta acordar antes da seis horas da manhã, fazer exercícios por uma hora, depois sentar para tomar o café e “comer aquele montão”. Não é razoável fazer exercício excessivo para “queimar duzentas calorias” e depois exagerar na comida, adquirindo outras seiscentas.

A orientadora diz que se deve “correr atrás do prejuízo, não adianta dar murros em ponta de faca, o vigilante sabe que se ele não dividir a cota, diariamente, se não numerar os

alimentos em pontos, se não adotar o programa não está sendo esperto”. A prática de controle do peso deve começar com o exercício de controlar a alimentação, com coisas básicas.

Podemos aprender a comer com variedade e moderação. Os vigilantes assim dizem, sobre certos alimentos como abóbora, pepino, repolho, alface entre outros, são alimentos com pontuação ‘zero’. Mas os vigilantes não querem que você coma apenas uma bacia de alface. Os vigilantes querem que você coma, evidentemente, mas com diversificação: almeirão, alface, palmito, agrião. Os vigilantes querem que você coma um monte, deste que seja meio copinho de suco enquanto medida para os brócolis a couve-flor e assim em diante. Deve haver variedade na alimentação”. E com moderação! Não é porque uma fruta tem o valor ‘zero’ que nós vamos comer quinze frutas por dia. Eu acho que três ou quatro frutas por dia estão excelentes. Não é necessário sentar em frente a uma jaca ou de uma melancia e comê-las inteiras. Porque nós sabemos que sem os vigilantes nós comemos até pedra.

O tom da palestra e os exageros da retórica da orientadora provocam imediato senso de reconhecimento por parte da platéia, que se desfaz em risadas. A orientadora sabe que esse discurso cola, por assim dizer, e o explora de forma extensiva, para produzir na platéia não apenas reconhecimento, mas também cumplicidade diante do sofrimento diante da desejada comida. A orientadora aguarda, quando há essa conexão moral entre ela e a platéia, para em seguida atingir o pico da palestra, sempre em tom de ironia e brincadeira:

Deixem-me fazer uma perguntinha para a sala porque eu estou aqui falando e de repente posso estar falando para a sala errada (risos). Quantos aqui gostam de bolo de festa de aniversário ou de casamento? Levanta a mão. Todos os associados riram e levantaram as mãos. A orientadora aproveita o momento e continua sua peroração. Estou na sala certa! Gente, nós amamos bolo! Mas agora pensem bem. Se nós formos a uma festa e todo mundo está comendo bolo. E passa alguém servindo perto de nós oferecendo e dizemos que não queremos. É mentira porque nós queremos, sim, porque aquele bolo está sendo engolido pelos nossos olhos. Aí dizemos que não queremos. Mas qual o risco que nós corremos ao não aceitar e comer na festa: perigoso até ligar depois para a dona da festa e perguntar onde ela encomendou o bolo (risos) é já ligar pedindo um bolo também só para comer uma ‘isquinha’⁶³, mas a sensação que dá é que queremos comer o bolo inteiro (risos).

O VP recomenda moderação. Os associados aparentemente sentiam o que ela estava dizendo, como se suas palavras refletissem uma verdade subjetiva. Mas também riam da situação, já que percebiam sua *dramatis personae* no discurso de orientação:

Pelo amor de Deus, não façam isso, comam o bolo na festa. Mas o que é que tem você não comer bolo na festa, alguém pode perguntar: primeiro sabe quando você vai numa festa, pensem em uma bem ‘ridíca’, aquela bem

⁶³ Esta palavra refere-se às pequenas porções.

miserável mesmo, que serve aqueles pedacinhos bem pequenininhos, quando começa a cortar o bolo e você percebe que já começou a esfarelar e as fatias dobram e são deixadas de lado na bandeja, são essas fatias que você fica de olho, e quando você vai comer você diz que quer aquela, justamente aquela que está esfarelada e cheia de glacê, é justamente esse pedaço que você se sente dono, que você quer comer (risos). Esse pedaço de bolo que estava sendo colocado de lado e que depois foi adicionado a outro, e que você estava olhando, é o que você quer comer. Nisto reside o perigo. Aceite logo o primeiro pedaço que te oferecerem e coma devagar saboreando, assim você não corre o risco de cair na besteira de ficar olhando os outros comerem e a bandeja juntando os pedaços quebradiços para depois se decidir a comer ou até mesmo raspar o glacê que ficou sobrando na bandeja. E assim perder todos os pontos da semana por causa de um pedacinho de bolo que você à primeira vista se negou a comer, mas não resistindo se descontrolou e comeu demais. Por isso não se esqueçam dos nossos livretos eles são armas contra as recaídas.

O vigilante deve comer. Ele deve comer bolo ou qualquer outra coisa na festa. Se a quantia exceder a contagem, tudo bem, ele deve tirar esse excesso dos pontos da semana seguinte:

Quando eu entrei nos VP, há praticamente doze anos atrás, depois de uns dois meses teve uma festa em família, junto com meus primos e tios, eu servi a festa de aniversário e o tempo todo não fiquei sentada, lembro que comi uma coxinha e mais alguma coisinha, mas não comi o bolo, eu não quis.

E assim, a orientadora chega num momento importante da palestra, naquele momento em que a preleção torna-se também e principalmente uma confissão:

Eu tinha emagrecido um total de três quilos⁶⁴ e eu estava me sentindo a ‘Rainha da Sucata’⁶⁵, sabe aquela rainha que todo mundo diz: nossa como você emagreceu!. Porque três quilos, para quem vivia tomando coca-cola e comendo chocolate, doce de leite, aquele bistecão gordo assado, e todo mundo me olhando, eu estava me sentindo o máximo com aquilo. Mas naquele dia eu não comi bolo. Quando eu cheguei em casa parecia que eu não tinha ido a festa nenhuma, estava me sentindo triste. O motivo era que eu ficava vendo o bolo na minha cabeça e pensando que gosto ele tinha.

Uma associada confessou, nesse momento, que estava se sentindo exatamente da mesma forma, embora tenha perdido “apenas” dois quilos. E a orientadora continuava:

Até hoje quando eu e meu marido vamos a uma festa ele fica reclamando, dizendo para a gente ir embora, que já são quase duas ou três horas e não

⁶⁴ A orientadora emagreceu 16 Kg em 8 meses.

⁶⁵ Rainha da Sucata foi uma telenovela brasileira produzida pela Rede Globo e exibida de 2 de abril a 29 de outubro de 199 às 20:30.

tem mais ninguém na festa, mas enquanto não sai o bolo eu não vou embora, de jeito nenhum. Eu falo para ele ir dormir no carro que enquanto não sair o bolo eu não vou embora, porque eu realmente gosto do bolo (risos).

É interessante observar que as referências culturais relacionadas aos estereótipos produzidos pela mídia televisiva local se faz como meio para expressar o corpo enquanto forma de beleza. A “rainha da sucata” que a orientadora se refere é uma personagem de novela voluptuosa e de maneiras espalhafatosa e principalmente, vitoriosa frente aos empecilhos da vida.

Sentir-se como uma rainha da sucata é se representar como um corpo de um dos ícones do cinema, da televisão e do teatro a atriz Regina Duarte, a namoradinha do Brasil dos anos 70 e 80. São ícones da cultura local que estão sendo observados como modelos de corporalidade.

Toda a palestra-confissão tinha como foco colocar essa questão de que a pedra no caminho do associado, no caso o bolo de festa, deve ser retirada do caminho para que se atinja a meta do emagrecimento. É uma espécie de inversão lógico-semântica. Nela o associado deve fazer uso da pedra, do obstáculo a sua felicidade, como meio para atingir a saúde. Não se furtar das festas de aniversários, dos batizados, das formaturas, da páscoa ou dos domingos familiares. Os associados devem controlar o que comem, não devem ser controlados pela comida. Trata-se de assumir o ônus da liberdade e conseguir limitar o gozo do prazer alimentar ao estritamente necessário.

Durantes as confissões são inúmeras as citações contidas nos livretos sobre como se portar frente aos lapsos alimentares. Estourou a cota semanal proposta para a adequada alimentação referente ao peso utilize os pontos *flex*, se passou das contas com os pontos *flex* é só buscar as receitas e as técnicas que os livretos ensinam e continuar a dieta.

Nesse sentido, o que está em jogo é a racionalização da alimentação cotidiana. É preciso contabilizar o alimento. É preciso “comer à prestação”. É preciso seguir sua cota alimentar. Nesse sentido, a busca pelo corpo saudável e ideal começa com o reaprendizado daquilo que se deve comer no café da manhã (um pão francês que equivale a três pontos; um copo de leite desnatado, dois pontos; cereais sem açúcar, dois pontos; o cafezinho com adoçante, com pontuação zero).

Nos 12 (doze) livros introdutórios do programa alimentar do VP existem as correspondências entre alimento e pontuação. Também há as receitas e os cardápios para o café da manhã (4 pontos), a refeição principal, o almoço (8 pontos); a refeição leve, o jantar (6 pontos); o lanche antes de dormir (2 pontos). Essa contabilidade alimentar equivale a um

cardápio diário de 20 pontos, suficiente para emagrecer sem exageros e para manter o peso conquistado.

O cardápio pode ser elaborado pelo associado, desde que ele se atenha aos parâmetros definidos para sua dieta. Isso não impede que ele utilize seus pontos *flex*; também não é impedimento para o uso de alimentos cuja pontuação é zero. A restrição é que deve variar os alimentos. O livro apresenta uma boa quantidade de alimentos de pontuação zero, entre eles frutas e legumes⁶⁶.

A orientadora prossegue sua palestra da seguinte forma:

Nós dos vigilantes sabemos que a vigília não é sofrimento e que podemos comer de tudo, mas um pouco de cada coisa, sem ultrapassar os pontos que a cota diária oferece. O pagamento da contabilidade aparece na hora de subir na balança, somente a balança dirá que nós gordinhos nos entregamos ou não à compulsão ou não contabilizamos aquilo que estamos comendo no dia a dia. Quando o vigilante sentir que não tem referência para comer algo que lhe esta aguçando demais a vontade use as medidas que nos temos em nosso próprio corpo, palma da mão serve como medida para aquele bife de picanha delicioso. A mão em concha serve para a medida do arroz e do feijão, mas é apenas uma das mãos (risos).

Estas formas de medição dos alimentos relacionadas ao corpo se colocam como uma saída inteligente para aquele que se propõe a dieta da vigilância. É uma medida onipresente e esta sempre acompanhando o praticante da prescrição dos VP, pois usa o corpo como referencial para a alimentação.

No segundo livro, intitulado “Na medida certa” há as bases para a mensuração dos alimentos. A utilização do corpo como referência para as medidas pode ajudar os associados a não se perder em parâmetros complicados. A palma da mão pode ser outra referência para a carne bovina (3 pontos); o peito de peru (2 pontos); carré de porco (5 pontos). Neste texto há também dicas de como montar um cardápio para cada dia da semana⁶⁷.

Utensílios do dia a dia servem de parâmetros para as mensurações: o mouse de computador pode ser utilizado como meio para balizar ½ xícara referente às porções de purê

⁶⁶ Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 8 e 20)

⁶⁷ Na medida certa/ Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p. 4 a 8)

de batatas (2 pontos); de feijão cozido (2 pontos); de salada de maionese (4 pontos); ou de pêssego em calda (2 pontos)⁶⁸.

Essas formas de mensuração são maneiras de se racionalizar a fome, pois objetiva os utensílios que circundam ao redor do sujeito como medidas para o se controle alimentar. Dentro da cotidianidade estão as formas para a sua disciplina, seja através das referências corporais ou de objetos como lâmpadas, bola de tênis, ou o mouse de computador.

O VP apresenta, em seus discursos, que o associado deve saber canalizar sua compulsão alimentar para outra coisa. Nesse sentido, parece que se trata de mudar o foco da compulsão, sem necessariamente descobrir a origem que causa o desajuste. Uma canalização possível é fazer compras. Segundo a orientadora:

É bom sair e comprar aquela calça que você sempre quis, mas, não comprou porque sempre achou que nunca entraria nela. Devemos ter pensamento positivo exercitando a nossa imaginação, ou seja, pensando em algo que possa dificultar o emagrecimento e como se desviar desses obstáculos, isso ajuda o vigilante a perder peso, pois faz com que consigam vencer as pedras do caminho. Se Davi matou Golias, porque nós vigilantes não tiraremos as pedras dos nossos caminhos? Nós somos extremamente inteligentes e criativos, e isso é uma coisa fantástica a nosso favor. Uma amiga e eu certo dia fomos a uma reunião em Bragança Paulista (SP) e ela levou bolo de banana para nós comermos na estrada. Eram três pedaços, um para mim, para minha irmã, e o outro para ela. Aí eu comi aquele pedaço de bolo, vocês sabem que eu gosto muito de bolo, e pedi a receita para ela... Com a receita em mãos e escrita de forma adequada, a empregada foi fazer o bolo. Eram dez colheres de açúcar, dez de farinha, tudo era dez (risos), mas a minha empregada substituiu o açúcar por adoçante. Gente o bolo parece que ficou até mais gostoso. E é nisso que nos podemos nos apegar, na nossa criatividade para chutar as pedras sem nos machucarmos. Os vigilantes podem fazer as coisas sem ficar se lamentando, podem jogar a pedra para fora de suas vidas. Ao contrário de dizer: Oh Deus como eu sou gorda, vou morrer gorda então vou comer mesmo. Depois a gente vai reclamar para a coca-cola (risos), comeu feito uma 'disgrama', depois fica se lamentando e chorando (risos). Ou nós podemos mudar para ter qualidade de vida e não se sentir cansado ao subir uma escada, poder cruzar as pernas com elegância. Colocar aquela camisa de alça, usar calça de zíper que agora é bem pequeno, e pior que é e não tem jeito. Ou senão você coloca aquele zíper de tamanho maior que se usava antigamente quando a calça vinha até quase no peito e, a mulherada usava a calça, e se sentiam lindas vocês lembram disso? (risos).

⁶⁸ Os Vigilantes do Peso sugerem: Como acertar as porções. Apesar de não precisar medir tudo o que vai consumir, você precisa ter certeza de que a quantidade que esta ingerindo corresponde ao número de PONTOS do alimento. Aqui estão algumas maneiras fáceis e seguras de controlar o volume das porções: use a mão como guia. "Pense com os olhos".

Sua mão fechada = tamanho de uma fruta média, uma batata média, 1 xícara de alimento pronto.

Sua palma da mão (sem os dedos) = tamanho de uma porção de carne, 1 porção de frango/peru ou hambúrguer.

Sua mão inteira (palma + dedos) = tamanho de 1 porção de peixe.

O dedo polegar = 1 colher de sopa (C.S.).

A ponta de um dedo = 1 colher de chá (c.c). In: Programa PontosFlex / Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005. (p.22).

Como dissemos acima não há uma preocupação com os vestígios causadores de compulsão alimentar. Não se trata de fazer uma anamnese ou de fazer uma busca reflexiva para saber sobre a causa da compulsividade na sociedade atual. Mas apenas substituí-la por outros meios que se conformam dentro da normalidade.

A elegância do andar ou cruzar a pernas usar as roupas dentro dos padrões exigidos, são essas idealizações feitas nos bastidores que se tornam possíveis verificar, a influência da cultura como mecanismo normativo. Estas injunções reveladas pela confissão demonstram a necessidade de participar das futilidades do consumo e, sobretudo se posicionar enquanto corpo como elemento de sexualidade dentro dos parâmetros impostos socialmente.

São injunções como que atuam sobre a inteligência na correção da postura corporal, dos reflexos dos movimentos dos braços e pernas, do andar, de como se apresentar frente às relações sociais. É um adestramento que tem como parâmetro as frivolidades, ou a seriedade do discurso da qualidade de vida.

Assim esta substituição da compulsão seja pela, obsessão relativa às cotas alimentícias ou pelas compras como sugere a orientadora têm as suas evidências relacionadas à sexualidade. O ato de comprar uma calça de tamanho numérico menor se relaciona ao fato de querer estar dentro dos padrões vinculados pela indústria de roupas.

Agora a gente vê as meninas de quinze, dezesseis e dezessete anos usando aquela calça com zíper bem pequenino, ninguém quer mais usar aquele modelo que usava antes. Outro dia eu estava vendo na televisão que ninguém pode se apresentar com mais de cinco dedos de barriga de fora, no espaço entre a calça e a blusa, tem que ser apenas um espaço de um dedinho, e é lógico que não é para a minha idade, porque tudo tem sua hora e seu tempo, mas a gente vê que a blusa termina aqui na primeira costela e a calça começa lá embaixo, o que nós vamos fazer?. Qual é o estilo de vida que queremos para nós? Parar de ver tudo pequenininho. Esse “inho” é uma perdição para os gordinhos. Temos que pensar que sempre é tempo para mudar esses hábitos ruins. Temos que ter uma meta, um objetivo e colocar um tempo para conseguir atingir esses propósitos. O tempo é uma coisa valiosa, por isso temos que dar-nos um período para que possamos cruzar as pernas como a modelo e apresentadora brasileira, Ana Hickmann⁶⁹, que têm em suas medidas 1,20 somente de pernas, e no país é considerada uma das mais belas mulheres: alta, bonita, magra e sexy. Temos que ter autocontrole sobre o que queremos para nós.

⁶⁹ É conhecida por ser a modelo com as pernas mais longas do mundo, tendo feito parte do *Guinness Book* nessa categoria. Hickmann já foi eleita como a 47ª e a 85ª da lista de 100 mulheres mais sensuais da revista *MaxMen*, em 2004 e 2005, respectivamente. Atualmente Ana faz parte do *casting* da agência *Ten Model*. Disponível In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Hickmann#Trivialidades> Acesso em 05/02/2008.

Na citação ao uso de roupas pelos jovens estão expressas as maneiras de como o discurso da sexualidade se apresenta dentro dos critérios de normalização das formas. Assim como as maneiras como se enfatizam a circulação desses discursos sempre através do corpo da *top model*.

Se há uma recorrência ao passado é para se lembrar de como eram o uso da moda enquanto forma de representação corpórea. Nas investidas ao bom comportamento frente às etiquetas relacionadas com a idade estão embutidas as injunções do discurso da moda e da decência e do decoro relacionado com a idade.

Se nos dias atuais vemos em nossa realidade objetiva corpos que se mostram, com barrigas “tanquinho”. É evidente que os usos da moda expresso em canais midiático vinculam cautela no que diz respeito ao uso desse artifício enquanto meio de representação social da aparência.

E mais do que isso a importância da confissão acima demonstra como o sujeito que busca a adequação do corpo as mediadas vinculadas pelo discurso social estão se refletindo através da cultura massificada da mídia. Ora nem todos têm o corpo da Ana Hickmann, e que em cima de suas longas pernas esbanja as tendências da preferência sexual da atualidade.

Dentro desta aposta sobre as vontades impostas ao desejo de ser um corpo normalizado é que estamos presenciando as buscas evidenciadas por Segurado (2004), em relação aos recursos da bioinformática através dos transplantes seja de órgãos ou alongamentos de ossos da perna para se tornar mais alto ou corrigir imperfeições físicas.

Para o obeso o simples fato de cruzar as pernas se torna algo a ser atingido como meta, pois as pernas muito grossas impossibilitam este ato que, em sua simplicidade se torna objetivo para metas relacionadas ao controle e a prescrição desse programa de auto-ajuda como os VP.

Neste contexto as reflexões de Gilman (2004) podem ser elucidativas uma vez que abrem espaços para observar as injunções da literatura como relatos autobiográficos do mesmo tecido cultural em que se vive. O que esta sendo expresso na confissão da orientadora nos VP em relação aos discursos televisivos e as formas físicas que nele estão vinculadas pode ser, observado como os fragmentos da cultura local. São formas físicas modeladas para o consumo corporal dentro dos padrões de beleza normalizada.

“Quem é mais forte a pedra ou o motivo. Pensem um segundo (risos). Eu sabia que alguém diria que era a pedra. Gente se a pedra for mais forte não têm problema”.

Neste momento alguém da platéia disse que havia os panetones e os chocolates, continuando a brincadeira. E a orientadora também em tom jocoso continuou:

Pode ser que o panetone ou o chocolate seja mais forte que você, mas a pedra não é não. Gente se a pedra for mais forte que vocês minha função aqui é justamente ajudá-los estar aqui semanas após semanas para ajudar vocês. E se alguém disser: orientadora eu não sou mais forte que a pedra. Ótimo! Talvez até agora as coisas estejam sendo difíceis, mas tendo um pouquinho de paciência as coisas vão se tornando mais fáceis. Como você pode tirar a pedra do seu caminho primeiro: use a lista de alimentos para substituir a pedra por outros alimentos menos calóricos, aquela coisa que você ama tipo manteiga ‘*aviação*’ substitua por margarina light, por exemplo. Que você ama e que no fundo você não sabe nem o gosto é só mesmo para passar no meio de qualquer coisa para comer que fica bom substitua ele por outro alimento. O ‘*danone*’ – iogurte – do supermercado quando feito em casa, por exemplo, pode ser menos calórico. Temos que mudar aquilo que a gente acha bom por algo que seja melhor e que não nos faz mal. Comam controlando o tamanho da sua fome, coma fora de casa dividindo com alguém, se você for a uma lanchonete peça um x-bacon, ou um x-salada, ou um x-tudo, ou qualquer outro lanche, mas peça apenas uma fatia de queijo, ou com blanquet e substitua os outros ingredientes por alface, tomate, sem maionese e mostarda ou catchup, pois essa é a nossa missão.

Novamente as deixas da orientadora permeiam as formas alimentares da cultura brasileira atual desde a manteiga derretida sobre o pão quente reivindicada acima, aos lanches rápidos que já ganharam as preferências de jovens e adultos quando se trata de uma alimentação rápida e fora de casa. A confissão revela os hábitos que se emergiram lentamente na cultura alimentícia local.

Ao ir ao McDonald’s a orientadora aconselha ao associado para pedir que forneçam a tabela de calorias ou verificar o quanto está sendo ingerido em termo de fibras ou de carboidratos. Isso também auxilia a limpar os caminhos das pedras que os associados não conseguem ver. E mais, pede para que os associados comam um Mac pequeno e não o maior. O mesmo se aplica ao ir a um bom restaurante de comida internacional é preciso verificar sempre seguir as orientações que os livretos contêm⁷⁰.

Até aprender a lidar com suas pedras evitem os perigos. Gente se a coisa que vocês mais amam é o chocolate de amêndoas compre um outro, porque você sabe que aquele preferido não dá para resistir. Eu sempre disse que a minha relação com o chocolate ‘*chocolícia*’era terrível, pois ele era um tormento na minha vida, depois que eu entrei nos vigilantes ele nunca mais entrou na minha vida. O vigilante deve fazer o supermercado sem problema, não cair nas mentiras das propagandas enganosas. Evitar ir ao supermercado com fome para não comprar o que não precisa. E principalmente, o supermercado não é lugar para passear, e quando ir ao supermercado vá com uma lista

⁷⁰ O livro Guia do Restaurante oferece as variedades da gastronomia que a cozinha brasileira oferece com dicas de uma variedade de restaurantes de todos os cantos do mundo, onde cada país tem a sua culinária representada através dos seus pratos tradicionais. Assim a cozinha alemã com seu *sauerkaut* – chucrute (6 pontos uma xícara); ou a cozinha espanhola com seu *puchero* – cozido espanhol (14 pontos uma xícara) e assim por diante. In: Guia do Restaurante 6. Vigilantes do Peso Pontos Flex Weight Watchers Internacional, Inc. 2005.

pronta, e evite os corredores que contenham os alimentos de preferência como o corredor dos chocolates por exemplo. Os vigilantes devem tomar cuidado com as cores vermelhas que tingem os corredores dos supermercados, pois já foi provado cientificamente que essa cor aguça a fome.

As dicas de fazer supermercado sem problema é outro vetor que revelam tanto, a condição financeira dos associados, como a apropriação dos discursos científicos relacionados às injunções do mercado quando se trata de manipular o desejo através das descobertas sobre a ação das cores sobre os sentidos. A preocupação em relação à ação das cores sobre o associado é explícita, pois se trata de algo que é discursado cientificamente como um agente que aguça a fome.

Novamente os VP esta utilizando os recursos do conhecimento científico para conduzir as ações dos associados. Na demanda contra a crise compulsiva a recomendação esta pautada em critérios que indicam as possibilidades de normalizar as condutas dentro dos parâmetros da cientificidade.

Segundo a orientadora, as suas relações com os programas de televisão também se tornaram pedras:

Eu sentava em frente da Silvia Poppovic⁷¹ e eu era igual a ela em tamanho, com um pacote de bolacha e o chokolícia. Eu olhava para ela e dizia: a gorda aí. Bonita, inteligente e nova eu achava o máximo ela, então qual era o problema de ser gorda? E comia tanto o chocolate como a bolacha. Vejam televisão, ela recomendou, mas também caminhem. Saiam pela praça para mostrar as pessoas os seus esforços, que você também pode ser feliz. Ter um corpo bonito que pode ser mostrado, não sinta vergonha de exibir a sua vaidade, e de mostrar ao mundo que você se ama. Caminhar é a melhor maneira para isso, pois tonifica os músculos e queima calorias deixando o corpo com aparência saudável. Vejam os livrinhos, não adianta vir aqui e em casa não fazer o complemento com os livrinhos são eles que ajudarão vocês em casa, eles são as tarefas para ser realizadas em casa.

Dentro das perspectivas da bio-política enquanto gerenciamento da vida esses apontamentos sobre as possibilidades do exercício como meio de se manter em forma esta em consonância com as tentativas governamentais em fazer com que os sujeitos mudem seus hábitos sedentários e adquiram com essa ação saúde e bem estar físico.

Ao caminhar, segundo a fala da orientadora, o sujeito esta se exercitando em sua imagem e em sua cidadania. Demonstra a sociedade a sua forma física e a sua aparência

⁷¹ Silvia Popovic é apresentadora de televisão que também tinha sobrepeso.

saudável e, se faz socialmente como sujeito de sua ação. Decerto que dentro dos limites permitidos para o corpo enquanto produtor de si e não como condutor de suas vontades.

Na condução da sua dietética o vigilante deve fazer a sua versão light dos alimentos. Dividir em pequenas porções iguais as receitas que acharem boas, e ao congelarem os alimentos colocar em vasilhas menores. Aumentar a atividade física, pois quanto mais o associado se exercitar e mais calorias queimar os pontos alimentícios podem aumentar e ele poderá comer um pouco mais devido ao exercício praticado.

O sexto livreto do VP, “Mexa-se”, dá dicas de quais são as atividades que o associado pode utilizar na ajuda ao emagrecimento. Com cinco passos, ensina como fazer exercícios e acumular pontos extras, através da queima de calorias, “tonificar e construir o tecido muscular”, da mesma forma que contribui para a melhoria do humor, do vigor e ajuda na auto-estima⁷².

Nós devemos nós alimentar com consciência de que a fritura e o açúcar devem ser usados com cautela. Os vigilantes devem pousar o garfo e a faca enquanto come, não é necessário ficar segurando esses utensílios como arma pronta para atacar alguém imaginário que possivelmente venha atacar-nos levando embora a nossa comida.

O livreto número 9, “Viva bem, viva mais”, traz aos associados às dicas sobre o índice de calorias que contém cada grama de gordura. Com esta informação sobre a nutrição correta em relação as calorias. O VP pretende alertar contra um dos alimentos mais prejudicial a saúde e a forma física. Pois ao, ingerir um grama de gordura o corpo está adquirindo nove calorias. E em sua prescrição restringe o consumo a duas colheres de chá por dia o que equivale a quarenta calorias.

Informa também as diferenças entre as gorduras: as saturadas que são altamente prejudiciais à saúde e coloca em risco o coração, elevando a possibilidade do colesterol ruim; as gorduras insaturadas que devem estar sempre no cardápio dos associados, bem como as gorduras poliinsaturadas, que também trazem vantagens para o organismo em relação à

⁷² Os cinco passos que compõem este livreto são: Passo 1, Estou preparado? Passo 2, Qual a atividade? Passo 3, Qual nível de intensidade? Passo 4, Aquecer! Esfriar! Alongar! Passo 5, Acumule Pontos Extras! Sobre os pontos extras há uma tabela que indica como o associado deve contabilizar a sua atividade seguindo a intensidade dos exercícios que são leve, moderada ou elevada: exemplo uma pessoa pesando entre 50 e 59 Kg ao fazer uma atividade leve durante 15 min. = 0 ponto; 30 min. = 1 ponto; 45 min. = 1 ponto; 60 min. = 1 ponto; se realizar atividade moderada durante 15 min. = 1 ponto; 30 min. = 1 ponto; 45 min. = 2 pontos; 60 min. = 2 pontos; as atividades elevadas correspondem a 15 min. = 1 ponto; 30 min. = 3 pontos; 45 min. = 4 pontos; 60 min. = 5 pontos. Esta tabela expõe os pontos acumulados para o peso corporal de 45 à 150 Kg cada mensuração equivale a acúmulos de pontos diferenciados. In: Mexa-se. Programa de Emagrecimento PontoFlex/Weight Watchers Internacional, Inc.. – Rio de Janeiro: Vigilantes do Peso Marketing Ltda, 2005.

gordura saturada⁷³. Ao tratar desses temas nas reuniões a orientadora esta sempre recomendando e utilizando os livretos como referencial da palestra.

Temos que nos valer da nossa consciência alimentar, como dizem os vigilantes.

Olhar para o prato e alocar os alimentos dentro dele: uma porção de arroz, de feijão, ou purê de batatas com peixe cozido e verduras, tudo bem organizado dentro do prato fica lindo de se olhar. Não é necessário e nem fica bonito colocar a comida de maneira desorganizada dentro do prato ou mesmo comer na panela, os vigilantes quer que nós sintamos o gosto do alimento, comendo bem devagar saborear e olhar para o que se come faz parte de uma alimentação saudável. Foi usando esses conselhos dos vigilantes que emagreci dezesseis quilos em oito meses. E mais, não devemos nos esquecer de tomar diariamente seis copos de água, e da atividade física.

Em se tratando de regulação dos discursos normalizantes as diretrizes para a alimentação sugerida acima, trazem de maneira sutil os discursos da medicina relacionada à ingestão de gorduras e aos perigos da morbidade que se expressam no corpo obeso. Essas considerações são sabidamente controversas como nos disse Gilman (2004), mas são diariamente e discursadas em todas as esferas da sociedade com o aval da OMS.

São discursos referenciais do VP para as formas de atuação bio-político, pois comporta em si tanto as especificações do ordenamento discursivo como os critérios de autogestão dentro do discurso. Enquanto ação do discurso sobre o corpo a bio-política se manifesta como meio de disciplinar as condutas e, como meio do sujeito de conduzir a sua conduta em direção aos discursos.

E dentro dessa busca incessante, por uma vivência saudável o corpo é a chave de atuação do poder, que pode expressar-se como uma vida autogovernada, mas dentro dos moldes estabelecidos pela dinâmica da sociedade moderna capitalizada, onde o diverso é um outro não aceitável.

Há outras formas de afastar as pedras do caminho propõe a orientadora:

As atividades sociais, por exemplo, trocar o jantar fora pelo teatro ou cinema, sem pipoca é claro. Muitas vezes nós vemos uma amiga e convidamos para ir em casa tomar um chá, mas o chá é mentira, porque vai ter bolo, biscoito entre outras coisas. Então é preciso parar com isso. Os associados do VP precisam fazer um planejamento detalhado da sua semana em relação ao que ele deve e pode comer. Uma vez que o VP dá trinta e cinco pontos semanais para que se possa comer aquilo que quiser. Esta possibilidade deve ser aproveitada, mas não deve ser ultrapassada. O vigilante só terá sucesso se jogar a sua pedra fora do seu caminho. Sabemos

⁷³ “Viva bem, viva mais 9” Weight Watchers Internacional, Inc. 2005.

que somos compulsivos por comida e não adianta fazer operação do estomago porque a compulsão vira outra coisa. Apaixone por si mesmo, façam o que os vigilantes dizem: olhe para o espelho e diga para si mesmo que tu és lindo e gostoso, visualize-se magro. Isso ira recarregar a sua bateria da sua motivação.

A sociabilidade esta sempre presente no discurso dos VP como motivo para o uso do corpo em sociedade e meio de traçar o sedentarismo pela atividade social. O teatro e o cinema viram aliados contra a compulsão e, antes de ser um instrumento para se distrair e adquirir cultura é utilizado como freio para as possibilidades das crises compulsivas.

Nas reuniões a orientadora ensina como os Vigilantes do Peso devem fazer os exercícios de mentalização que os livretos contem. A “Tela Mental” é um exercício que esta também vinculada à psicologia e aos informes de auto-ajuda e deve ser efetuado com frequência pelos associados.

A Tela Mental é uma ferramenta a ser usada para trocar hábitos desnecessários. Um hábito é uma ação que você repete rotineiramente. É como se você tivesse ligado o seu ‘piloto automático’.

Para trocar um hábito, experimente esta ferramenta, Tela Mental:

1 Feche os olhos e traga à mente uma enorme e colorida imagem do que você vê um segundo antes do hábito acontecer.

2 Agora, produza uma enorme e colorida imagem do jeito que você gostaria de ser, do tipo de pessoa que agiria diferente.

3 De novo, traga à mente a primeira imagem e coloque embaixo, no canto direito do seu pensamento, a segunda imagem da pessoa que você gostaria de ser.

4 Troque uma imagem pela outra. Agora, a imagem da pessoa que você gostaria de ser é grande e colorida. Abra os olhos.

5 Repita este processo com rapidez umas cinco vezes. E agora, faça o teste. Tente trazer de volta a antiga imagem. Se a imagem antiga estiver ainda forte, repita o processo.

Embora não seja mágica, as pessoas que usam a Tela Mental conseguem mudar hábitos bem antigos. Use a Tela Mental toda vez que se sentir prestes a retomar um comportamento desnecessário⁷⁴.

Estas técnicas são repetidamente reproduzidas nas reuniões mais uma das respostas do VP, as instrumentalização dos discursos científicos utilizados pela psicologia como meio de trabalhar as condutas. Pois, segundos a pesquisas acerca da “Programação Neurolingüística” (PNL), é possível mudar o padrão da estrutura mental para uma outra experiência neutralizando os experimentos negativos⁷⁵.

⁷⁴ Para uma vida melhor 7 Ponto flex. Weight Watchers Internacional, Inc. 2005.

⁷⁵ Disponível em:

<http://www.ibrapa.com/website/conteudo.asp?cod=1464&idi=1&id_website_categoria_conteudo=4499>.

Acesso em 12/11/2007

Nestas alusões sobre a tela mental estão vinculadas as técnicas de condicionamento e adestramento que se manifestam com saberes que envolvem o sujeito sem que ele se de conta das ingerências sobre o que há realmente por traz desses artifícios técnicos. Que são usados para recondicionar os sujeitos.

E dentro dessa busca incessante por uma vivência saudável o corpo é a chave de atuação do poder, que pode expressar-se como uma vida autogovernada, mas dentro dos moldes estabelecidos pela dinâmica da sociedade moderna capitalizada, onde o diverso é um outro não aceitável.

Recarregado as baterias da sua motivação você estará melhor dia após dia. Somos iguais a um carro se não carregar a bateria ele não anda, o tanque pode estar cheio de gasolina, mas sem bateria não vai, ele não anda. Da mesma forma somos nós, e a carga para nossa bateria são as palestras em grupo que nos motivam a continuar.

Como exemplo para os associados a orientadora contou-lhes uma fábula sobre as pedras que se encontram nos caminhos de cada um:

Havia um rei em um reino muito distante e os seus súditos todos os dias falavam mal dele. Ele juntou alguns funcionários do reino e foram a uma estrada que dava acesso ao reino e mandou colocar uma pedra enorme bem no meio da estrada. A pedra era realmente pesada, mas poderia ser removida com muita dificuldade por qualquer pessoa que por ali passassem. O rei pediu aos seus funcionários que fossem para casa e ficou a certa distância do onde foi colocada a pedra. Sentado, em baixo de uma árvore, na sombra e água fresca passou a observar escondidinho quem por ali passava, sem ser visto por ninguém. Ele ficou ali todo o dia olhando todos os que passavam. Passou um homem viu a pedra e desviou e foi embora. Um outro grupo de homens também se deparou com o obstáculo, e começaram a falar mal do rei. Que o rei não prestava nem para mandar tirar aquela pedra do caminho, e deixar a estrada livre, e que seus funcionários nada faziam. Outros passaram e fizeram a mesma reclamação. Mas apareceu um camponês com um saco nas costas cheio de tomate, abóbora e batata – deveria ser dos Vigilantes do Peso (risos) - quando ele viu a pedra no meio do caminho colocou o saco no chão e tentou remover a pedra que ali estava. O rei de longe a tudo assistia. O camponês continuou a sua tentativa, pois para remover a pedra era necessário muito esforço. Seu suor pingava do rosto e a sua roupa ficou toda molhada na tentativa de retirar a pedra que fora propositadamente colocado pelo rei no caminho dos súditos. E finalmente quando conseguiu remover o obstáculo do caminho estava cansado e todo molhado pelo suor da tentativa. A estrada já não estava mais obstruída e, a pedra fora atirada para longe. Cansado o camponês voltou e pegou seu saco e colocou novamente nas costas avistou uma sacola que estava debaixo da pedra. Depositou novamente o saco que trazia no chão e foi ver o que continha a sacola. Para sua surpresa a sacola estava cheia de dinheiro e ouro e um bilhete, que o rei havia escrito dizendo: – ‘tanto o ouro quanto o dinheiro que estão nesta

sacola pertencerá a quem remover a pedra que esta obstruindo o caminho dos súditos do reino.

Nesta pequena fábula contada pela orientadora estão de maneira sub-reptícia as relações da bio-política enquanto critério de interação política entre o condutor e os conduzido. O rei não esta expresso naquele que deveria fazer as melhorias no reino conduzindo da melhor maneira as vidas dos súditos.

Mas os critérios da bio-política como nos disse Agambem esta dentro das possibilidades de saber quem governa quem. A figura do camponês representa aquele que se governa e na exceção da vida simples têm as forças para se conduzir. E o resultado desse esforço é expresso em bonança financeira.

No tom das reuniões de auto-ajuda ilustração diz que se os VP não tiverem forças para retirar as pedras de seus caminhos não conseguira chegar ao seu premio. A condição de poder conduzir-se expressa as noções da bio-política neoliberal que tem como suporte a interação entre a condução de si tendo como medida as conduções do outro social.

A moral da estória foi esclarecida pela orientadora:

Nós vemos um obstáculo e logo começamos a reclamar. Fazemos críticas ao marido que esta sempre trazendo doce para casa, reclamamos da empregada que coloca óleo na comida. Colocamos defeito em tudo e o defeito esta em nós mesmos. Não precisa ficar reclamando o tempo todo de tudo é só não comer. Eu sempre estou dizendo não tem marido nenhum apontando um trinta e oito na cabeça da gente e obrigando nós comermos, ou dizendo engole e engole tudo (risos).

Nesta fala se observa a atuação do obeso em relação a sua sociabilidade. A culpa é externalizada e se identifica como o fator da compulsão a família, os amigos a sociedade como um todo. Decerto que de maneira inconsciente revela que as agruras a que esta relacionada ao mal da obesidade se vincula com o ambiente social, que não conduz de maneira sensata as crises e a vida dos compulsivos.

A sociedade e o sujeito não se interagem de maneira adequada há rupturas entre os parâmetros da condução do corpo em relação às medidas exatas impostas que resultam muitas vezes em fracasso, e esses parâmetros a serem seguidos individualmente imposto pela referência social se colidem. Estas rupturas impõem ao sujeito obeso uma interação social estranhada e de difícil aceitação.

A orientadora diz: os vigilantes aconselham cada um têm que fazer a sua parte:

Para ser feliz é muito simples basta querer. Eu vou contar uma coisa para vocês quando eu estou na faculdade na hora do recreio. Eu vejo aquela rapaziada comendo pão de queijo, cada pão enorme que parece que o queijo vai cair de dentro dele. Eu pego a minha maçã, que equivale a um ponto, de dentro da minha bolsa e como me alimentando bem. Eu não fico incomodada se alguém vai pensar alguma coisa. Nada disso eu me sinto até melhor comigo mesma porque estou resistindo as minhas pedras. Sei bem que um pão de queijo pode ser bom e não me restrinjo quando quero, mas não o coloco como uma pedra a ser tirada do meu caminho. Eu escolho como quero me alimentar.

Esta fala é ilustrativa, pois revela como seguido as medidas relacionadas a condução da vida sugerida pelos VP se consegue obter uma a vitória em relação aos hábito alimentares. E o fato de fazer faculdade também se faz como um novo desafio a ser conquistado e da mesma forma se relaciona ao sucesso de ter vencido o obstáculo da gordura e assim freqüentar outros ambientes aptos a sua nova maneira de se conduzir. Após dizer suas atitudes em relação aos alimentos e como conseguiu perder e manter o peso ideal despediu-se de todos desejando boa noite e uma ótima vigilância a todos.

Essas configurações sobre a forma física que observamos no discurso sobre o corpo obeso através de empresas que atuam na correção e atenuação do risco corporal da obesidade enquanto, fator para doenças e estranhamento estético revela que os cuidados com o corpo envolvem toda uma prescrição para a vida do sujeito.

De manhã à noite dia após dia, os Vigilantes do Peso sugerem um controle sobre si mesmo, readaptando as formas corporais, por meio, de um reajuste alimentar que se realiza através da atuação das injunções sociais contemporâneas acerca de como o corpo deve ser e quais os riscos que um corpo fora do padrão cultural oferece a sociedade.

Os Vigilantes do Peso atua dentro das especificações da economia de mercado moderna ao sugerir que o sujeito é o dono do seu próprio corpo. E no corpo esta o meio para obter as suas realizações, sejam elas financeiras, estéticas ou de saúde. Esta finalidade tem como pano de fundo um investimento sobre a qualidade de vida desejável para que o individuo viva bem socialmente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao pesquisar o programa de emagrecimento dos Vigilantes do Peso, observamos as dinâmicas das relações de poder que tem como efeito a construção de uma nova corporalidade contemporânea. Na atual fase do capitalismo, o corpo tornou-se alvo de franquias de auto-ajuda, que apelam para uma nova consciência corporal e para a nova dimensão da saúde. Entretanto, nessas novas práticas, diferentemente das formas subjetivadoras que apelam para a anamnese e para o conhecimento de si, os VP apenas pretendem uma retificação dos hábitos alimentares de seus usuários.

Essa nova forma de correção dos corpos atua sem que o sujeito faça uma imersão para dentro de si (interiorização). O que está em jogo é uma subjetividade que se abre para a cura sem uma exigência de compreensão reflexiva do sujeito. É um controle sobre as condutas, sem um entendimento das razões que tornam uma pessoa obesa, ou seja, única. Os VP assim apresentam uma nova dinâmica de des-subjetivação em que os indivíduos podem obter cura sem produzirem conhecimento sobre suas próprias histórias?

Os VP apenas imprimem nos sujeitos uma disciplina e um autocontrole que permitem ao indivíduo obeso sentir-se melhor e aceito socialmente. O espelho dos VP atenta para a aceitação das formas gerais com que o corpo aparece na cena pública, como corpo magro e saudável. Não interessam as forças que atuam no corpo (como a sexualidade e o poder), mas sim a possibilidade do uso de uma calça apertada e de uma blusinha “top” “que possibilite por a barriga a mostra”.

Dentro das especificações da economia de mercado moderna, os VP parecem estar perfeitamente adaptados à ordem política neoliberal que vincula o corpo ao mercado de consumo compulsivo. São novas especificações da vida que emergem em torno ainda da noção de bio-política, em que o sujeito não é impresso com uma identidade em sua subjetividade, mas sim é objetivado através da superficialidade e da efemeridade das necessidades de consumo.

Os VP portanto parecem apontar para uma nova dinâmica social em que a dimensão política do corpo perde espaço para uma dimensão menos essencializada do corpo enquanto receptáculo de objetivações. Embora o corpo ainda seja o objeto por excelência das relações de poder, para os usuários dos VP, das academias, das novas formas de tratamento, das cirurgias plásticas é o cabide onde se inscrevem os olhares dos outros, é o espaço superficial onde se depositam as esperanças de fazer parte de um mundo midiático e consumista. Em sua

posição de elemento vivo, histórico e parte que conecta o homem ao mundo natural, o corpo que está em evidência na sociedade pós-tradicional é um corpo sem tradições. Ele não é mais fronteira entre o dentro e o fora, entre o eu e o nós, entre a liberdade e o poder. Caminhamos para um mundo em que o corpo pode ser decomposto, modulado, transformado, consumido pela indústria estética e dos sonhos. É o fim do conhecimento? É o limiar entre o corpo-máquina e o corpo-virtual?

O que se desprende do corpo nos VP são os discursos que narram a vida diária dos seus usuários. São as confissões que tornam possíveis o reconhecimento de mentalidades governadas por artifícios simples, que agem na transformação do corpo. Os VP demonstram a fragmentação da tradição como disse Giddens (1997). Essas novas evidências das mecânicas de poder que se disseminaram em nosso cotidiano apresentam a transferência dos mecanismos da pastoral cristã para dentro da economia de mercado. Dentro do discurso da beleza, operacionaliza-se a transformação corporal como economia monetária das condutas: emagrecer para comprar aquela roupa, para comer aquela comida, para aparecer naquela festa, para ser aceito no ambiente doméstico.

A pesquisa constatou que a transformação do corpo que está ocorrendo de forma disseminada em nossa sociedade, na perspectiva das ações dos VP, aponta para o papel da dietética como nova forma de cuidado com o corpo e como recuperação da sociabilidade. Devemos pensar, juntamente com as terapias hormonais e com a engenharia genética, se não é o caso de um mundo em que o corpo teria chegado ao seu fim? Diante dessas novas técnicas de transformação corporal, não estamos colocando em risco o corpo ou as subjetividades que se construíram a partir e em torno dele?

O elemento “trans” ainda não foi observado com devida importância, salvo algumas considerações das Ciências Sociais acerca da transformação corpos masculinos em femininos e vice-versa, sugerindo não apenas uma mudança de sexos, mas também no gênero e na sexualidade, como denota Berenice Bento (2006). Devemos ir um pouco mais longe quando tratamos da temática sobre o corpo e nos perguntarmos “qual a agenda política em relação às novas investidas do poder sobre o corpo com anormalidade”? Ou até mesmo quais são as intenções da política pública ao investir sobre a transformação dos corpos através de discursos vinculados aos riscos?

No caso da obesidade no Brasil, um exame minucioso acerca da sua medicalização enquanto doença ainda está por ser feito. Enquanto objeto de investimento, o corpo obeso, quer pelas políticas de Estado na área da saúde, quer pelos centros especializados de grandes empresas da área médica, vem sendo bem representado. Estudos abrangem medicina,

nutrição, ciências sociais e psicologia formando uma espécie de interdisciplinaridade pautada, sobretudo pela posição do objeto corpo-obesidade. No entanto, no cotidiano do brasileiro, as pessoas parecem estar desamparadas diante do sobrepeso. Na rede pública de saúde, o tratamento ainda é tímido, embora as preocupações com a obesidade mórbida apareçam através das cirurgias bariátrica como meio de atingir uma população desnutrida e com excesso de medidas corporais. Mesmo com as pesquisas envolvendo os mais renomados especialistas e a mais alta tecnologia as preocupações com a obesidade ainda não atingiram grande parte da população. Também não há uma ampla varredura sobre a incidência da obesidade no país. Mesmo que haja um diagnóstico, através de pesquisas promovidas pelo IBGE, ainda não há um extenso levantamento da “doença” no Brasil. Ainda não sabemos com certeza sobre a causa da obesidade no país.

Embora a pesquisa tenha observado avanços em relação à compreensão do corpo, no Brasil ainda há muitas mazelas. O corpo permanece incircunscrito em relação aos direitos, e obeso em relação à dieta alimentar regular. As técnicas de transformação corporal ainda não estão disponíveis para a maioria da população, ainda mais se pensarmos nas tecnologias do eu escavadas nos fins do século XX, como modo de uma dietética para a vida bem governada. No Brasil, tudo isso ainda é fenômeno recortado pela propaganda da televisão. Os investimentos tecnológicos colocam o corpo do brasileiro dentro do debate global, assim como as maneiras de investigá-lo se coadunam com as novidades técnicas que surgem dentro dos mais sérios centros de estudos do mundo.

Com as doenças, e os riscos a elas associados, crescem os mecanismos de controle corporal. Desenvolvem-se meios de aprimorar as suas aptidões e os seus genes são aprimorados, sugerindo uma transformação ontológica na organicidade física. Rumamos à seriação da vida biológica em consonância com a seriação já iniciada na modernidade dos modos de vida moral. Com esta possibilidade podemos pensar, como fez Agamben (2002), em um corpo sem proteção vivendo em pleno estado de exceção, cujo poder ao abrangê-lo o faz como recurso para a manutenção da soberania. O corpo soberano pauta-se por critérios que, enraizados na ordem política, se manifestam por mecanismos em que a vida torna-se simplesmente descartável: uma forte objetivação do corpo das celebridades e uma total descartabilidade dos corpos dos condenados e dos pobres (e dos obesos?).

Com as novas projeções do corpo, o que restará da vida enquanto matéria física? Estamos de acordo com o fim do corpo, uma vez que já fora enunciada a morte do homem? Esses novos processos de des-subjetivação que circundam as nossas vivências estão demarcando a fronteira entre a transformação das aptidões e a virtualidade do corpo?

E o que nos restará para sabermos o que somos em relação à dinâmica do consumo e frente às produções maciças que se perfazem em subjetivações? Resta para nós compreender quais os caminhos que queremos para, assim ter o corpo que queremos e a identidade que desejamos.

O uso de novas modalidades técnicas do poder sobre a conduta, como os Vigilantes do Peso, demonstra que o poder age de maneira multiforme. Ajusta-se a novas situações populacionais sem a necessidade de atuar como algo que seja centralizado em um bloco maciço de onde emana uma ordem a ser cumprida. A tecnologia de poder desenvolvida na modernidade permite sua ação descentrada e multifacetada.

Como disse Foucault (2000c), o poder age na microfísica social e atua sobre a forma de condução do corpo. Ao mesmo tempo o poder é medida das maneiras de ser do sujeito. São tecnologias de poder que alcançam cada vez com maior intensidade as unidades físicas dispostas dentro da sociedade. São processos que antes da liberação dos corpos, estão atuando de maneira sutil sobre a vida e sobre o corpo. A eficácia do poder desses novos dispositivos de normalização das condutas e da corporalidade é visível dentro dos locais onde se concentram as pessoas que buscam transformação. Para além das formas de subjetivação e de normalização do corpo, trata-se de novas formas de condução da vida, engendradas e desenvolvidas na modernidade. Os VP são exemplos de novas formas de capitanear a vidas dos sujeitos, sem o uso da força física, mas também sem incitar a luta. Eles são maneiras de agir sobre as condutas sem liberar os sujeitos de seus corpos e de suas necessidades, sempre renovadas e colocadas na dinâmica do esvaziamento do sentido coletivo da vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio: “*Dor e sofrimento: presenças ou ausências na obra de Foucault*”. In: BIROLI, F; ALVAREZ, M.C. Michel Foucault: *Histórias e destinos de um pensamento*. CADERNOS DA F.F.C 2000. v.9, n.1. (p. 11 – 33)

AGAMBEM, G. *Homo Sacer*: O poder soberano e a vida nua. Ed. UMFG, 2002.

ALVAREZ, M.C. Sociedade Conhecimento e Poder. In. *Seminário Temático*. IV. SP, 1993, p.59-89.

_____. Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. In: ????

ANDRADE, D. Pereira. *Para além da loucura e da normalidade: a experiência de si como transgressão nos textos autobiográficos de Nietzsche*. Dissertação de mestrado apresentada ao departamento de sociologia da faculdade de Filosofia e ciências humanas da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Prof. Dr. José Carlos Bruni, como requisito parcial para a obtenção de título de mestre em sociologia.

BENTO, B. A. M. Da transexualidade oficial às transexualidades. In: *Sexualidade e Saberes: Convenções e fronteiras*. Orgs. Adriana Piscitelli, Maria Filomena Gregori e Sérgio Carrara. RJ: Garamond, 2004.

BAUMAM, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro:ed:Zahar,2001.

BIROLI, F; ALVAREZ, M.C. Michel Foucault: *Histórias e destinos de um pensamento*. CADERNOS DA F.F.C 2000. v.9, n.1.

BOLTANSKI, LUC. *As classes sociais e o corpo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal.1989.

BUENO, Maria Lucia; CASTRO, Ana Lúcia. (Orgs.) *Corpo território da cultura*. SP: Annablume, 2005.

BRUNI, J.C. O silêncio dos sujeitos. In.*Tempo Social*. São Paulo: USP,1989, p.199-207.

CARNEIRO, J. RIVAR. GOMES, M. DE B. A obesidade. In. Endocrinologia – Diagnóstico e Tratamento. RJ: MEDSI, 1998.p. 243-259.

COSTA, J. Freire. *O sujeito em Foucault: estética da existência ou experimento moral?* In: ARAUJO, L.B.L; BARBOSA, R. J. C. *Filosofia política e modernidade*. Rio de Janeiro: ed. UERJ, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. *Os StarKhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo*. In: . In: SANT' ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. (Org.). São Paulo: Estação liberdade, 1995. p. 81-114

DHOQUOIS, Régine. O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX) proteção da produtora ou da reprodutora? IN: Maria Izilda S. De Matos E Rachel Soihet(Orgs.) *O Corpo Feminino Em Debate*. 1.ed. SP: Ed Unesp, 2003.

DELEUZE, Gilles. Désir et plaisir. Magazine Littéraire. Paris, n. 325, oct, 1994, pp. 57-65. Disponível In: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/art07.html>>. Acesso em: 21. dez. 2007

FAERMAN, M. O mulherengo Gilberto Freire. Status. São Paulo, p. 26-34, set. 1985. Disponível em: <http://www.mitologica.com.br/joomla/index.php?option=com_content&task=view&id=38&Itemid=2> .Acessado em 02. dez. 2007.

FISCHLER, C. Obeso benigno obeso maligno. In: SANT' ANNA, D. B. (Org.). *Políticas do corpo*. (Org.). São Paulo: Estação liberdade, 1995. p. 75.

FONSECA, M. Alves da. Michel Foucault e o Direito. Ed. Max Limonad. SP, 2002.

FOUCAULT, M. “A Governamentalidade”. In: *A microfísica do poder*. 5 ed. RJ: Graal, 2000. (c) (p. 277 -293)

FOUCAULT, M. As verdades e as formas jurídicas. R.J: ed.Nau,1999 (a).

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 25 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *O sujeito e o poder*. In: Dreyfus, H. e Rabinow, P. Michel Foucault uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. 6 ed. SP: Loyola, 2000. (a)

_____. *A arqueologia do saber*. 6 ed. RJ: Forense Universitária, 2000. (b)

_____. *A microfísica do poder*. 5 ed. RJ: Graal, 2000. (c)

_____. *A história da loucura*. 6 ed. SP: Perspectiva, 2000. (d)

_____. *A história da sexualidade*. V. I. 14 ed. RJ: Graal, 2001.

_____. *A história da sexualidade*. V. III. 13 ed. RJ: Graal, 1999 (b).

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade – curso no Collège de France 1975-1976*. São Paulo; Martins Fontes, 2000 (e).

_____. *Une esthétique de l'existence (entretien avec A. Fontana)*. Le monde, 15-16 juillet 1984, p. XI. IN: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 730-735.

_____. <Technologies of the self>< Les Techniques de soi >; Université du Vermont, outubro, 1982; trad. F. Durant-Bogaert). In: Hutton (P.H.), Gutman (H.) e Martin (L.H.), ed. *Technologies of the Self. A Seminar with Michel Foucault*. Anherst: The University of Massachusetts Press, 1988, pp. 16-49. *As técnicas de si*. Traduzido a partir de FOUCAULT, MICHEL. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 783-813, por Wanderson Flor do Nascimento e Karla Neves.

GIDDENS, A. *A transformação da intimidade*. São Paulo: Unesp, 1993.

_____. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. GIDDENS, A. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Ed Unesp. S/P 1997. 2º Ed.

GILMAN, Sander, I. *Obesidade como deficiência: o caso dos judeus*. In: *Cadernos pagu* (23). Julho-dezembro de 2004, pp. 329-353. (tradução: Richard Miskolci; Revisão Heloisa Buarque Almeida)

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. RJ: Zahar, 1982.

_____. *Manicômios prisões e conventos*. SP: Perspectiva, 1974.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. 8ª ed. RJ: Vozes, 1999.

HABERMAS, H. *O futuro da natureza humana*. 1º ed. SP: Martins Fontes, 2004.

LE BRETON, D. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEBRUM, G. *Transgredir a finitude*. In: In Ribeiro, R.J. *Recordar Foucault*. SP: Brasiliense, 1985, p. 196-208.

ONFRAY, M. *A escultura de si: a moral estética*. Rio de Janeiro. Rocco; 1995.

_____. *O ventre dos filósofos: crítica da razão dietética*. Rio de Janeiro. Rocco, 1990.

MISKOLCI, R. *Corpos elétricos: do assujeitamento a estética da existência*. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 14 (3): 272, Setembro – dezembro 2006. p. 681 – 693

MACHADO, R. *Ciência e Saber: a trajetória da arqueologia em Michel Foucault*. 1 ed. RJ: Graal, 1982.

MAGALHAES, B. R. *Nietzsche e o corpo*. In: Pagni, P. (org.). *Universidade e contemporaneidade: produção do conhecimento e formação profissional – coletânea de textos*

do VI Simpósio em Filosofia e Ciência. Marília: FFC/Marília/Unesp – Comissão permanente de publicações, 2005. CD-ROM. ISBN 858673828-X

MAUSS, MARCEL. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. EPU: Edusp (2v). 1974.

MATOS, M. I. S; SOIHET, R. (Org) O corpo feminino em debate. São Paulo: ed. UNESP, 2003.

MURCHAIL, S.T. O lugar das instituições na sociedade disciplinar. In: Ribeiro,R.J. *Recordar Foucault*. SP: Brasiliense, 1985.p.196-208.

QUEIROZ, Renato da Silva. (org) *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. SP: Editora SENAC, 2000.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu do corpo*. RJ: Ed. Achiamé LTDA. 1975.

SEGURADO, Rosemary. “*As novas tecnologias e is impactos no corpo*”, In: BUENO, Maria Lucia; CASTRO, Ana Lúcia. (Orgs.) *Corpo território da cultura*. SP: Annablume, 2005.

SOUZA, L.A.F. “*Tendências atuais nas áreas de segurança pública e de policia: revisitar Foucault ou uma nova sociedade de controle*”. In: Biroli, F; Alvarez, M.C. Michel Foucault: *Histórias e destinos de um pensamento*. CADERNOS DA F.F.C 2000. v.9, n.1.

_____. Criminologia, Direito Penal e justiça criminal no Brasil: Uma revisão da pesquisa recente. BIB: revista Brasileira de informação bibliográfica em Ciências Sociais. N. 59, 2006. SP: ANPOCS.

ZORZETTO, RICARDO; BICUDO, FRANCISCO. O Sacrifício duplo compensa. In: *Revista Pesquisa FAPESP*. Dez.2003. Nº 94.

PAIVA, FRED MELO. Em busca da aura perdida. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 12 dez. 2004. Caderno Aliás, p. J4-J5.

JUNIOR, LUIZ COSTA PEREIRA. O gosto Da Classe A. In: *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 12 dez. 2004. Caderno Aliás, p.J5.

WANNMACHER, L. Obesidade: evidências e fantasias. In: Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde – Brasil, 2003. Disponível em: <http://opas.org.br/medicamentos>

OBESIDADE. Disponível In:<<http://.gastroweb.com.br/imgendos.htm>>. Acesso

ORTEGA, F. Ética do Prazer e Moral do Desejo (Instituto de Medicina Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Disponível In: <http://www.sescsp.org.br/sesc/revistas/janela_prazer.htm >. Acesso em 21. jan. 2008.

VIGILANTES do Peso: Release geral. Disponível In: < www.vigilantesdopeso.com.br>. Acesso em: